

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

GABRIEL MACHADO FRANCO

**AUTOGESTÃO: O COTIDIANO DE UMA COOPERATIVA DE RECICLAGEM EM
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

Sorocaba
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

GABRIEL MACHADO FRANCO

**AUTOGESTÃO: O COTIDIANO DE UMA COOPERATIVA DE RECICLAGEM EM
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, para a obtenção do título de mestre em Engenharia de Produção.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Saltorato

Sorocaba
2017

Machado Franco, Gabriel

Autogestão: O cotidiano de uma cooperativa de reciclagem em um estudo etnográfico / Gabriel Machado Franco. -- 2017.

114 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Saltorato

Banca examinadora: Profa. Dra. Patrícia Saltorato, Prof. Dr. Caio Luis Chiariello, Profa. Dra. Andréa Regina Martins Fontes

Bibliografia

1. Organização do Trabalho. 2. Cooperativismo. 3. Autogestão. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

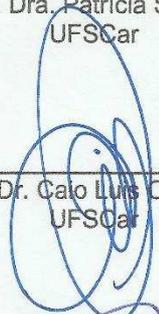
Centro de Ciências em Gestão e Tecnologia
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

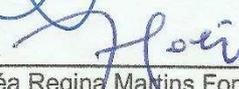
Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Gabriel Machado Franco, realizada em 17/03/2017:



Prof. Dra. Patrícia Saltorato
UFSCar


Prof. Dr. Calo Luis Chiariello
UFSCar


Prof. Dra. Andréa Regina Martins Fontes
UFSCar

AGRADECIMENTO

A minha família por possibilitar que eu chegasse até aqui.

A minha namorada pelo apoio e compreensão das horas que dediquei ao trabalho.

A minha orientadora Patrícia por sempre ter acreditado no meu potencial.

A CAPES pela bolsa concedida que me permitiu dedicação exclusiva à pesquisa.

A Central de Reciclagem de Sorocaba pela oportunidade de realizar a pesquisa etnográfica.

Aos cooperados que me receberam e compartilharam momentos únicos durante o trabalho.

E aos meus amigos pelas conversas transformadoras.

RESUMO

FRANCO, Gabriel Machado. Autogestão: o cotidiano de uma cooperativa de reciclagem em um estudo etnográfico. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

A autogestão praticada nas atuais cooperativas perdeu a grandiosidade da sua origem, quando foi pensada como um sistema de governo onde o povo seria soberano e as decisões fluiriam de baixo para cima. A autogestão cooperativista, apesar de conservar o ideal de democracia, está longe de almejar uma transformação da sociedade, pois a sua luta encontra-se limitada, embora seja de grande importância, em capacitar os cooperados a gerirem o próprio negócio. Considerando-se a autogestão como um projeto inacabado, faz-se necessário conhecer a sua prática cotidiana, a luz da organização do trabalho, para poder compreender quais fatores interferem no seu desenvolvimento e consolidação. A pesquisa etnográfica foi escolhida como método de pesquisa para cumprir tal tarefa, pois permite este mergulho no cotidiano da organização. A pesquisa foi realizada em uma cooperativa de coleta seletiva, utilizando a pesquisa etnográfica e adotando a observação participante como principal método de coleta de dados, onde o pesquisador trabalhou como cooperado em diversas atividades do setor produtivo da organização. Através da imersão do pesquisador no cotidiano da cooperativa, foi possível estabelecer um debate sobre a influência das práticas adotadas pela organização do trabalho na implementação da autogestão. Os dados coletados na pesquisa participante foram transcritos em um diário de campo logo após cada dia trabalhado, também foram realizadas entrevistas por pautas e entrevistas informais com informantes-chaves da organização, além da análise de documentos e a realização de fotografias. A análise dos dados produziu um relato etnográfico escrito em primeira pessoa, onde é discutida a influência da organização do trabalho na autogestão. Constatou-se que a delegação da administração da cooperativa para um gestor externo durante a sua criação, dificultou a posterior transferência da administração para os próprios cooperados e inibiu a politecnicidade, por separar a administração da produção. Também foi possível verificar que a inexistência de uma política de rodízio de funções cria uma especialização de funções na cooperativa e enfraquece o coletivo de trabalhadores. Já a propriedade coletiva dos meios de produção e a divisão igualitária das sobras estabelece uma fiscalização coletiva como forma de controle do trabalho e educa o cooperado sob novos valores, transformando-o em um trabalhador mais solidário, político e autônomo.

Palavras-chave: Autogestão. Coleta seletiva. Cooperativismo. Etnografia. Politecnicidade.

ABSTRACT

The self-management practiced in the current cooperatives lost the grandeur of their origin, when it was treated as government system where the people would be sovereign and the decisions would flow from the bottom up. The cooperative self-management is far from seeking a transformation of society despite preserving the ideal of democracy. Because their fight is limited to enable the workers' cooperative to manage their own business, although this struggle is of great importance. Considering self-management as an unfinished project, it is necessary to know your daily practice through the organization of work to understand what factors interfere in their development and consolidation. Ethnographic research was chosen as a research method to accomplish this task because it allows this diving in the daily life of the organization. The research was carried out in a waste picker cooperative using ethnographic research and adopting participant observation as the main method of data collection, where the researcher worked as a workers' cooperative in several activities of the productive sector of the organization. Through the immersion of the researcher in the daily life of the cooperative it was possible to establish a debate on the influence of the practices adopted by the organization of work in the implementation of self-management. The data collected in the participant research were transcribed in a field diary shortly after each working day, were also performed informal interviews and interview by guidelines with key informants of the organization, well beyond the analysis of documents and making photographs. The analysis of the data produced an ethnographic account written in first person, where the influence of work organization on self-management is discussed. It was found that the delegation of the management of the cooperative to an external manager during its creation made it difficult for the administration to be transferred to the own workers' cooperative and inhibited politecny by separating the administration of the production. It was also possible to verify that the lack of a rotation policy creates a specialization of functions in the cooperative and weakens the collective of workers. Already the collective ownership of the means of production and the equal division of profits establishes a collective control as a form of work control and educates the cooperative under new values turning it into a more supportive, political and autonomous worker.

Keywords: Self-management. Selective Collection. Cooperativism. Ethnography. Politecny.

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	OBJETIVO.....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1	A ORIGEM DO COOPERATIVISMO.....	12
2.2	ECONOMIA SOLIDÁRIA: DA ALTERNATIVA DE RENDA À OUTRA ECONOMIA.....	15
2.3	HETEROGESTÃO, BUROCRACIA E ALIENAÇÃO.....	18
2.4	EMANCIPAÇÃO DO TRABALHADOR.....	21
2.5	IMAGINÁRIO SOCIAL E EDUCAÇÃO.....	24
2.6	POLITECNIA.....	30
2.7	AUTOGESTÃO: UM NOVO/VELHO CONCEITO DE GESTÃO.....	32
2.8	COLETA SELETIVA.....	36
2.9	ETNOGRAFIA.....	40
3	MÉTODO.....	41
4	CARACTERIZAÇÃO DA COOPERATIVA.....	44
4.1	O SURGIMENTO DA CENTRAL DE RECICLAGEM DE SOROCABA.....	44
4.1.1	A criação da Ecoeso.....	45
4.1.2	A criação da Reviver.....	45
4.1.3	A criação da Catares.....	46
4.1.4	O surgimento da Central de Reciclagem de Sorocaba.....	46
4.2	A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA COOPERATIVA.....	46
4.3	O PROCESSO DE TRABALHO NA COOPERATIVA.....	49
4.3.1	Coleta dos materiais.....	49
4.3.2	Triagem dos materiais.....	51
4.3.3	Prensagem dos materiais.....	54
4.3.4	A venda dos materiais.....	55

5	ANÁLISE DA PRÁTICA DA AUTOGESTÃO NA COOPERATIVA ATRAVÉS DO ESTUDO ETNOGRÁFICO	56
5.1	A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA	56
5.2	A GESTÃO DA COOPERATIVA.....	58
5.3	A POLITECNIA NA COOPERATIVA	61
5.3.1	A politecnia na gestão.....	61
5.3.2	A politecnia na coordenação da produção	61
5.3.3	A politecnia na produção da cooperativa.....	63
5.4	A TROCA DE FUNÇÕES.....	67
5.5	TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	72
6	RESULTADOS OBTIDOS.....	77
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
8	REFERÊNCIAS.....	81
9	APÊNDICE A: DIÁRIO DO ESTUDO ETNOGRÁFICO	85

1 INTRODUÇÃO

Os trabalhadores dos países industrializados e em desenvolvimento, mais do que dantes, estão em constante alerta quanto ao seu futuro incerto, pois os seus direitos trabalhistas vêm sofrendo com as políticas neoliberais que barateiam o custo da mão-de-obra afim de manter as empresas competitivas frente ao mercado mundial.

A redução dos direitos trabalhistas tiveram seu início na década de 1970, quando a regulamentação estatal, que protegia os direitos sociais, começou a ser confrontada pelo desenvolvimento de políticas neoliberais que ensejavam o enxugamento do papel do estado na regulação da economia e na defesa dos direitos sociais (LIMA & SOUZA, 2014).

As políticas neoliberais ganharam força devido ao desenvolvimento de tecnologias de informação que possibilitaram as empresas a transferir sua produção para países onde as leis trabalhistas são mais modestas (SINGER, 1999). Esta possibilidade de internacionalização da produção gerou uma desindustrialização dos países onde o operariado já tinha consolidado seus direitos trabalhistas, favorecendo o surgimento de políticas que buscavam diminuir a regulação estatal e os gastos sociais afim de baratear o custo da mão de obra e assim manter as empresas em seus países.

A internacionalização da produção somada a automação da produção diminuiu a oferta de emprego e aumentou o desemprego, enfraquecendo o poder de barganha dos sindicatos frente aos empregadores (Singer, 1999).

A abertura dos mercados para a concorrência global forçou as empresas a reduzirem custos para se manterem competitivas e os maiores prejudicados foram os trabalhadores que sofreram os impactos da terceirização, intensificação, flexibilização e conseqüentemente precarização do trabalho. Este novo contexto econômico Harvey (2008, p.140) caracterizou como acumulação flexível que é marcada pela “flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”.

Este cenário de fragilização das relações trabalhistas foi o alicerce para a revitalização de práticas associativas, cooperativas e solidárias que forneceram aos trabalhadores excluídos da lógica capitalista uma alternativa de renda (GAIGER, 2013). Este conjunto de práticas “orientadas por uma racionalidade que concilia solidariedade e desempenho econômico” (GAIGER 2015, p.8), presam pela manutenção do trabalho e se opõe a lógica de acumulação capitalista fazem parte de um movimento multifacetado denominado Economia Solidária.

As cooperativas, de um modo geral, estão inseridas na Economia Solidária por partilharem princípios de democracia administrativa e econômica, autonomia, educação cooperativista, intercooperativismo e sustentabilidade (Aliança Cooperativa Internacional, Disponível em: <<http://ica.coop/en/what-co-operative>>, Acessado em: 15/06/2016).

Mas o cooperativismo contempla um universo muito amplo de distintas cooperativas, que envolve as cooperativas empresariais, das quais os cooperados são associados e não trabalhadores; as cooperativas “de fachada”, que são cooperativas criadas para se valer do marco legal cooperativista com o intuito de terceirizar e baratear a mão-de-obra; e por fim, as cooperativas genuínas, que são criadas por obra dos próprios cooperados para proverem renda e funcionam através de uma lógica democrática e solidária (GAIGER, 2013).

Deste modo é necessário fazer um recorte sobre as cooperativas genuínas, ou segundo Cançado (2005) as cooperativas populares, que possuem como elemento distintivo a concepção da autogestão.

A autogestão seria a gestão da cooperativa pelos próprios cooperados, ou segundo a análise de Motta (1981, p. 212) sobre a proposta autogestionária de Proudhon é “a negação da burocracia e de sua heterogestão, que separa artificialmente uma categoria de dirigentes de uma categoria de dirigidos”.

A autogestão na prática cotidiana das cooperativas está mais para uma filosofia em constante aperfeiçoamento, ou um objetivo norteador da organização do que uma característica consolidada (LECHAT & BARCELOS, 2008). Sendo que desta forma, é preciso olhar para dentro das cooperativas para tentar desvendar através das suas práticas cotidianas quais fatores organizacionais que corroboram para o desenvolvimento da autogestão nas cooperativas e quais fatores dificultam a sua implantação.

Para possibilitar um olhar mais próximo da realidade cotidiana da autogestão, foi escolhido o estudo etnográfico como instrumento de análise da organização do trabalho com o objetivo de contemplar a influência dos cooperados sobre os processos organizacionais.

A etnografia busca, através de um certo processo de aculturação do pesquisador, a reunião de um número máximo possível de dados que permitam a compreensão do universo cultural de uma determinada comunidade (CAVEDON, 2008).

Um dos métodos de possibilitar a aculturação do pesquisador e assim, realizar a pesquisa etnográfica, é através da observação participante. Na pesquisa participante o processo de coleta de dados se dá no ambiente natural do pesquisado e o pesquisador tenta, na medida do possível, trabalhar como um membro da organização para então, decodificar as práticas cotidianas daquele grupo (SERVA & JÚNIOR, 1995).

A organização escolhida para o estudo é uma cooperativa de coleta seletiva que realiza a coleta, separação e venda de materiais recicláveis. A pesquisa etnográfica através da observação participante foi realizada através da inserção do pesquisador como trabalhador da cooperativa, em diversas etapas do processo produtivo.

Desta forma o presente trabalho pretende utilizar o método etnográfico através da observação participante para obter um quadro mais próximo da realidade e buscar desvendar as práticas cotidianas da organização do trabalho que interferem no desenvolvimento da autogestão da cooperativa, seja favorecendo ou bloqueando a sua consolidação.

1.1 OBJETIVO

O presente estudo pretende analisar a prática cotidiana da autogestão em uma cooperativa de coleta seletiva, através de um estudo etnográfico, no qual o pesquisador trabalhou junto com os cooperados e vivenciou o dia a dia de um processo de trabalho autogestionário.

O estudo do cotidiano da autogestão almeja analisar as práticas da organização do trabalho de uma cooperativa específica, a fim de estabelecer um debate sobre a contribuição destas práticas na consolidação da autogestão, seja favorecendo ou não este processo.

Partindo do princípio que a cooperativa estudada está imersa no modo de produção capitalista e, portanto, deve operar com eficiência econômica para prover um retorno financeiro aos seus cooperados. O debate sobre a prática cotidiana da autogestão se estenderá para além da organização, e contemplará a influência do mercado capitalista sobre a gestão da cooperativa.

Desta forma, ao término deste estudo é esperado que as seguintes questões sejam discutidas:

- Quais práticas da organização do trabalho contribui para a consolidação da autogestão e quais práticas atrapalharam este processo?
- Como a autogestão na organização é influenciada pelo mercado competitivo que exige eficiência econômica das organizações?
- A autogestão na cooperativa torna-se um instrumento que contribui para a reprodução do capital, ou apresenta-se como um elemento de ruptura com o sistema hegemônico?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica tem início no capítulo 2.1 com a origem do cooperativismo e a sua relação com os sindicatos. Já no tópico 2.2 é realizada uma revisão sobre a Economia Solidária e os formatos de cooperativas existentes.

No capítulo 2.3 a revisão adentra na discussão sobre o sistema capitalista e a sua produção heterogestionária e burocratizada que aliena o trabalhador, essa discussão se aprofunda no item 2.4 quando apresenta a autogestão como ferramenta capaz de propiciar a emancipação do trabalhador. O próximo tópico 2.5 relaciona a produção capitalista como formadora de um imaginário social que naturaliza a submissão e apresenta a cooperativa autogestionária como capaz de desconstruir este imaginário.

O capítulo 2.6 apresenta a politecnia como opositora a heterogestão, e condição fundamental para a autogestão. Em seguida, no item 2.7 a autogestão é conceituada e as suas características são apresentadas.

Logo após, no capítulo 2.8 é realizado um panorama sobre a coleta seletiva no Brasil e o seu papel na cadeia reversa pós-consumo. E a revisão é finalizada no tópico 2.9 com uma breve descrição sobre o que é a Etnografia.

2.1 A ORIGEM DO COOPERATIVISMO

O cooperativismo, desde seus primórdios, foi um movimento de resistência dos trabalhadores contra a tendência do capitalismo de eliminação de postos de trabalho e acumulação de capital.

Segundo Singer (1998) as primeiras cooperativas foram um desdobramento da criação dos *trade clubs*. Os *trade clubs* surgiram paralelamente à revolução industrial, com o objetivo de iniciar os aprendizes através da capacitação de uma profissão, gerar um fundo de pensão no caso de algum sócio precisar de um auxílio enfermidade, estabelecer um endereço para os mestres de ofício e instituir as regras de ofício com relação ao número de profissionais e a sua base salarial.

A invenção da fição, da tecelagem e posteriormente da máquina à vapor representou um grande avanço tecnológico através do aumento da produtividade e do volume de produção, gerando a desvalorização de muitos ofícios que passaram a ser realizados por máquinas, o que justifica a união destes trabalhadores qualificados em *trade clubs* e assim delimitar o número de trabalhadores para regular a oferta de mão-de-obra e aumentar o poder de barganha contra os empresários (SINGER, 1998).

Já o surgimento da primeira cooperativa da história, de acordo com Singer (1998), foi obra dos trabalhadores empregados nos estaleiros de Woolwich e Chatham em 1760. Estes trabalhadores dependiam dos moinhos para processar seus cereais, mas os proprietários dos moinhos cobravam altas taxas pelo serviço, deste modo os trabalhadores construíram moinhos em base cooperativa para não se submeterem mais as taxas de serviços impostas pelo monopólio local.

Já as cooperativas de consumo surgiram através dos trabalhadores explorados pelas fábricas que utilizavam as quedas de água como força motriz. Estes trabalhadores moravam ao redor das fábricas, pois estas eram afastadas das cidades, e deste modo, as fábricas exerciam um monopólio com relação ao aluguel das moradias e a venda de mantimentos. Os trabalhadores para lutar contra esta exploração formaram cooperativas de consumo para poder aumentar a escala de compra e assim conseguir negociar os preços impostos pelos proprietários (SINGER, 1998).

Neste mesmo período histórico do início da revolução industrial, Robert Owen (1770,1858), um industrial do ramo têxtil, apresentou um plano ao governo britânico que propunha que, ao invés de simplesmente distribuir dinheiro aos pobres, fosse comprado terras para que eles pudessem fundar aldeias cooperativas, produzir a própria subsistência e ainda, conseguir trocar o excedente produtivo entre as aldeias (SINGER, 2002).

Mas o governo britânico se negou a implementar o plano de Owen, pois começou a tornar-se claro que o plano proposto não desejava somente promover o barateamento do sustento dos pobres, o projeto visava uma mudança total do sistema a partir da abolição das empresas capitalistas. Logo, Owen perdeu os seus financiadores da classe alta e acabou se mudando para os Estados Unidos para tentar aplicar o seu plano em uma país novo, mas as suas ideias se transformaram em diversas cooperativas criadas por seus discípulos por toda parte (SINGER, 2002).

Quando Owen voltou para a Inglaterra, ele arquitetou um plano para a criação de organizações socialista de produção em bases de uniões paroquiais, condados e provinciais que tinham o objetivo de transformar as empresas em cooperativas. Ele o apresentou ao congresso britânico com o nome de *Gran National Moral Union of the Productive Classes of the United Kingdom* (Grande União Nacional Moral das Classes Produtivas do Reino Unido) (SINGER, 1998).

Este plano foi recebido com hostilidade pela burguesia patronal que começou a demitir seus funcionários, estes por sua vez começaram a se filiar as cooperativas, já as cooperativas tinham que sustentar os novos afiliados e não permitir que outros aceitem a trabalhar na empresa

capitalista. A disputa de poder entre os sindicatos e os patrões gerou *lockautes* (demissões em massa) causados pelo patronato organizado, onde as cooperativas não conseguiam sustentar todos os afetados resultando no fim da Grande União Nacional Moral. A ofensiva contra o sindicato também enfraqueceu o giro de mercadorias da bolsa de intercambio de trabalhadores, que concomitantemente ao desequilíbrio das demandas das mercadorias por ela oferecidas, culminou no seu fim (SINGER, 1998).

Um outro marco para o legado cooperativista foi a criação em Rochdale na Inglaterra (1844) a *Society of Equitable Pioneers*. Esta Sociedade dos Pioneiros Equitativos de Rochdale entrou para a história por ter sido a primeira cooperativa que conseguiu condensar em oito princípios as práticas utilizadas por outras cooperativas e com isso garantir a consolidação do empreendimento. A Sociedade dos Pioneiros de Rochdale era formada por tecelões que tinham o objetivo de criar uma comunidade autossustentável através da construção de um armazém que provesse os mantimentos para os associados, a construção de moradias para os membros e a criação de produtos para oferecer ocupação aos cooperados (SINGER, 1998).

Todo o desenvolvimento da Sociedade dos Pioneiros de Rochdale foi baseado em oito princípios que sustentaram o desenvolvimento a longo prazo da organização e evitou o seu desmonte:

- 1º princípio: gestão democrática, onde cada sócio tinha direito à um voto;
- 2º princípio: abertura da cooperativa para qualquer pessoa que quisesse se associar;
- 3º princípio: o capital investido tinha uma taxa fixa de juros, para que o excedente não fosse apropriado pelos investidores;
- 4º princípio: as sobras da cooperativa deveriam ser distribuídas entre os associados de acordo com as compras realizados pelos mesmos na cooperativa;
- 5º princípio: a cooperativa só poderia vender à vista;
- 6º princípio: a cooperativa só poderia vender produtos puros e de boa qualidade;
- 7º princípio: os sócios deveriam receber uma educação voltada aos princípios cooperativistas;
- 8º princípio: a cooperativa deveria assumir uma postura neutra com relação à política e a religião. (SINGER, 1998).

A Cooperativa de Rochdale cresceu rapidamente nos seus primeiros anos, mas este crescimento foi auxiliado pelo investimento de acionistas que eram remunerados com uma taxa fixa de 10% sobre o capital investido. A cooperativa tornara-se cogestionária, ao invés de autogestionária, pois a sua administração era partilhada entre os acionistas (que não eram trabalhadores) e os cooperados trabalhadores que possuíam interesses contraditórios. Mas

devido a uma redução da produção da indústria têxtil, os cooperados sofreram um corte do bônus, que recebiam por ser trabalhadores, que culminou no fim da organização cooperativa, embora ela tenha continuado a funcionar como empresa (SINGER, 2002).

Portanto, o princípio cooperativista acabou sendo desvirtuado e a cooperativa acabou se tornando uma fonte de lucro para investidores acionistas. Entretanto, o legado da cooperativa prevaleceu e o seu sucesso tornou esta experiência modelo para as cooperativas que surgiram posteriormente.

2.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA: DA ALTERNATIVA DE RENDA À OUTRA ECONOMIA

É indiscutível que o cooperativismo nasceu no mesmo berço das lutas sindicais e político-partidárias, nas quais ganhou forma e vigor o movimento operário. Nenhuma dessas três frentes conduziu aos epílogos revolucionários, ardorosamente esperados e preconizados como via de passagem ao socialismo; nenhuma escapou a desvirtuamentos e instrumentalizações, por vezes com desenlaces trágicos. Mas nenhuma, tampouco, deixou de afetar radicalmente a face do capitalismo e de alimentar aspirações e ideais que seguem impelindo indivíduos e coletividades a lutarem contra a iniquidade e a desumanização (GAIGER, 2013, p. 212).

O cooperativismo sempre foi um movimento de resistência contra a hegemonia do capital e o berço da Economia Solidária se encontra nos ideais socialistas de Robert Owen e nas experiências deixadas pela cooperativa de Rochdale de 1844 (LAVILLE & GAIGER, 2009).

Quanto aos antecedentes históricos brasileiros para o nascimento da Economia Solidária, pode ser destacado o catolicismo social que exerceu influência na criação das primeiras cooperativas no Brasil. Primeiramente, através dos Círculos Operários, que começaram a organizar o operariado em 1932 visando a criação de uma “ordem social cristã” para transformar os cidadãos do país em fiéis cumpridores da legislação. Para tanto os circunistas criaram departamento assistenciais para os operários com relação ao ensino, saúde, cultura e lazer. Em 1940 os circunistas criaram o departamento cooperativistas que culminou na criação de cooperativas de produção, consumo e crédito (SOUZA, 2002 apud LIMA & SOUZA, 2014).

Um outro influenciador do cooperativismo no Brasil foi o frei João Baptista Pereira dos Santos que inspirado pelos operários católicos franceses, que começaram a produzir em formato

autogestionário, defendeu a criação no Brasil de comunidades de trabalho. Estas comunidades de trabalho representavam uma saída para as contradições do capitalismo e do socialismo, uma “terceira via” defendida pelo solidarismo cristão no contexto mundial (LIMA & SOUZA, 2014).

Esta “terceira via” ou “caminho alternativo” inspirou também um padre chamado José María Arizmendiarieta (1915-1976) a criar a primeira cooperativa, em 1956, do maior complexo cooperativo do mundo denominado Mondragon Corporação Cooperativa (MCC).

Para Arizmendiarieta o cooperativismo significava uma “terceira via” que fugia do capitalismo egoísta e do socialismo despersonalizante, ou segundo as palavras do padre “O terceiro caminho de promoção paralela ao capitalismo individualista e ao coletivismo sem alma. Seu centro e eixo é a pessoa humana em seu contexto social” (AZURMENDI, 1984, p. 777 apud MONDADORE, 2013, p.35).

Atualmente o Complexo Corporativo Mondragon conta com 103 cooperativas, 1 organização de assistência mutualista, 8 fundações, 125 subsidiárias produtivas, 13 departamentos internacionais e 13 organizações de assistentes (<http://www.mondragon-corporation.com/eng/about-us/economic-and-financial-indicators/> recuperado em 18, junho, 2016)

Mas as 125 subsidiárias produtivas, que foram criadas através do processo de internacionalização da produção, empregam mão-de-obra assalariada nos países que a cediam que conforme o trabalho de Mondadore (2016):

“o processo de internacionalização da MCC e a forma como se organiza fora do País Basco é uma escolha pragmática e econômica, capaz de viabilizar a competitividade das cooperativas no mercado, além de manter e financiar as suas estruturas solidárias no País Basco. Porém, a Mondragón de lá desenvolve com a Mondragón daqui uma relação que está longe dos ideais do cooperativismo, pois, trata-se de uma relação, ainda que harmônica, sem a propriedade dos meios de produção e com uma relação de assalariamento que está envolto em relações de exploração e dominação.” (MONDADORE, 2016, p. 112)

A estratégia adotada pela Mondragon foi uma saída para que as cooperativas do país Basco se mantivessem competitivas frente ao mercado mundial. A utilização de mão-de-obra assalariada, nas plantas subsidiárias distribuídas pelo globo que sustentam o excedente produtivo dos cooperados, representa uma contradição que as cooperativas precisam enfrentar para se manterem eficientes dentro da lógica do mercado capitalista.

Mas conforme descreve Tauile (2009) eficiência está relacionada aos efeitos esperados, e desta forma ela deve englobar além da rentabilidade econômica, a criação de postos de trabalho, a qualidade de vida de todos envolvidos com a organização, a preservação ambiental e a valorização do ser humano. Portanto, segundo o autor as cooperativas devem receber subsídios do poder público para se manterem competitivas no mercado.

Contudo, independente das cooperativas conseguirem receber benefícios estatais pela função social que desempenham, permanece o desafio dos empreendimentos econômicos solidários de se manterem competitivos, articulando mecanismo internos solidários dentro de um contexto do mercado capitalista, sem desvirtuar o aspecto social que o inspira (LIMA, 2010; CHIARIELLO & EID 2014).

Mas este desafio de conciliar solidariedade e desempenho econômico não é uma necessidade para todas as cooperativas, pois muitas cooperativas existem apenas para oferecer um retorno aos associados/acionistas, que empregam mão-de-obra assalariada seguindo a lógica capitalista, ou para terceirizar a mão-de-obra através de cooperativas e assim baratear o custo com recursos humanos.

As cooperativas são híbridas quanto aos seus princípios e as suas funcionalidades, elas podem ser vistas como um recurso de terceirização de mão-de-obra para reduzir custos, ou uma alternativa de renda para os excluídos do capitalismo, ou na sua forma mais transgressora, como um movimento que se opõe a lógica capitalista e que constrói a partir das contradições uma outra economia mais humana e solidária afim de superar a lógica dominante.

Deste modo é preciso distinguir as cooperativas pertencentes à Economia Solidária, ou seja, as cooperativas que buscam colocar o trabalho à frente do capital e desta forma, buscam deixar o controle da organização nas mãos dos próprios cooperados, das cooperativas que são somente uma ferramenta, uma fachada para baratear o custo da mão-de-obra, representando a união de empresários que se utilizam da legislação sobre as cooperativas como mais uma fonte de retorno dos investimentos.

Para Gaiger (2013) as cooperativas podem ser divididas em cooperativas empresariais, cooperativas de “fachada” e cooperativas genuínas. Nas cooperativas empresariais os membros são associados, mas não trabalhadores das cooperativas, ou a cooperação acontece em favor das suas empresas privadas. Nestas cooperativas, apesar de, às vezes, possuírem uma gestão democrática, os interesses individuais se sobrepõem ao interesse coletivo e ao utilizarem estratégias semelhantes às empresas capitalistas, são desprovidas de um cunho solidário.

Já as cooperativas de “fachada” não são criadas por obra dos próprios trabalhadores e sim de empresas que desejam utilizar os benefícios legais das cooperativas, como sendo a união

de trabalhadores autônomos, para terceirizar uma mão-de-obra mais barata e seguir a tendência da acumulação flexível.

E na contramão desta tendência estão as cooperativas “genuínas” que nascem da associação de trabalhadores com objetivo de obterem renda através da união de forças e buscam administrar a organização democraticamente.

Para contribuir com o trabalho de identificar as diversas faces do cooperativismo, Cançado (2005) distingue as cooperativas tradicionais das cooperativas populares por estas últimas serem “organizações autogestionárias de grupos populares, onde a propriedade dos meios de produção é coletiva, integrando três dimensões: econômica, social e política”.

Na concepção do autor o emprego da autogestão secciona as cooperativas populares das demais cooperativas, pelo fato das cooperativas populares serem capazes de desencadear um processo emancipatório onde o trabalhador através do exercício da autogestão “possa reconhecer-se como protagonista de sua história” (CANÇADO, 2005, p. 13)

Partindo da concepção do emprego da autogestão como mecanismo emancipador e fator distintivo que segrega as cooperativas que pertencem à Economia Solidária das cooperativas que trabalham em prol do capital, é preciso analisar mais de perto a autogestão na prática cotidiana e a sua diferença com relação as empresas tradicionais e sua organização heterogestionária.

2.3 HETEROGESTÃO, BUROCRACIA E ALIENAÇÃO

O termo autogestão foi utilizado como conceito pela primeira vez em 1950 pelo partido comunista iugoslavo que desejava atrair a participação dos cidadãos nas empresas e nas instituições municipais. Em 1968 na França, o termo autogestão assumiu o contexto de uma democracia radical que excluía os partidos como representantes dos cidadãos e propunha a volta às origens do socialismo, baseado nas perspectivas do comunismo (MOTHÉ, 2009)

Mas apesar do conceito de autogestão só ter aparecido nos meados do século XX, ele já fazia parte dos escritos de um filósofo chamado Pierre-Joseph Proudhon em 1849, um século antes do termo ser cunhado.

Proudhon, apesar de nunca ter usado o termo “autogestão”, idealizava uma sociedade organicamente autônoma composta pela coordenação de grupos se auto administrando, conservando a pluralidade social e fluindo as decisões da massa dos trabalhadores para o topo da união dos grupos (MOTTA, 1981)

Para Proudhon a autogestão “é a negação da burocracia e de sua heterogestão, que separa artificialmente uma categoria de dirigentes de uma categoria de dirigidos” (MOTTA, 1981, p.166).

A heterogestão representa a apropriação do saber do trabalhador pelo capital, esta apropriação foi um resultado histórico da superação da manufatura pelo maquinário, que permitiu aos proprietários dos meios de produção reunir dentro de fábricas os trabalhadores e desse modo extraírem a mais-valia.

A mais-valia ou mais-valor, seria o lucro obtido pelo proprietário dos meios de produção através da diferença entre o valor de venda do seu produto e o gasto despendido na sua produção, que inclui o consumo da matéria prima, o desgaste do maquinário e o custo da mão de obra. Desta forma, o trabalhador ao vender a sua força de trabalho ao seu empregador, ele possibilita que o seu contratante obtenha um lucro pelo fato que o seu trabalho gera mais valor ao produto do que é gasto com o seu salário (MARX, 2013).

Esse processo de apropriação do saber se intensificou com a divisão do trabalho do modelo fordista, pois quanto mais a produção era dividida em pequenas tarefas, mais o saber de cada trabalhador era diminuído proporcionalmente a tarefa específica que desempenhava.

Com a disseminação do Modelo Japonês e as vantagens da polivalência o saber do operário foi extrapolado para além da sua tarefa rotineira e específica, a função do trabalhador foi enriquecida, através da motivação para destinar toda a sua capacidade cognitiva em melhorar e controlar a sua própria atividade. Deste modo, a polivalência e a interiorização do controle da atividade pelo próprio trabalhador possibilitaram a flexibilização do processo produtivo (CHIARIELLO & EID, 2011).

Mas a polivalência não rompeu com a heterogestão, apenas tangenciou-a, pois o saber do trabalhador apesar de enriquecido, manteve-se nos limites das decisões operacionais. A polivalência desta forma, não rompe a cisão entre o dirigente e o dirigido ou, entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, e por não contestar a propriedade privada, mantém a oposição entre capital e trabalho (CHIARIELLO & EID, 2011).

A reprodução ampliada do capital é garantida através da heterogestão e a sua burocracia. A burocracia é o mecanismo que sustenta a heterogestão, pois através das suas normas impessoais o poder na organização é institucionalizado e a submissão do trabalhador perante o proprietário é mascarada. Desta forma a burocracia trabalha em favor da proteção da heterogestão (MOTTA, 1981).

A heterogestão representa a fragmentação do ser humano em dois tipos, o que concebe e o que executa o trabalho e a burocracia é responsável pela manutenção da hierarquização das

funções concepção e execução. Na pirâmide hierárquica da empresa heterogestionária um funcionário pode ter a dupla função de concepção e execução, um responsável por uma linha de produção por exemplo, concebe o trabalho dos operários mas também executa o trabalho do seu gerente. Nesta pirâmide hierárquica as ordens fluem de cima para baixo, enquanto que as informações fluem de baixo para cima (SINGER, 2002).

A hierarquia presente nas organizações heterogestionárias por meio da burocracia naturaliza a submissão do trabalhador, ocultando o poder em forma de autoridade. Este poder institucionalizado é apropriador do saber e alienante. Esta alienação é provocada pelos mecanismos que separam a relação dirigente-dirigido (MOTTA, 1981).

A alienação do trabalhador com os frutos do seu trabalho é o resultado da manutenção da propriedade privada como fonte de extração da mais valia, que através da burocracia presente na heterogestão condiciona o trabalhador a ser submisso. A propriedade privada representa fonte de lucro para o proprietário enquanto para o trabalhador é fonte de exploração, pois é um trabalho não pago na sua totalidade (MARX, 2006).

O trabalhador encontra-se submisso no interior da organização por ela prover, em forma de salário, a sua subsistência. Portanto o seu trabalho não representa um propósito final, e sim uma tarefa intermediária e obrigatória para a sua sobrevivência. Esta obrigatoriedade de trabalhar para conseguir salário configura-se um trabalho forçado, que transforma o trabalhador um ser alienado quanto aos frutos do seu trabalho (MARX, 2006).

Em primeiro lugar, o trabalho é exterior ao trabalhador, ou seja, não pertence à sua característica; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de martírio. O seu caráter estranho resulta visivelmente do fato de se fugir do trabalho, como da peste, logo que não existe nenhuma compulsão física ou de qualquer outro tipo. Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro (MARX, 2006, p. 114).

A alienação do trabalhador quanto ao seu trabalho é administrada através da burocracia que induz os trabalhadores a cooperarem por meio de mecanismos que vão desde a necessidade de salário, até a interiorização do controle por meio da polivalência.

A cooperação induzida dos trabalhadores convive com a competição entre os membros que desejam galgar os degraus da pirâmide hierárquica. Desta forma, as organizações hierárquicas estão sempre em busca de novas fórmulas que estimulem a cooperação de cada membro e extraia o máximo do seu engajamento no trabalho (SINGER, 2002).

As fórmulas gerenciais reforçam a alienação através de um enriquecimento mascarado do trabalho, as estratégias utilizadas pelas organizações para estimular a cooperação do trabalhador nada mais são que um ocultamento do poder através de mecanismos que tentam ressignificar o trabalho, atribuindo-o sentido para a vida do trabalhador.

Uma das fórmulas para enriquecer o trabalho é fornecendo autonomia para o trabalhador, mas esta autonomia forjada não é capaz de romper completamente a alienação, pois ela não contesta a propriedade privada, que é fonte de poder para o proprietário do capital e meios de produção e submissão para o trabalhador.

Logo a supressão da propriedade privada, mesmo não sendo condição suficiente para a superação da alienação, é condição *sine qua non* para o estabelecimento da autogestão e a eliminação da divisão entre trabalho intelectual e o trabalho manual (CHIARIELLO & EID, 2014).

2.4 EMANCIPAÇÃO DO TRABALHADOR

A alienação da força de trabalho ultrapassa o universo organizacional em que o trabalhador está inserido, pois um trabalhador alienado submete-se ao poder de outro, e ao ceder o seu poder de escolha na organização heterogestionária, ele também perde a capacidade de administrar a sua própria vida, e de ser autor da sua própria história (CATTANI, 2009).

Sendo assim, a superação da alienação do trabalhador é obtida através da sua emancipação, quando o trabalhador toma consciência que o seu futuro e o da coletividade que está inserido está em suas mãos e depende do seu engajamento como ser social para mudar o rumo da história.

A palavra emancipar é derivado do termo latino *emancipare*, de *ex* (fora de, não mais) e de *mancipium* (escravo, indivíduo dependente). Portanto, um trabalhador emancipado é um sujeito que se livrou do poder exercido por outro e conquistou a capacidade de reconhecer as normas sociais sem depender da interpretação imposta, ou consideradas naturais, por outros sujeitos (CATTANI, 2009).

Ao contrário do que acontece no sistema capitalista e na política neoliberal, o movimento da economia solidária visa edificar uma sociedade voltada para a

emancipação do ser humano. Um ser humano integral com sua inteligência, suas capacidades, seus desejos e necessidades, cujas qualidades individuais são valorizadas na medida em que são colocadas ao serviço da coletividade. A formação deste trabalhador associado deve ultrapassar a dicotomia do pensar e do agir, ultrapassar a dimensão do empreendimento, entender o contexto político e socioambiental mais amplo no qual se situa e trazer a compreensão de que somos o produto de uma longa história de dominação e de exploração. Por todas essas razões, como o fermento na massa, o caminho da transformação é lento, mas possível (LECHAT & BARCELOS, 2008, p.102, 103).

As cooperativas imersas na Economia Solidária têm o dever de cumprir esta função de emancipação do ser humano e torna-lo um ser integral, não mais reduzido a uma unidimensionalidade da realidade e sim, recuperar a sua complexidade como agente social (MOTTA, 1981).

Para tanto, é preciso recuperar o que havia de humano na relação produtiva, quando o ser social se afirmava através da sua produção e esta tinha valor de uso para a sua coletividade, mas que o modo de produção capitalista furtou (CHIARIELLO & EID, 2011).

A autogestão por ser um caminho para a emancipação do trabalhador, para que ele se torne um ser social ativo da sua comunidade. A participação nas discussões e decisões do coletivo é uma escola que educa e conscientiza, tornando o trabalhador mais seguro de si, mais confiante e realizado. É preciso considerar que o mérito principal da autogestão não é a eficiência econômica e sim o desenvolvimento humano que ela favorece aos cooperados (SINGER, 2002).

Quando o trabalhador começa a vivenciar os problemas enfrentados pela cooperativa, ele começa a perceber que, ao participar das decisões, ele não é mais um espectador das mudanças que o cerca e sim agente das próprias mudanças. Esta oportunidade de participar das decisões desperta no trabalhador um sentimento de responsabilidade perante a sua comunidade, ele começa a perceber que é uma peça importante para sua organização e não mais um instrumento de uso.

Mas para que a autogestão alcance a emancipação do trabalhador, ela precisa desconstruir a fragmentação do trabalho do modo de produção capitalista, que transformou o trabalhador um ser submisso, alheio ao poder de outro e alienado quanto ao seu futuro.

O modo de produção capitalista, através da fragmentação do trabalho e da propriedade privada, construiu uma cultura do assalariamento que transformou o trabalhador estranho ao seu próprio trabalho e transformou o trabalho em força de trabalho. Quando este trabalhador entra na cooperativa, ele traz em si esta cultura e é tarefa da autogestão desconstruí-la.

Cultura do trabalho diz respeito aos elementos materiais (instrumentos, métodos, técnicas, etc.) e simbólicos (atitudes, idéias, crenças, hábitos, representações, costumes, saberes) partilhados pelos grupos humanos — considerados em suas especificidades de classe, gênero, etnia, religiosidade e geração. Determinada em última instância pelas relações de produção, nos remete a objetivos e formas sobre o dispêndio da força de trabalho, maneiras de pensar, sentir e se relacionar com o trabalho. Os grupos humanos trabalham de acordo com uma determinada cultura e, ao trabalharem, produzem cultura (TIRIBA, 2008, p. 85).

A apropriação da propriedade privada não é suficiente para que a autogestão supere a exploração e a degradação do trabalho calcada no modo de produção vigente. É preciso a utilização de instrumentos teórico-metodológicos que permitam aos trabalhadores compreenderem os sentidos do trabalho para que possam construir uma nova cultura do trabalho. E é na “escola do trabalho”, ou seja, nas práticas cotidianas do trabalho associado, que o cooperado atribui sentido as suas ações, portanto é fundamental que ele transforme suas experiências pregressas e atuais em atividades formadoras de um novo ser (FISCHER & TIRIBA, 2009).

A democracia presente na autogestão permite que o trabalhador se afirme como um membro ativo da comunidade que está inserida, através do seu direito ao voto nas assembleias, ou nas decisões corriqueiras do dia-dia é que o trabalhador forma uma opinião e aprende a defender seu ponto de vista.

Mas para o trabalhador expressar o seu ponto de vista, ele tem que se sentir à vontade no ambiente de reunião, para isso ele não pode sofrer represálias ao demonstrar sua ignorância em determinados assuntos. É preciso considerar que as cooperativas são formadas por membros com diferentes bagagens culturais, reflexo da desigualdade de renda do sistema capitalista, e para que as reuniões não se tornem um espaço constrangedor para um cooperado, diante de um militante, ou acadêmico, ou até mesmo outro cooperado, é preciso se valer de instrumentos teórico-metodológicos que amenizem essa desigualdade de conhecimento (MOTHÉ, 2009)

A desconstrução da cultura do trabalho assalariado também deve enfrentar a baixa qualidade da educação básica gratuita que é oferecida para a maioria da população e que contribui para a assimetria de distribuição do capital cultural e pela insegurança do cooperado em participar de determinadas decisões. Além da baixa escolaridade dos membros da cooperativa, outro agravante é a formação educacional voltada para as necessidades do mercado, que afeta toda a população (FISCHER & TIRIBA, 2009).

Destarte, para que a autogestão definitivamente alcance a emancipação do trabalhador, a sua prática cotidiana deve envolver estratégias para que suas reuniões proporcionem espaços onde seus membros se sintam seguros para expressarem suas opiniões e deste modo, seja possível desconstruir a cultura do trabalho assalariado, superar a desigualdade de capital cultural promovida pelo modo de produção capitalista e suprimir a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

2.5 IMAGINÁRIO SOCIAL E EDUCAÇÃO

Partindo do princípio que a supressão da propriedade privada não é suficiente, embora necessária, para a emancipação do trabalhador e para que a autogestão promova essa emancipação ela deve desconstruir a cultura do trabalho assalariado (FISCHER & TIRIBA, 2009). É necessário considerar que a cultura do trabalho assalariado faz parte do imaginário social forjado dentro do sistema capitalista.

O imaginário social é a interpretação da realidade gerando uma ressignificação do mundo, esta ressignificação cria uma realidade que está presente “num sem fundo imaginativo. A esta operação cirúrgica corresponde a aventura humana: realizar breves e constantes incisões de insólito no real” (PAULA et al., 2011, p. 328).

As organizações heterogestionárias naturalizam a relação dominante-dominado responsável pelo ordenamento social. Esta naturalização, nada mais é que um conjunto de significados que foram introduzidos na sociedade e agora estão enraizados psicológica e ideologicamente nas pessoas, compondo um universo simbólico que permeia as relações sociais (MOTTA, 1981).

... a reunião de comportamentos individuais, voltados para fins comuns, configura uma prática social na qual está presente um universo simbólico complexo. É, de resto, esse universo simbólico ou imaginário social, que reúne as representações pelas quais a sociedade identifica a si própria, identifica seus membros e distribui os papéis, bem como torna manifestos os fins a alcançar. Os imaginários tomam muitas formas, mas sua função social é semelhante. Trata-se da “naturalização” da dominação, através do não questionamento ou até da sacralização do ordenamento social vigente, da atribuição, a este, de um sentido ou, ainda, de sua contestação (MOTTA, 1981, p. 24 e 25).

A hierarquia presente nas organizações heterogestionárias são fontes de competições e tensões. Este efeito colateral da organização precisa ser amenizado para que se mantenha o controle da cooperação dos trabalhadores, para tanto, as regras de controle não podem ser

simplesmente impostas, elas precisam ser interiorizadas pelos seus membros e o imaginário social cumpre este papel de conferir um sentido para todo o ordenamento social vigente (MOTTA, 1981).

O trabalhador quando entra para a cooperativa, carrega consigo um imaginário social cunhado no modo de produção capitalista. Este imaginário tem a função de trazer significado para a relação dominante-dominado e deste modo naturalizar a hierarquia e mascarar o poder implícito no ordenamento social.

Ora, estamos falando aqui de um problema que remete, inevitavelmente, à noção de imaginário: um sujeito encarcerado pelo imaginário capitalista está diante de nós. Como já expomos, ele não percebe a prisão simbólica que o limita, e reproduz uma forma de agir e pensar que só encontra respaldo no sistema mercantil. Esse sujeito se conforma em tentar responder questões que nem sequer colocou, porque não consegue perceber a possibilidade de reinventar a sua realidade; esse sujeito não consegue expressar a sua subjetividade por que suas vias de trânsito foram bloqueadas, tamponadas pela corrida produtivista e encerradas no porão escuro das coisas sem importância; esse sujeito morreu, mas não sabe, ou melhor, nunca existiu; é um não-sujeito que opera engrenagens simbólicas sincronizadas, cujo conteúdo não se adapta à forma que propõe (PAULA et al., 2011, p. 331)

Quando este trabalhador começa a trabalhar na cooperativa, o seu imaginário social gerado no sistema capitalista entra em contradição com a estrutura organizacional cooperativa baseada na cooperação e igualdade. Logo, ele possui uma lógica individualista e competitiva dentro de um ambiente solidário.

Desta forma, para que a autogestão atinja todo o potencial desejado pela Economia Solidária, não basta, apenas, uma transformação estrutural da organização, é necessário também uma transformação cultural. Mas a impregnação de um imaginário capitalista dentro da Economia Solidária é um dos principais problemas enfrentados pelos empreendimentos solidários, pois esta lógica de pensamento capitalista sempre fez parte do imaginário dos trabalhadores (PAULA et al., 2011).

Apesar do trabalhador compreender a lógica solidária em que está inserido e deste modo se esforçar para agir cooperativamente com o objetivo de se socializar no seu novo ambiente, as suas ações inconscientemente estão condicionadas a operar com uma outra lógica, competitiva e individualista, e por não reconhecer a naturalização e interiorização do imaginário social capitalista nos seus pensamentos e ações, que esta transformação se configura tão difícil de acontecer.

Para agravar o problema, mesmo os membros mais antigos da cooperativa não se desvincularam totalmente do imaginário social capitalista, o que torna o ambiente das cooperativas estruturalmente solidário, mas culturalmente detentor de fragmentos individualistas e competitivos, dificultando ainda mais a transformação do imaginário do novo membro a partir da sua socialização.

Esta cultura influenciada pelo imaginário social capitalista dificulta o nascimento de uma nova visão de mundo, de uma nova sociedade baseada em valores solidários. Onde o trabalhador se encontre no seu trabalho, que ao desempenhar uma função para a sociedade ele se afirme como membro dela, um trabalho que traga significado para a sua vida. Uma sociedade que não precise sacrificar parte dela para que poucos sigam em frente, uma sociedade que não reine a desconfiança, mas que ofereça um sentido para a vida de cada um através do trabalho.

O florescer desta nova sociedade através da Economia Solidária depende da transformação do imaginário social dentro dos empreendimentos solidários. Desta forma, somente a mudança estrutural das organizações para formatos de cooperativas não é suficiente para desencadear uma mudança de valores na sociedade, é preciso que o trabalhador se livre das amarras do pensamento capitalista (PAULA et al., 2011)

Portanto, para que a autogestão desenvolva todo o seu potencial, alcançando a emancipação do trabalhador e extinguindo a naturalização da submissão é necessário que, além de desenvolver estruturas organizacionais solidárias, ofereça meios para transformar o imaginário social capitalista do trabalhador.

Para isso, é necessário novamente recorrer a dispositivos teórico-metodológicos que estimulem a crítica ao modelo social vigente e a desnaturalização das formas de submissão. Por tanto, se faz necessário um extenso trabalho de pedagogia crítica que fomente a contestação da realidade que é imposta e favoreça a modificação do imaginário social que fundamenta o modo como nos relacionamos com os outros e interpretamos o mundo (PAULA et al., 2011).

A estrutura organizacional da cooperativa, através da socialização dos meios de produção e a busca pela igualdade na divisão das sobras, embora não seja condição suficiente para a emancipação do trabalhador, contribui para a mudança da cultura do trabalho e do imaginário social que a sustenta.

O cooperado ao trabalhar na cooperativa se depara com uma estrutura organizacional de cunho solidário, que tende a valorizar o trabalho acima do capital. Essa estrutura solidária, diferente das empresas heterogestionárias não transforma o trabalhador em uma mercadoria que é utilizada para a obtenção de lucro,

Esta estrutura organizacional voltada à solidariedade ao acolher os trabalhadores, desconstrói em partes a cultura do trabalho assalariado. A propriedade e posse dos meios de produção possibilita aos trabalhadores desenvolver os saberes que foram fragmentados pela organização capitalista, e mesmo que de forma contraditória, ao se tornarem proprietário dos meios de produção, os trabalhadores desenvolvem relações de mercado e de convivência distintas da lógica capitalista (TIRIBA, 2008).

Nas cooperativas o trabalho é constituído sob novos valores, ao praticarem a cooperação, solidariedade e democracia, um novo conceito de trabalho é construído. Este trabalho ressignificado praticado cotidianamente, possui um caráter educativo por ser construído durante o processo de produção associada. Pois as relações internas entre os cooperados, onde o coletivo deve se sobrepor ao indivíduo e as relações externas com o mercado representam instrumentos de ampliação do conhecimento e saberes dos cooperados. A cooperativa, desta forma, se configura como um espaço de resgate da autoestima e formador de um ser humano integral (SANTOS & DELUIZ, 2009).

A formação dos trabalhadores reproduz a lógica do projeto societário que o engloba, portanto, a sociedade capitalista através de suas organizações que detêm a propriedade privada dos meios de produção tem negado ao trabalhador, através do desenvolvimento tecnológico e a divisão técnica do trabalho, os conhecimentos teóricos metodológicos que os capacita a dominar os fundamentos econômicos-filosóficos do mundo do trabalho (TIRIBA, 2008).

Deste modo, no atual contexto histórico de acumulação flexível, o projeto societário reproduz a lógica de uma perspectiva política-pedagógica que visa a educação para a empregabilidade, a educação para o empreendedorismo e a educação para o falso cooperativismo. Em todas as vertentes a educação é vista como meio para que o indivíduo possa adentrar no mundo do trabalho e assim usufruir dos benefícios do mundo globalizado (TIRIBA, 2008).

Nas organizações cooperativas esta visão da educação como porta de entrada para o mundo do trabalho também é verificada. Através de um estudo em uma cooperativa de produção, Galvão (2008) assinala que a importância que os cooperados dão a educação está restrita aos saberes técnicos e ressalta a necessidade das agências de fomento à economia solidária e ao cooperativismo em fornecer assessoria nos conhecimentos técnicos, políticos e a educação integral às cooperativas. Mas adverte sobre a tendência das cooperativas de manterem certa dependência com as assessorias, cabendo a esta última, um projeto de acompanhamento temporário que favoreça a autonomia da cooperativa.

Galvão (2008) também ressalta as posturas contraditórias encontradas entre os membros da cooperativa, que ao mesmo tempo que sabem da importância da democracia nas relações de trabalho, defendem a autoridade de membros que desempenham funções superiores. A resistência destas posturas contraditórias é fruto da cultura hierárquica e burocratizada que foi incorporada historicamente nos trabalhadores.

A cooperativa enfrenta uma contradição interna e externa. A contradição interna é fruto da tentativa de conciliar a autogestão, solidariedade e cooperativismo entre cooperados que trazem uma bagagem culturalmente hierárquica, burocratizada e submissa e ao mesmo tempo responder eficazmente as exigências de um mercado capitalista que exige eficiência econômica das organizações.

Já a contradição externa está relacionada ao papel que a cooperativa cumpre em absorver a massa de desempregados sem fornecer os benefícios trabalhistas, se configurando como um instrumento que está alinhado com o desassalariamento promovido pela acumulação flexível (BORTOLI, 2009). Entretanto, a cooperativa também cumpre o papel de transformação de trabalhador, buscando desconstruir o imaginário social capitalista para formar um ser humano integral, emancipado e capaz de mudar a realidade socialmente construída.

O processo de desconstrução e formação de um novo tipo de trabalhador acontece durante o cotidiano na cooperativa, ou seja, ela representa um lugar de aprendizagem, um espaço pedagógico. E a própria educação um é processo cooperativo, pois é construída através da interação entre os cooperados, a partir da necessidade da discussão sobre como fazer, ou pelo simples ato de fazer (FRANTZ, 2001).

A escola do trabalho, portanto, reproduz a lógica do tipo de organização que está inserida, e por sua vez, a organização reproduz a lógica do projeto societário que a engloba. Enquanto que a organização heterogestionária forma um trabalhador alienado, que possui somente o conhecimento necessário para desempenhar a sua função e que o é negado o acesso a todo o aporte econômico-filosófico que o permite descobrir o contexto de exploração que está inserido, a organização autogestionária busca formar um ser humano integral, dono de sua própria vida, que conheça todo o contexto histórico que propiciou a construção do seu imaginário social capitalista e que deste, deve se livrar.

Portanto, a produção associada necessita envolver uma escola do trabalho que faça parte de um novo projeto societário voltado para a emancipação da classe trabalhadora, utilizando a “pedagogia da produção associada” como instrumento para a emancipação do trabalhador.

No horizonte da sociedade dos produtores livres associados, denominamos "pedagogia da produção associada" o campo teórico-prático que visa ao estudo e à concretização dos processos educativos que têm como objeto de pesquisa e de ação a socialização, a produção, a mobilização e a sistematização de saberes sobre o mundo do trabalho que contribuem para a formação integral dos trabalhadores associados. Na busca de seus fundamentos nas práticas educativas da chamada economia solidária, sugerimos cinco eixos de análise.

Projeto societário

São feitas críticas à sociedade capitalista? Indica-se a existência de projetos societários em disputa? Anuncia-se a possibilidade de construção de uma nova sociedade? Qual o significado da propriedade coletiva dos meios de produção? Qual a relação entre economia solidária e projeto societário? Qual a relação entre projeto educativo e projeto societário?

Economia (popular) solidária

Qual a concepção de economia solidária? Seu objetivo é para amenizar a crise do emprego e a "dor dos pobres"? Reivindica-se o "popular" na economia? Quais os horizontes políticos, econômicos, sociais e culturais dos processos educativos? Busca-se a unidade entre objetivos econômicos e objetivos sociais? Em que medida o processo educativo persegue os princípios da economia solidária?

Solidariedade

O que se entende por solidariedade? Qual a relação entre pobreza e solidariedade? Em que medida a solidariedade se estende à comunidade local e à sociedade em geral? Que diferentes estilos de solidariedade são valorizados? Por que as pessoas devem ser solidárias? Qual a relação entre solidariedade e crise do Estado do Bem-Estar?

Trabalho e autogestão

O trabalho é compreendido como categoria central da formação humana e das relações sociais? O trabalho é compreendido como instância educativa? O trabalho é compreendido como princípio educativo? O que se entende por autogestão? Qual a relação entre cultura do trabalho e projeto societário? A autogestão é um princípio norteador da prática educativa? A prática educativa é, em si, autogestionária?

Educação e produção de saberes

Como é entendido o processo de produção de conhecimento? As práticas dos trabalhadores são valorizadas? O processo educativo tem como referência os saberes da experiência? Que saberes da experiência são explicitados? Os saberes acadêmicos são valorizados? Os saberes da experiência são articulados aos saberes historicamente acumulados e sistematizados? Qual a relação existente entre formação de trabalhadores e viabilidade econômica do empreendimento? Qual a diferença e como se relacionam a formação técnica e a formação política? Que peso tem a educação no processo de transformação social? (TIRIBA, 2008, p. 89 e 90)

O trabalho associado em si, por socializar os meios de produção e buscar uma divisão igualitária das sobras, é uma escola que trabalha contra a lógica capitalista e a favor do trabalhador, mas somente a sua estrutura organizacional solidária não basta para desconstruir o imaginário social capitalista, desenvolver um ser humano integral e assim alcançar a

emancipação da classe trabalhadora. É necessário recorrer à instrumentos teóricos-metodológicos que permitam o desenvolvimento de uma nova cultura do trabalho e a pedagogia da produção associada visa cumprir esta função.

2.6 POLITECNIA

A efetivação da autogestão em uma cooperativa depende da capacidade de seus membros de visualizarem uma outra realidade desvinculada das organizações heterogestionárias e seu modo de produção que naturaliza a submissão. Essa nova realidade só é possível quando o trabalhador se livra das amarras do imaginário social capitalista e acredita ser possível que os próprios trabalhadores consigam administrar coletivamente o empreendimento, sem serem submetidos ao poder de outro, que não seja da própria coletividade.

A transformação do imaginário social capitalista depende de um extenso trabalho de pedagogia crítica que permita aos trabalhadores contestarem o modelo social vigente e imaginarem um novo ordenamento social. Esta educação voltada para a conscientização da submissão que é imposta aos trabalhos pelas organizações heterogestionárias, deve acontecer tanto no âmbito escolar quanto no universo das cooperativas.

Dessa forma, a construção da autogestão está ligada a educação politécnica e sua aprendizagem não-autoritária. A aprendizagem não-autoritária busca impedir a internalização dos mecanismos de submissão e conformidade, fomenta o apoio mútuo e transforma a aprendizagem em uma prática contínua onde a experiência é ao mesmo tempo meta e combustível que a alimenta o ciclo de aprendizagem continuada (MOTTA, 2003).

Fazendo um paralelo aos trabalhadores o que Motta (2003) refere a educação infantil, esse processo de aprendizagem visa a construção da autonomia do trabalhador, que ele construa uma consciência crítica e autocrítica e que busque a promoção da pessoa humana.

A aprendizagem politécnica vai de encontro a aprendizagem voltada ao mercado de trabalho, que cumpre a função de preencher as lacunas do modo de produção capitalista através da formação de trabalhadores com capacidades específicas para determinadas funções, o chamado ensino profissionalizante que contribui para a expansão da separação das profissões manuais e intelectuais.

Mas é preciso entender que não existe uma separação entre trabalho manual puro e trabalho intelectual puro, o que existe são trabalhos predominantemente manuais e predominantemente intelectuais. Essa separação relativa, e não absoluta, é resultado de um

processo histórico de apropriação do saber operário que se iniciou na divisão de tarefas, quando os artesãos foram reunidos em um mesmo local para trabalhar em prol do capital e seus detentores dos meios de produção (SAVIANI, 1989).

O Taylorismo estudou os tempos e movimentos e dividiu a produção em tarefas simples para cada trabalhador, para que através da união das tarefas fosse produzido o produto final. Esse processo transferiu o saber operário para os donos do capital e dos meios de produção, separando a concepção da execução, introduzindo tempos e movimentos, que seguidamente do Fordismo, o espaço foi organizado rigidamente (MOTTA, 2003) deixando os trabalhadores limitados a uma parcela do saber produtivo.

A fragmentação do saber produtivo foi o resultado de uma concepção capitalista que buscou desapropriar o conhecimento do trabalhador, deixando o seu saber limitado para realizar uma simples tarefa. Essa fragmentação do trabalho e a especialização do trabalhador gerou a divisão entre concepção e execução do trabalho, que deixou os donos dos meios de produção e, posteriormente, os gerentes responsáveis pela concepção, enquanto a execução ficou a cargo dos trabalhadores.

A politecnia, literalmente significa múltiplas técnicas, um conjunto de técnicas fragmentadas, mas a ideia da formação politécnica não caminha para este sentido. “A noção de politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno” (SAVIANI, 1989, p. 17).

A formação politécnica visa garantir que o trabalhador domine o saber científico dentro do escopo da sua formação educacional, para que ele possa desempenhar qualquer função específica relacionada a esse saber científico. A politecnia parte do princípio que o trabalhador dominando os fundamentos científicos, ele é capaz de realizar as diferentes modalidades de trabalho, pois ele compreende a essência por trás do trabalho. Então, basta o treinamento prática para capacitá-lo a qualquer atividade dentro do escopo da sua formação teórica (Saviani, 1989).

No contexto do trabalho em cooperativas, a formação politécnica visa garantir que o conhecimento do trabalhador não seja limitado apenas a sua tarefa específica, é necessário que ele possua uma formação teórica científica que o permita desempenhar, sempre que preciso, outras atividades do processo produtivo. Seja por necessidade de cobrir a falta de outro membro, ou devido a política de rodízio de tarefas.

Mas pelo fato das cooperativas terem a administração autogestionária e, portanto, os cooperados são responsáveis pela produção e pela gestão do empreendimento, a formação teórica científica do trabalhador não deve ficar restringida somente ao ambiente da produção, ela deve englobar também as tarefas administrativas.

As cooperativas geralmente possuem cargos específicos para realizar a sua administração, e para efetivar a autogestão há um rodízio dos cooperados que ocupam estes cargos. Mas, se nem todos os cooperados forem capacitados para exercerem estas funções, o rodízio é prejudicado e a administração da cooperativa acaba sendo realizada por poucos cooperados.

Quando não é exercido o rodízio das tarefas administrativas, acaba se criando grupos especializados para estas tarefas, deixando o restante dos cooperados restritos as tarefas operacionais da produção. Essa criação de grupos especializados nas tarefas administrativas gera relações assimétricas de poder e separa a concepção da execução do trabalho, o que inibe a aplicação da politecnicidade (CHIARIELLO & EID, 2013).

A criação de relações assimétricas de poder também acontece na fixação dos trabalhadores em postos de trabalho do processo produtivo, pois gera a formação de grupos que detêm alguma competência específica e dessa forma a tarefa que este grupo desempenha pode se tornar estratégica para a agregação de valor (CHIARIELLO & EID, 2013).

Dessa forma, o rodízio das tarefas administrativas e do processo produtivo combate a separação entre concepção e execução do trabalho, pois permite a todos os cooperados participarem de todas as etapas do processo produtivo e da gestão do empreendimento, capacitando-os através da prática a definirem o seu próprio trabalho, sem precisar recorrer as ordens de outro membro.

Portanto, a busca pela autogestão do empreendimento perpassa pela politecnicidade e a sua formulação teórica que propõe a fusão entre o trabalho manual e o intelectual, permitindo o trabalhador se transformar em um ser completo, que domina os conhecimentos acerca do processo de trabalho e da gestão da organização, não permitindo mais a fragmentação do trabalho em profundas divisões técnicas (CHIARIELLO & EID, 2014).

2.7 AUTOGESTÃO: UM NOVO/VELHO CONCEITO DE GESTÃO

O termo autogestão foi utilizado como uma nova proposta de organizar a sociedade com o intuito de transferir o poder para o povo, para que as decisões sejam realizadas da base para o topo.

Esta proposta de reorganização da sociedade através da autogestão esteve presente em vários momentos da história. Nascimento (2003) sugeriu uma divisão das propostas autogestionárias em cinco ondas: a primeira onda seria o movimento dos visionários como Robert Owen e Proudhon; a segunda onda seriam os grupos e movimentos sociais como

marxismo e anarquismo; a terceira onda, as experiências práticas de autogestão como a Comuna de Paris (1871), a revolução espanhola de 1936-1939, a revolução Tcheca da “Primavera de Praga” em 1968; a quarta onda é definida como os novos sistemas de autogestão como a organização na produção (cogestão) e o sistema autogestionário da Iugoslávia (1950) e a quinta onda, mais recente, é caracterizada como o movimento da Economia Solidária.

Dentro do movimento da Economia Solidária, a autogestão não perdeu o seu cunho revolucionário de transformação da sociedade, ela ainda mira um horizonte onde as cooperativas organizadas em redes produzam todo o necessário para a população e que seus membros a dirijam coletivamente.

Mas a prática da autogestão está longe de envolver toda a sociedade, no momento ela se restringe a atuar somente dentro das cooperativas, através da sua gestão coletiva. Portanto, a autogestão dentro do contexto da Economia Solidária, embora almeje a transformação da sociedade, é tratada na maioria dos casos como a administração do empreendimento pelos próprios trabalhadores, por meio da gestão democrática.

Quando Nascimento (2003, p.1) define a Economia Solidária como “o conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com um certo grau de democracia interna e que remuneram o trabalho de forma privilegiada em relação ao capital, seja no campo ou na cidade” ele afirma que não é possível existir autogestão sem Economia Solidária, da mesma forma que não há economia solidária sem a autogestão.

Desta forma, a autogestão é uma radicalização da economia solidária pelo fato dos trabalhadores retomarem aquilo que foi apropriado pelo capital ao longo da história, se constituindo como “um ideal de democracia econômica e gestão coletiva que caracterizam um novo modo de produção” (NASCIMENTO, 2003, p. 1)

Ao tratar a autogestão como um ideal de democracia econômica e gestão coletiva, pressupõe-se que a autogestão não é um projeto acabado e sim um horizonte que se busca incansavelmente, que mesmo sem ser tocado, a cada passo que é dado em sua direção é uma vitória do trabalhador sobre o capital. “A autogestão não é uma qualidade que um empreendimento possua ou não, é um processo em constante gestação que pode sofrer avanços, mas também retrocessos. Aprende-se o que é autogestão, praticando-a. É um processo que exige vigilância (LECHAT & BARCELOS, 2008).

Portanto, a autogestão necessita da sua prática constante para se desenvolver e evoluir, mas esta prática não pode ser simplificada pelo exercício da democracia nas reuniões e assembleias, a autogestão exige o desenvolvimento cotidiano da autonomia de seus membros, para que eles se sintam responsáveis pelo sucesso da organização.

O exercício da democracia através da votação em reuniões, embora seja um importante catalisador da emancipação do trabalhador, pois fornece um espaço para que o cooperado exerça e defenda o seu ponto de vista, também pode ser um mecanismo que favoreça um pensamento que participar signifique apenas votar e escolher um lado.

Quando as decisões são tomadas apenas em assembleias formais e decididas através da votação, muitos cooperados acabam não exercendo a sua autonomia para resolver os problemas, reduzindo a sua participação para uma mera votação onde as opções já foram escolhidas, cabendo ao trabalhador apenas escolher em qual opção votar.

A participação pela votação também pode se tornar um mecanismo que visa mascarar o exercício de poder dos gestores sobre os demais membros da cooperativa, cabendo aos membros da cooperativa apenas a legitimação através da votação de uma decisão que já foi tomada antecipadamente. Se configurando como uma pseudoparticipação ao manipular os trabalhadores, fazendo que eles acreditem serem donos, quando na verdade estão submetendo o poder da coletividade a uma categoria de dirigidos (MORAES et al., 2009).

Quando o exercício da autogestão se resume na participação do trabalhador através da votação, se cria uma noção que a participação é o exercício do poder, mas de acordo com Motta (2003, p. 372) “Autogestão não é participação. Por autogestão se entende um sistema no qual a coletividade se auto administra. Portanto, não se trata de participar de um poder, mas sim de ter um poder”.

Deste modo, é importante considerar que embora a participação nas assembleias através da votação seja um mecanismo que favoreça a autonomia do trabalhador, este mesmo mecanismo torna-se um fator limitante para a sua autonomia, pois reduz a manifestação da sua autonomia em escolher entre as opções pré-definidas, não deixando o trabalhador exercer todas as suas potencialidades físicas e intelectuais para a resolução de problemas.

Pinheiro e Paula (2016) ao investigarem uma organização coletivista na Venezuela denominada Central de Cooperativas do Estado de Lara (CESOSESOLA) apresentaram uma alternativa utilizada pela organização para que as decisões não sejam tomadas apenas em assembleias. Como alternativa, a organização utiliza um conceito denominado responsabilidade individual coletiva. Este conceito consiste em dar autonomia para que os trabalhadores tomem decisões individualmente e depois assumam a responsabilidade das ações perante o coletivo.

Essa estratégia permite que o trabalhador se desenvolva e assuma decisões espontaneamente. As decisões tomadas são baseadas nos valores construídos pelo coletivo ao longo do tempo e caso alguma decisão tenha sido considerada um erro, este erro deve servir para novas reflexões (PINHEIRO & PAULA, 2016).

Uma outra característica importante da organização destacada no estudo de Pinheiro e Paula (2016) é a busca pelo consenso ao invés da votação. Conforme apresentado no estudo a votação tende a dividir o grupo enquanto que o consenso busca a integração e o entendimento do próximo, embora exija um esforço maior de compreensão e diálogo.

A responsabilidade individual coletiva e a busca pelo consenso representam os avanços das práticas autogestionárias que foram lapidadas ao longo do tempo pela força da experimentação, e é neste campo da experimentação que as práticas autogestionárias se consolidam.

Neste sentido, a sociedade autogestionária é uma sociedade de experimentação social, que se institui e se constrói por si-mesma. A autogestão é um método e uma perspectiva de transformação social. É um movimento, produto da experiência de vitórias e de derrotas; é um amplo processo de experiências em todo o conjunto da vida social. (NASCIMENTO, 2003, p. 3 e 4)

A experimentação social de práticas autogestionárias cumpre o papel de preencher uma lacuna deixada na área de gestão organizacional de empresas autogestionárias. Pois o sistema produtivo predominantemente heterogestionário construiu uma sociedade hierarquizada e burocrática que reproduz a dominação e exploração através da propriedade privada dos meios de produção formando trabalhadores submissos e alienados.

A classe trabalhadora foi educada desde a educação escolar até a formação acadêmica para ser uma peça que complete a hierarquia destas organizações, e os modelos de gestão foram criados para reproduzir a lógica heterogestionária. Portanto, os empreendimentos autogestionários crescem em um ambiente onde não há trabalhadores capacitados e nem modelos de gestão disseminados que cumpram essa tarefa de construir um novo formato de organização, novos tipos de relações sociais e quiçá uma nova sociedade.

A falta de preparo dos trabalhadores para atuarem em organizações autogestionárias é verificada pela dificuldade que eles possuem em participar da gestão administrativa. O pequeno número de cooperados que se sentem capacitados para participarem da administração impede a efetivação da prática dos rodízios dos cargos administrativos conforme verificado nos trabalhos de Chiariello e Eid (2014; 2015).

A dificuldade em realizar o rodízio dos cargos administrativos por falta de cooperados suficientes que se dispõem a realizar tal tarefa, revela a insegurança que os trabalhadores têm por não sentirem que possuem os conhecimentos necessários para desempenhar a atividade. Esta insegurança aliada ao longo histórico de submissão em empresas heterogestionárias cria um

imaginário coletivo que o trabalho intelectual, o qual está incluso a gestão, deve ser realizado pelo chefe, enquanto que para os demais trabalhadores é reservado o trabalho braçal. Este imaginário fruto da divisão social do trabalho dificulta o acesso aos conhecimentos da gestão, pois os trabalhadores sequer se sentem capacitados para conseguirem aprender tais fundamentos (MASCARENHAS, 2007).

Um outro problema enfrentado pelos empreendimentos autogestionários é a tendência de utilizar os instrumentos de gestão já existentes, que foram projetados para funcionar em ambientes hierárquicos e, portanto, reproduzem as práticas centralizadoras em um ambiente que deveria ser autogestionário (BARBIERI & RUFINO, 2007).

Esta tendência de utilizar os modelos existentes derivados das organizações heterogestionárias nasce da necessidade das cooperativas operarem com eficiência econômica no mercado capitalista. Na falta ou pelo desconhecimento de modelos autogestionários de gestão, os cooperados recorrem as práticas que já conhecem oriundas das empresas capitalistas em que trabalharam.

Para que a autogestão se efetive entre todos os membros da organização e a gestão não aconteça pela reprodução de mecanismos centralizadores e hierárquicos é necessário que todos os cooperados detenham o conhecimento de todo o processo produtivo e toda gestão da organização. Pois o conhecimento é o instrumento para a tomada de decisões e legitimador de poder dentro da cooperativa, quanto mais conhecimento o cooperado detêm sobre as atividades produtivas e administrativas, mais poder ele tem para influenciar os demais. Portanto para que aconteça a democratização da gestão é necessário a difusão do conhecimento para todos os membros (BARBIERI & RUFINO, 2007).

Em suma, para que a autogestão tenha potencial para alcançar a emancipação da classe trabalhadora é necessário a difusão dos conhecimentos produtivos e administrativos para todos os membros que, aliado a uma pedagogia da produção associada, seja capaz de desconstruir o imaginário social capitalista e desta forma, seja possível formar trabalhadores associados com autonomia para tomar para si, a responsabilidade pelos problemas enfrentados pela organização e mais do que isso, que sejam conscientes que estão lutando para construir um novo projeto societário que almeja a libertação da classe trabalhadora.

2.8 COLETA SELETIVA

O excesso de lixo criado pelo nosso modelo de desenvolvimento, que é alavancado pela obsolescência programada e pelo consumo excessivo de supérfluos e a sua descartabilidade,

afeta os países em desenvolvimento mais do que os países ricos. Pois as cidades dos países em desenvolvimento com a sua urbanização acelerada, possuem um déficit nas suas capacidades administrativas e financeiras em garantir os serviços essenciais para a população, dentre eles, a coleta e destinação adequada do lixo (JACOB & BESEN, 2011).

Mas este excesso de lixo, que por um lado é um problema para os governantes da maioria das cidades dos países em desenvolvimento, acaba se tornando fonte de renda para cidadãos que vivem à margem do assalariamento e seus benefícios sociais. Estes cidadãos, que fazem da coleta e venda dos resíduos sólidos o seu sustento, estão distribuídos na maioria das cidades de forma autônoma ou organizados em cooperativas.

Em 1990 surgiram as primeiras parcerias entre prefeituras e catadores organizados em cooperativas para a gestão e execução de programas de coleta seletiva no Brasil. Estas parcerias se tornaram um modelo de política pública por promoverem a inclusão social e geração de renda, além de reduzirem o custo da coleta seletiva (RIBEIRO E BENSEN, 2007).

Mas as parcerias entre as prefeituras e as cooperativas de coleta seletiva que abrangem a cada ano mais cidades, não extinguiram a existência dos catadores autônomos. Estes continuam coexistindo com as cooperativas, competindo pelos materiais recicláveis, sendo reféns dos sucateiros que compram seus materiais e trabalhando sem nenhum benefício social, apesar de desempenharem um importante papel na cadeia de reciclagem pós-consumo.

Essa forma de estruturação da cadeia produtiva reversa de pós-consumo contribui para a distribuição desigual do valor gerado na atividade, impactando especialmente os catadores e suas cooperativas. No caso dos catadores autônomos, que trabalham com pequenas quantidades de material, sua única opção é vender aos pequenos sucateiros, que, em sua maioria, atuam na informalidade e pagam preços muito baixos pelos materiais recicláveis. Esses catadores são obrigados a vender, diariamente, o produto gerado, puxando suas carroças pelas ruas da cidade, uma vez que não tem como estocar o produto. Para muitos, a carroça se torna também o seu local de residência no período noturno. Eles vendem o produto de sua coleta sem nenhum poder de barganha (DEMAJOROVIC E LIMA, 2013, p. 58)

Os catadores autônomos devido a incapacidade de estocarem uma grande quantidade de material, e por venderem muitas vezes para um mercado monopsonista, chegam a receber somente 5% do valor do material que é vendido para as indústrias recicladoras. Desta forma, as cooperativas se apresentam como alternativa para os catadores autônomos quebrarem este ciclo da pobreza (MEDINA, 2000).

A Lei Nº 12.305, aprovada no dia 2 de Agosto de 2010, que institui a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), representa um avanço para as cooperativas de coleta seletiva por incentivar a sua inclusão na implantação dos programas de coletas seletivas municipais.

A PNRS no seu Art. 6º inciso VII institui como princípio a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos. Para tanto, no seu Art. 8º inciso XII, a PNRS tem o objetivo de integrar os catadores de materiais recicláveis na responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos, através do incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas de catadores de materiais recicláveis descrito no Art. 8º inciso IV (BRASIL, 2010).

Portanto, as cooperativas de reciclagem são fundamentais para a implementação da PNRS, pois configuram-se como um elo importante na logística reversa, por cumprirem o papel de fornecedoras de matéria-prima para as indústrias e receptoras dos resíduos sólidos pós-consumo (SOUZA, PAULA & SOUZA-PINTO, 2012).

Demajorovic et al. (2014) justifica que as cooperativas se tornaram um importante elo no fluxo reverso pós-consumo por desempenharem as funções de coleta, transporte, armazenamento e comercialização que pouco interessam às empresas produtoras dos materiais recicláveis.

Mas, apesar da PNRS incentivar a criação e integração das cooperativas na responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; e as cooperativas, por mérito próprio, conseguem alcançar um importante papel na logística reversa pós-consumo desviando uma parcela considerável de resíduos sólidos que iriam para o aterro, aumentando a sua vida útil; as cooperativas não são remuneradas pelos serviços prestados à população, derivando o seu faturamento apenas da comercialização dos produtos recicláveis (RIBEIRO E BENSEN, 2007; AQUINO, CASTILHO JR. E PIRES, 2009; JACOB E BESEN, 2011).

As cooperativas de coleta seletiva também carecem de um capital de giro suficiente para integrar os catadores autônomos (RIBEIRO & BENSEN, 2007), pois se elas tivessem dinheiro suficiente para comprar à vista os materiais dos catadores autônomos, elas poderiam oferecer um pagamento melhor do que os sucateiros, estabelecendo dessa forma um vínculo com os catadores autônomos, que poderiam um dia se tornar membros da cooperativa, e desta forma a cooperativa poderia aumentar a sua capacidade de geração de renda e captação dos resíduos sólidos.

A falta de capital de giro também é um entrave para que as cooperativas consigam vender diretamente para as indústrias recicladoras sem depender da figura do intermediário ou grande sucateiro (AQUINO, CASTILHO JR. & PIRES, 2009; SANTOS, 2012; SOUZA,

PAULA E SOUZA-PINTO, 2012; DEMAJOROVIC ET AL., 2014). O fato das empresas de reciclagem só comprarem grandes quantidades de materiais e possuir um longo prazo de pagamento impossibilita a negociação com as cooperativas. Pois, força as cooperativas a estocarem uma grande quantidade de material e depois de vender, ainda levaria um tempo para receber o pagamento, e as cooperativas não dispõem de capital para remunerar os cooperados durante este intervalo.

A incapacidade das cooperativas de venderem diretamente para as empresas recicladoras, devido à grande quantidade requerida, pode ser superada se as cooperativas se organizarem em rede (AQUINO, CASTILHO JR. & PIRES, 2009; SANTOS, 2012). A organização de uma rede de cooperativas de coleta seletiva permite que elas atinjam a quantidade de material necessária requerida em um menor tempo, sem comprometer o seu capital de giro, e desta forma, permitindo que ela avance na cadeia produtiva reversa pós-consumo através da eliminação do intermediário.

A maioria das cooperativas de coleta seletiva não surgem por questões ambientais e sim devido a fragilidade econômica de uma parcela da sociedade que foi excluída dos benefícios sociais dos empregos assalariados (SANTOS, 2012; SOUZA, PAULA E SOUZA-PINTO, 2012).

Esta população que vive à margem do assalariamento encontrou nos incentivos ao empreendedorismo e ao cooperativismo uma forma de geração de trabalho e renda. Entretanto estas formas de gestão e organização do trabalho corroboram com o regime de acumulação flexível, pois ao capturar estas pessoas excluídas do emprego formal, acabam prendendo-as em práticas que sustentam estas relações sociais instituídas (BORTOLI, 2009).

Contudo, embora as cooperativas de coleta seletiva serem instrumentos de geração de renda, mas não romperem com as relações sociais instituídas, ao agregar as pessoas em uma organização do trabalho autogestionária, ela promove uma mudança por formar um ser humano mais integral, melhorando a autoestima e desenvolvendo os aspectos humanos, sociais, culturais e políticos dos novos cooperados (MAZZEI E CRUBELLATE, 2011).

Portanto, as cooperativas de coleta seletiva cumprem dois papéis antagônicos no atual sistema hegemônico. Elas se configuram como uma associação de trabalhadores autônomos capaz de absorver os excluídos e, deste modo, evita que estes trabalhadores que não teriam renda para sobreviver sejam um problema para a sociedade. Ao mesmo tempo que, ao absorverem essa massa de desempregados, elas promovem uma mudança nesses sujeitos, através da prática de um trabalho que promove uma formação cooperativa, solidária e política, capaz de modificar o ordenamento social vigente de dentro para fora.

2.9 ETNOGRAFIA

O cotidiano de uma cooperativa que preza pelo exercício da autogestão, promove uma mudança nos sujeitos que a compõe e é objeto de transformação por estes mesmos sujeitos através da autonomia fomentada pela autogestão.

Portanto, para estudar a influência da organização do trabalho na consolidação da autogestão, se faz necessário entender o contexto onde as práticas organizacionais são criadas, modificadas e modificam os sujeitos que as praticam.

Para ser possível enxergar e compreender as práticas cotidianas da autogestão é necessário participar delas, não apenas como ouvinte externo, mas se inserindo densamente em suas atividades (CHIESA & CAVEDON, 2015), e a etnografia possibilita esse processo de participação no cotidiano.

A etnografia é um método calcado na ciência do concreto, com ênfase no cotidiano e no subjetivo que faz da interação entre o pesquisador e o seu objeto de estudo o ponto de partida da sua pesquisa (FONSECA, 1999).

O fazer etnográfico consiste na obtenção de um número máximo possível de dados de uma comunidade com o objetivo de conhecer o seu estilo de vida ou a sua cultura e uma das técnicas mais legítimas que permitem a obtenção destes dados em profundidade, necessários para a realização do relato etnográfico, é a observação participante (CAVEDON, 2008).

Na observação participante acontece uma inversão do saber entre o cientista e o observado, pois na inserção do pesquisador no ambiente natural do observado, ele se torna um aprendiz do observado e deste modo, deve aprender a trabalhar como os outros trabalham, aprender a se comunicar como os outros se comunicam, e deve participar das atividades de lazer e sentir as dores e dificuldades comuns do cotidiano dos seus observados, portanto, deve se engajar o suficiente para ser aceito no grupo e assim poder compreender o meio que está inserido e ser capaz de entender o significado das práticas cotidianas (SERVA & JÚNIOR, 1995).

Desta forma a etnografia “significa participar do ambiente em questão não pretendendo tornar-se o “outro”, mas estar de tal modo imbricado com o campo, a ponto de entender os significados atribuídos pelos pesquisados aos aspectos que integram aquela realidade”. (CHIESA & CAVEDON, 2015, p.16).

Mas o pesquisador ao realizar um estudo etnográfico precisa ter ciência que a realidade não se resume a dimensão que a nossa vista alcança (Fonseca, 1999) e não se esquecer que a

realidade observada, pode ter sido transformada pela simples presença do pesquisador (SERVA & JÚNIOR, 1995).

Portanto a etnografia carrega um certo viés etnocêntrico pois o pesquisador não é capaz de absorver a totalidade da realidade que o cerca em campo, forçando-o a fazer recortes desta realidade (CAVEDON, 2008)

Quanto a mudança da realidade causada pela presença do pesquisador, este viés pode ser minimizado através do tempo prolongado que o pesquisador permanece em campo (BECKER, 1994 apud CAVEDON, 2008).

A experiência que o pesquisador vive durante a observação participante é a coleta de dados da etnografia. Estes dados devem ser transcritos o mais recentemente possível da data da coleta e devem retratar fielmente as situações vivenciadas (SERVA & JUNIOR, 1995).

O relato etnográfico será baseado no diário de campo, portanto o diário deve conter todos os acontecimentos ocorridos, as expressões do grupo estudado e os sentimentos do pesquisador, para que o relato etnográfico posterior contenha as categorias dos pesquisados e do pesquisador, mas que estas não se confundam. Portanto, as primeiras visitas em campo devem ser detalhadas minuciosamente, pois com o passar do tempo, certas situações serão consideradas normais para o pesquisador e passarão despercebidas (CAVEDON, 2008).

Portanto, o relato etnográfico configura-se como o produto final de uma etnografia que foi construída no ambiente natural dos pesquisados, que através de um processo de imersão e afastamento da organização, o pesquisador teve a possibilidade de construir um conhecimento sobre a comunidade estudada.

3 MÉTODO

A pesquisa na cooperativa de coleta seletiva se caracteriza por ser qualitativa e descritiva. A pesquisa é qualitativa pelo fato de utilizar como fonte de dados o ambiente natural e por ser o próprio pesquisador o instrumento da coleta (GODOY, 1995). Já a propriedade descritiva está relacionada ao objetivo da pesquisa que é descrever a característica de uma determinada população (GIL, 2008), neste caso, a descrição da prática cotidiana da autogestão em uma cooperativa de coleta seletiva.

A pesquisa da prática cotidiana da autogestão foi realizada através de um estudo etnográfico. O estudo etnográfico consiste na obtenção de um número máximo possível de dados de uma comunidade com o objetivo de conhecer o seu estilo de vida ou a sua cultura (CAVEDON, 2008).

A principal técnica utilizada no estudo etnográfico foi a observação participante, que segundo Cavedon (2008) consiste:

Num certo processo de aculturação do pesquisador. Desta forma o observador assimila as categorias inconscientes que ordenam o universo cultural investigado, não eliminando, contudo, o trabalho sistemático da coleta de dados, nem a interpretação e integração da evidência empírica, de modo a recriar a totalidade vivida pelos membros da organização investigada e apreendida pela intuição do pesquisador (CAVEDON, 2008, p. 147).

A observação participante foi realizada através da inserção do pesquisador como um trabalhador da cooperativa, ocupando o lugar de um cooperado e desempenhando funções que mudavam a cada dia trabalhado. Desta forma, buscou-se conhecer todas as etapas do processo produtivo da cooperativa de coleta seletiva a partir do ponto de vista dos cooperados.

Além do pesquisador trabalhar como um cooperado, e sofrer em si toda a carga de cada função desempenhada, a observação participante também foi realizada durante o horário de almoço e as pausas para o café, onde o pesquisador comeu e descansou no convívio dos demais membros.

A observação participante aconteceu entre os meses de setembro, outubro, novembro de 2015 e março, abril e outubro de 2016, consistindo em uma média de dois dias trabalhados por mês em um turno que variou entre seis a oito horas.

As experiências vivenciadas durante a observação participante foram gravadas em áudio poucas horas depois do pesquisador deixar o campo a cada dia trabalhado. Estes áudios tiveram o objetivo de registrar tudo o que o pesquisador vivenciou naquele dia, gravados em uma linguagem informal e carregada de emoção.

Optou-se por um registro inicial em áudio para evitar a perda de recordações do dia trabalhado, pois durante o trabalho junto aos demais cooperados, o pesquisador não portou nenhum equipamento de registro.

O registro em áudio foi transcrito para o diário de campo (disponível no apêndice A) sempre um dia depois do trabalho desempenhado na cooperativa. Este intervalo de tempo entre o registro em áudio e a transcrição do diário de campo permitiu ao pesquisador se distanciar da carga emotiva que carregou durante o dia trabalhado e, ao analisar o áudio carregado de sentimentos, conseguiu refletir sobre a função que ocupou no processo produtivo e as dificuldades que enfrentou, para que desta forma, fosse possível estabelecer um diálogo entre os achados empíricos e a teoria corrente.

Com o objetivo de ampliar os instrumentos de coleta de dados foi realizado uma triangulação dos dados através de entrevistas com os membros da cooperativa, fotografias do galpão da produção e dos cooperados durante o trabalho e também análise de documentos.

A pesquisa na cooperativa de coleta seletiva se iniciou através de uma entrevista por pauta com o gestor da cooperativa, que na época ainda era um bolsista da faculdade e, portanto, não era um cooperado.

A primeira entrevista teve o objetivo de fazer o primeiro contato com o objeto de estudo, neste caso a prática da autogestão na organização do trabalho da cooperativa. O gestor foi entrevistado por ser a figura dentro da cooperativa que tem a função de se relacionar com os clientes e visitantes.

Foi escolhida a entrevista por pauta por possibilitar ao entrevistado falar livremente, cabendo ao entrevistador intervir quando a fala se afasta do objetivo buscado, mas reservando o cuidado de intervir sutilmente para que a entrevista não perca o caráter espontâneo da fala do entrevistado (GIL, 2008).

Foram necessárias mais duas visitas a cooperativa para a realização de mais entrevistas por pauta com o gestor para que fosse possível andar por toda a estrutura da organização e ter o primeiro contato com o processo produtivo da cooperativa.

A visitas iniciais, além de terem o objetivo de conhecer melhor a cooperativa, foram necessárias para convencer o gestor para a realização da etnografia através da inserção do entrevistado como trabalhador da cooperativa e assim, conseguir vivenciar a autogestão no seu cotidiano.

Também foram realizadas entrevistas informais com outros membros da cooperativa durante a execução do trabalho, ou nas pausas para o café e almoço. A entrevista informal se diferencia de uma simples conversa apenas pelo fato de ter como objetivo a coleta de dados (Gil, 2008), portanto essa técnica possibilitou manter um diálogo com os membros, conservando a informalidade da troca de informações corriqueiras do cotidiano da cooperativa, mas cumprindo a tarefa de preencher as lacunas de dados que não foram possíveis ser coletados através da observação.

Já a atividade de fotografar a cooperativa teve o objetivo principal de documentar o arranjo físico da produção. As fotografias foram realizadas após três meses do início do trabalho em campo, este longo tempo até o início do trabalho de fotografar foi necessário para que o pesquisador estivesse mais envolvido com os membros da cooperativa. Pois o ato de fotografar a cooperativa, sem antes ter criado uma intimidade com seus membros, poderia reforçar a distância entre os trabalhadores e o pesquisador.

Para completar a triangulação de dados foram analisados documentos que incluíram o site da prefeitura, matérias de jornais, fotos antigas da cooperativa, narrativas da criação da cooperativa escrita por um antigo membro e dissertações e artigos sobre a coleta seletiva na cidade da cooperativa em estudo.

Para a construção do relato etnográfico foi realizado uma releitura do diário de campo, durante a releitura foram extraídos os trechos do diário que o pesquisador julgou pertinente para contribuir com o debate da prática da autogestão. Os trechos extraídos foram categorizados segundo os seguintes desdobramentos que influenciam a autogestão: educação, burocracia, autonomia, poder, cooperação, alienação, hierarquia, submissão, politecnia e rodízio de funções.

Os dados extraídos do diário e categorizados foram agrupados nas seguintes macro categorias analíticas: a experiência etnográfica, a gestão da cooperativa, a politecnia na cooperativa, a troca de funções e trabalho e educação. O agrupamento dos dados em macro categorias analíticas seguiu um critério de correlação entre as categorias analisadas.

O relato etnográfico foi escrito dividido nas macro categorias analíticas, as informações obtidas nas entrevistas e nas análises dos documentos foram incluídas no relato etnográfico afim de ampliar as fontes de dados.

4 CARACTERIZAÇÃO DA COOPERATIVA

A caracterização da cooperativa contará a história do surgimento da Central de Reciclagem de Sorocaba, descreverá como é organizado o trabalho na cooperativa e detalhará a atividade desempenhada em cada setor.

4.1 O SURGIMENTO DA CENTRAL DE RECICLAGEM DE SOROCABA

A cooperativa em estudo está localizada na Região de Sorocaba e é caracterizada como uma cooperativa de segundo grau, pois na sua instalação produtiva operam duas cooperativas. Os cooperados destas duas cooperativas trabalham juntos na coleta, separação e prensagem dos materiais recicláveis, desta forma, as duas cooperativas, do ponto de vista operacional funcionam como sendo uma só.

A existência de duas cooperativas na mesma instalação deve-se ao histórico do surgimento da cooperativa em estudo. A Central de Reciclagem de Sorocaba, também denominada Central de Reciclagem Zona Oeste, centraliza as cooperativas Catares e Reviver, que por sua vez, incorporaram a cooperativa Ecoeso.

4.1.1 A criação da Ecoeso

A cooperativa Ecoeso se iniciou a partir da criação de uma ONG (Organização Não Governamental) denominada Coeso (Centro de Orientação e Educação Social) que tinha como objetivo cuidar de crianças carentes que não tinham onde ficar enquanto seus pais trabalhavam.

Os fundadores do Coeso visavam construir um local adequado para as crianças passarem o dia e que obedecesse a todas as normas legais vigentes no município, sendo assim, em 9 de maio de 2000 surgiu a creche Semeadores do Amanhã.

Com a implantação da creche, os fundadores e funcionários começaram a perceber que ao final do dia as crianças se escondiam, pois não queriam voltar para as suas casas devido à falta de estrutura familiar. Então, os membros do Coeso sentiram a necessidade de cuidarem não apenas das crianças, mas de toda a família.

Então, com o intuito de oferecerem uma opção de renda para estas famílias foi criado a cooperativa IESA (Instituto de Educação Sócio Ambiental) em 16 de maio de 2007, que trabalha em retirar o óleo usado das ruas e dos rios e transforma em sabão ecológico.

A Coeso também fomentou a criação em 5 de julho de 2007, com ajuda da prefeitura municipal que cedeu o galpão, uma cooperativa de reciclagem chamada Ecoeso (Cooperativa de Empoderamento Social), a cooperativa de reciclagem foi formada para organizar os catadores independentes para que eles tivessem volume necessário de material para vender diretamente para as indústrias.

Os catadores desta cooperativa recebiam uma renda fixa que era dividida em partes iguais e ao final do período de 1 ano eles recebiam o excedente do lucro.

Na época da criação, os catadores coletavam os materiais na rua com os seus carrinhos e, em um galpão cedido pela prefeitura, era reunido todo o material para fazer a separação e a prensagem e ser vendido as indústrias.

Mas em 2011, quando foi Inaugurado a Central de Reciclagem de Sorocaba, os funcionários da cooperativa Ecoeso foram absorvidos pelas cooperativas Catares e Reviver.

4.1.2 A criação da Reviver

A Cooperativa de Coleta Seletiva Reviver, inicialmente denominada Núcleo de Reciclagem de Sorocaba, surgiu em 2004 a partir da iniciativa do Padre Wilson Roberto da Silva na Paróquia São José Operário da Vila Progresso, juntamente com o auxílio da Ceadec

(Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania) e apoio da cooperativa Coreso da Rede Cata-Vida.

Em 2007, com a locação do barracão pela prefeitura de Sorocaba, a cooperativa Reviver se emancipou da Rede Cata-Vida tornando-se uma cooperativa independente.

4.1.3 A criação da Catares

Já Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Material Reaproveitável de Sorocaba (Catares) foi criada em 22 de maio de 2004. O projeto teve como mantenedora a Universidade de Sorocaba (Uniso) com o apoio da prefeitura municipal de Sorocaba.

4.1.4 O surgimento da Central de Reciclagem de Sorocaba

Atualmente a cooperativa Catares e a cooperativa Reviver trabalham juntas em um galpão que foi denominado Central de Reciclagem de Sorocaba e os cooperados da Ecoeso foram divididos entre as duas cooperativas.

No início das atividades da Central, os funcionários de cada cooperativa (Catares, Reviver e Ecoeso) receberam camisetas que os identificavam como cooperados da cooperativa de segundo grau Central de Reciclagem de Sorocaba. Mas embora tenham ganhado camisetas novas, eles preferiam usar as camisetas antigas que os identificavam pela qual cooperativa pertenciam.

Pelo fato da Central ser uma cooperativa de segundo grau, pois une três cooperativas que possuem histórias distintas onde seus cooperados são unidos por esta história, representa um entrave a prática da autogestão. A divisão dos cooperados em três grupos enfraquece o coletivo, pois é um motivo para discussões e disputas de poder.

Felizmente, passados cinco anos da fundação da Central, as camisetas antigas foram sendo trocadas pelas camisetas novas. E ao mesmo tempo que os cooperados começaram a construir uma história unificada, os grupos informais formados pelas cooperativas antigas foram enfraquecendo, embora ainda estejam presentes.

4.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA COOPERATIVA

A cooperativa é composta por cinquenta e seis cooperados e cinco motoristas terceirizados. Os cooperados se dividem entre as funções de administração, coordenação da produção, coleta, triagem, prensagem e venda dos materiais recicláveis. Já os motoristas terceirizados dirigem os caminhões de coleta que também são terceirizados.

Há um cooperado que é considerado o gestor da cooperativa, cujo nome fictício é Igor. Ele trabalhava na cooperativa em troca de uma bolsa da faculdade e sua função era fazer as tarefas administrativas da cooperativa, sendo que as principais tarefas era fazer a folha de pagamento dos associados e negociar a venda dos materiais com os clientes.

Durante o tempo que ele foi bolsista, a sua preocupação era capacitar os cooperados a fazerem às tarefas administrativas pois, o seu futuro e o da cooperativa eram incertos após o término da sua bolsa, mas a cooperativa não conseguiu se tornar autossuficiente administrativamente neste período. Desta forma, depois que ele se formou ele passou a ser remunerado pela cooperativa para continuar a realizar as tarefas administrativas.

Havia uma outra cooperada que trabalhava como assistente do gestor nas tarefas administrativas. Ela começou a trabalhar na cooperativa nas atividades operacionais, mas pelo fato de ter facilidade em realizar as tarefas administrativa, ela foi chamada pelo gestor para auxiliá-lo. Mas durante a pesquisa, o gestor pediu que ela voltasse para a produção da cooperativa.

Existe também uma pessoa, que no diário de campo é referido pelo nome fictício Marcel, que é muito influente na cooperativa. Ele trabalhou durante alguns anos como cooperado voluntário, pois não recebia nenhuma remuneração do empreendimento, mas durante a pesquisa ele se tornou um cooperado remunerado como os demais. Ele é respeitado pelos outros membros por ter feito parte da história da criação da cooperativa, desde antes da unificação das três cooperativas na Central de Reciclagem.

O Marcel é responsável pela manutenção dos equipamentos da cooperativa, promove e ministra cursos de segurança do trabalho e empilhadeira e auxilia na produção dirigindo a empilhadeira.

A cooperativa possui sete motoristas, dois motoristas são cooperados e dirigem os caminhões que são propriedade da cooperativa e que foram cedidos pela prefeitura. Os outros cinco motoristas são funcionários terceirizados de duas empresas de construção civil, uma empresa fornece três motoristas e a outra dois motoristas. As empresas ganharam a licitação para fornecer caminhões especializados em coleta seletiva (caminhões baús com uma cabine extra para transportar os cooperados) e motoristas para dirigir os caminhões. Desta forma a prefeitura paga estas duas empresas para fornecer os caminhões com os motoristas.

Todos os cooperados que trabalham na cooperativa são remunerados igualmente pela quantidade de horas que trabalham. As sobras da cooperativa são divididas pelo total de horas trabalhadas no mês por todos os cooperados e com isso é obtido o valor da hora trabalhada, que

durante a pesquisa variou entre R\$ 7,00 e R\$ 8,00. Desta forma cada cooperado ganha proporcionalmente as horas que trabalhou.

O Trabalho na cooperativa é dividido basicamente entre a coleta dos materiais na rua, a triagem ou separação dos materiais no galpão, a prensagem dos materiais no galpão, a organização do galpão e a administração da cooperativa no escritório. A triagem dos materiais possui várias operações de suporte que consistem na movimentação dos bags, na troca de bags dos materiais separados, o transbordo dos bags na esteira, a separação dos tipos de papéis e a separação dos materiais metálicos.

Na coleta dos materiais na rua trabalham quatro cooperados e o motorista do caminhão em cada equipe que compõe um caminhão. Os cooperados se dividem em dois que trabalham na rua coletando as sacolas de materiais recicláveis das casas e dois cooperados que trabalham dentro do baú do caminhão transbordando as sacolas coletadas nos bags. Já o motorista do caminhão é responsável por dirigir pela rota específica do dia.

Já a organização do galpão consiste na alocação dos cooperados em suas funções, a movimentação dos bags e a limpeza do galpão.

O quadro 1 abaixo especifica a organização do trabalho na cooperativa:

QUADRO 1 - Organização do trabalho na cooperativa

Local de trabalho		Atividade	
Rua	Coleta dos materiais	Organização dos bags dentro do baú do caminhão	Cooperado
		Pré-triagem dos materiais dentro do baú do caminhão	Cooperado
		Coleta dos materiais na rua	Cooperado
		Motorista do caminhão	Terceirizado ou Cooperado
Galpão	Triagem dos materiais	Movimentação dos bags com materiais a ser separados	Cooperado
		Transbordamento dos bags na esteira	Cooperado
		Separação dos materiais na esteira	Cooperado
		Troca dos bags em baixo da esteira	Cooperado
		Separação dos materiais metálicos	Cooperado

	Prensagem dos materiais	Separação dos tipos de papéis	Cooperado
		Prensagem dos materiais na prensa	Cooperado
		Transporte do fardo	Cooperado
	Organização do galpão	Limpar o chão do galpão	Cooperado
		Movimentar os bags no galpão com a empilhadeira	Cooperado (Marcel)
		Coordenar os cooperados no galpão	Cooperado (coordenador)
Escritório	Administração da cooperativa	Calcular o valor da hora de trabalho, fazer os holerites e pagar os cooperados	Cooperado (gestor)
		Vender os materiais	Cooperado (gestor)

Fonte: Elaboração própria

4.3 O PROCESSO DE TRABALHO NA COOPERATIVA

Este capítulo descreverá detalhadamente como é executado a coleta, triagem, prensagem e venda dos materiais.

4.3.1 Coleta dos materiais

A reciclagem dos materiais na cidade fica a cargo de duas cooperativas, a cooperativa em estudo é responsável pela coleta dos materiais das zonas noroeste, nordeste e sul da cidade.

Cada caminhão é responsável por uma região de coleta e cada caminhão possui uma rota específica para cada dia da semana. Deste modo, os moradores sabem qual dia da semana o caminhão da coleta irá passar para eles poderem deixar os materiais na frente da casa.

A equipe que compõe cada caminhão é composta por um motorista e quatro cooperados. Se o caminhão pertence a cooperativa o motorista é um cooperado, mas se o caminhão pertence a empresa terceirizada o motorista é um funcionário desta empresa.

Os caminhões que fazem a coleta e pertencem a empresa terceirizada são equipados com uma cabine extra que fica na frente do baú do caminhão. Esta cabine comporta três passageiros devidamente acomodados com banco e sinto de segurança. E a cabine do motorista comporta mais dois passageiros. Desta forma, os cooperados se deslocam até a região da coleta com total segurança.

Quando o caminhão chega na região da coleta, os trabalhadores se deslocam através das ruas do bairro dentro do baú do caminhão. Toda vez que o caminhão para em uma rua, dois cooperados descem para pegar os materiais enquanto os outros dois cooperados continuam dentro do baú para arrumar os bags com materiais.

Os moradores que participam da coleta seletiva possuem um saco plástico laranja que é cedido pela cooperativa. Neste saco, os moradores colocam os materiais recicláveis e deixam na frente da casa no dia em que é realizado a coleta.

Os dois cooperados que trabalham na rua pegam o saco plástico da residência, transbordam os materiais em um saco de lixo de cem litros e deixam novamente o saco plástico no portão da casa.

Quando o saco de lixo está cheio, o cooperado vai até o caminhão para deixar o saco cheio e pegar outro vazio. Enquanto isso no caminhão, os dois cooperados que trabalham dentro do baú, despejam os materiais do saco de lixo no bag.

Os cooperados que trabalham dentro do caminhão separam os papelões em um bag únicos, os jornais, revistas e livros em outro bag e as garrafas de vidros em sacos pequenos. Essa separação acontece para não sobrecarregar a esteira de separação.

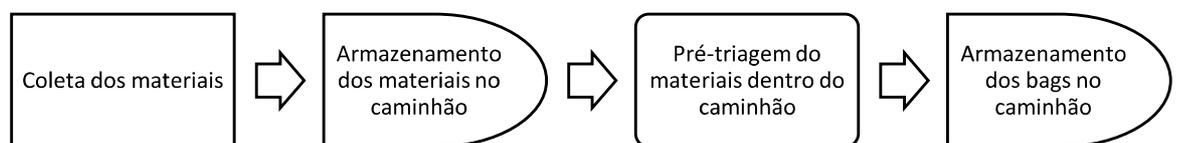
A cooperativa também faz a coleta em condomínios e escolas, quando é realizada a coleta nestes locais, os quatro cooperados entram no local, retiram os materiais dos compartimentos de recicláveis, fazem uma pré-triagem na rua e colocam todos os materiais nos bags.

Quando o baú do caminhão começa a ficar cheio de bags, eles são empilhados na parte da frente do caminhão e amarrados. Assim que a rota termina, os cooperados voltam para a cabine do caminhão para se deslocarem até o galpão da cooperativa.

Ao chegar no galpão, eles descarregam os bags do caminhão e assim termina o primeiro período da coleta. Cada cooperado que participa da coleta sai duas vezes para a coleta, uma no período da manhã e outra no período da tarde.

A figura 1 a seguir, resume o fluxograma do processo de trabalho da coleta dos materiais:

FIGURA 1 – Coleta dos materiais na rua.



Fonte: Elaboração própria.

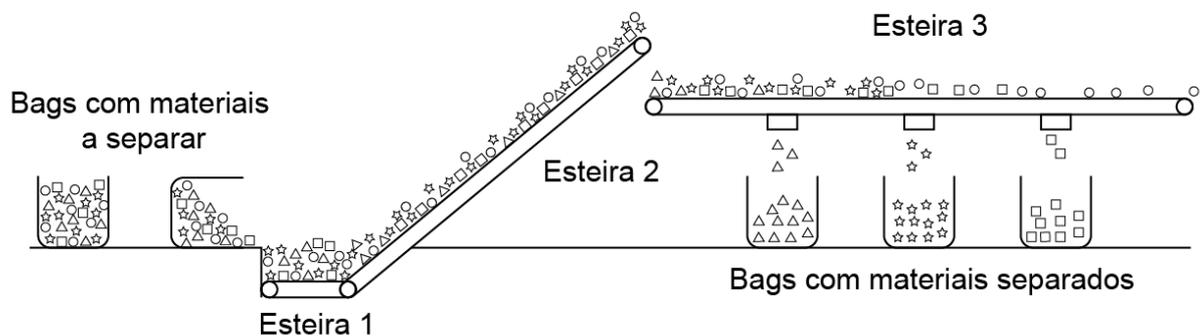
4.3.2 Triagem dos materiais

Os bags com materiais reciclados recolhidos das ruas são transbordados na primeira esteira, que se localiza na altura do chão do galpão. Nesta esteira é realizado uma pré-triagem dos materiais, onde as sacolas com materiais são rasgadas e os vidros são coletados.

Os vidros são separados para que eles não quebrem quando subirem a esteira de elevação e caírem na esteira de separação que fica elevada, pois entre a esteira de elevação e a esteira de separação existe um desnível de um metro.

A figura 2, a seguir, ilustra melhor o processo:

FIGURA 2 – Esteira de separação.



Fonte: Elaboração própria

A esteira três fica elevada do chão e a separação acontece através do despejo dos materiais nos buracos localizados ao lado da esteira que caem nos bags abaixo da esteira. Os buracos estão localizados nos dois lados da esteira, formando duas fileiras de 16 buracos, onde cada buraco existe um bag abaixo responsável pela coleta do material separado, mas por toda a esteira também há baldes e sacolas que são utilizadas para armazenar os materiais separados.

Os dois primeiros buracos da esteira (um de cada lado) são destinados para a coleta das sacolas plásticas, pois muitos materiais que são coletados estão em sacolas plásticas, então os dois cooperados que estão no início da esteira ficam responsáveis por abrir as sacolas plásticas e depositá-las nos buracos.

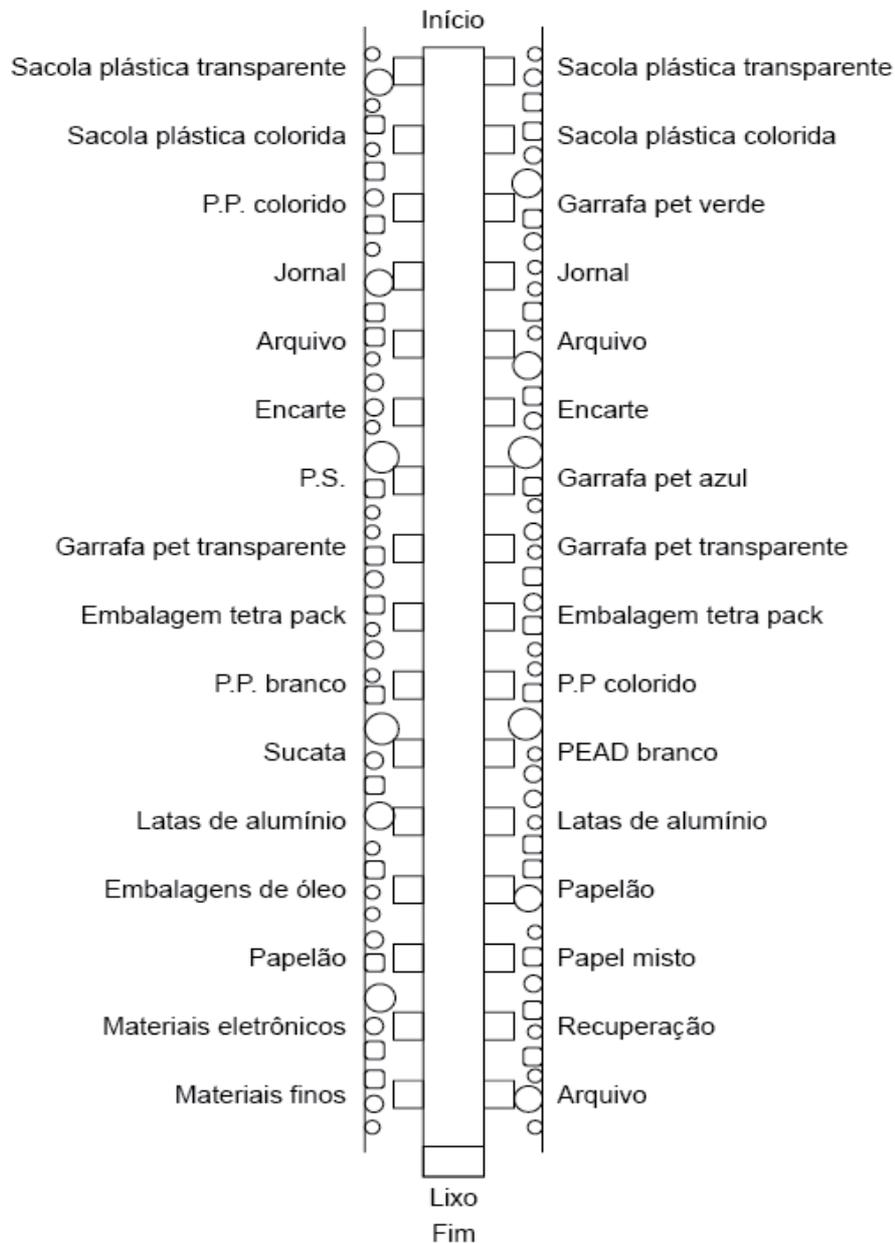
No lado direito da esteira, partindo no seu início são separados respectivamente os seguintes materiais: sacola plástica transparente, sacola plástica colorida, garrafa pet verde, jornal, arquivo (papel branco), encarte (papel colorido), garrafa pet azul, garrafa pet transparente, embalagem tetra pack, P.P. (polipropileno) colorido, PEAD (polietileno de alta densidade) branco, latas de alumínio, papelão, papel misto (embalagens de ovo, panfletos e

embalagens de comida congelada), recuperação (todos os materiais recicláveis que não foram recolhidos) e novamente arquivo (papel branco).

Já no lado esquerdo da esteira, partindo do seu início são separados, respectivamente: sacola plástica transparente, sacola plástica colorida, P.P. (polipropileno) colorido, jornal, arquivo (papel branco), encarte (papel colorido), P.S. (poliestireno), garrafa pet transparente, embalagem tetra pack, P.P. branco, sucata (latas de comida de alumínio), latas de bebida de alumínio, embalagens de óleo, papelão, materiais eletrônicos, materiais finos (panelas e canecas de metal e embalagens de desodorante aerossol).

Os baldes e sacolas que estão distribuídos ao longo da esteira, estão localizados onde seria o corredor da esteira, por onde os cooperados se locomovem para entrar e sair da esteira. Então a cada pausa para o café ou almoço, os baldes são colocados na esteira para desobstruir o corredor. Os baldes e sacolas cumprem a mesma função dos buracos da esteira e separam os mesmos materiais que são separados nos buracos. A figura 3 a seguir representa a distribuição dos buracos e baldes na esteira de separação:

FIGURA 3 – Distribuição dos buracos e baldes na esteira



Fonte: Elaboração própria.

Os materiais que caem no bag no final da esteira são descartados como lixo, por isso existe um buraco no final da esteira responsável pela recuperação de qualquer material reciclável que por algum motivo não foi coletado no decorrer da esteira.

Os bags que ficam embaixo da esteira com os materiais separados, assim como os dois bags de recuperação e o bag com os materiais descartados devem ser trocados toda vez que estão cheios. Deste modo tem um cooperado que ocupa a função de trocar os bags da esteira por bags vazios.

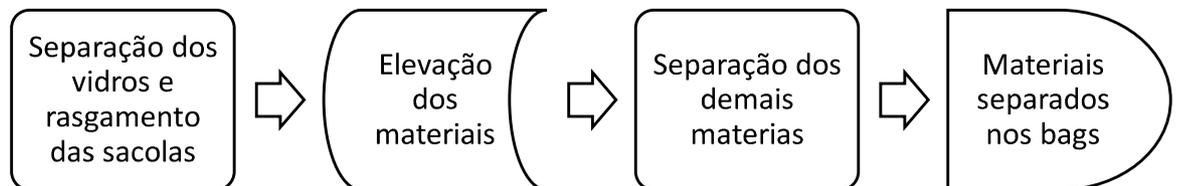
Durante a coleta dos materiais nas ruas, os papéis, revistas, jornais e livros são separados dentro do caminhão em um bag específico. Este bag não vai para a esteira de separação, ele é separado em um canto do galpão em três tipos de papéis: “encarte” (pepel colorido, geralmente compõe as capas das revistas e livros), “branquinho” ou “arquivo” (seria as folhas sulfites e as folhas dos livros e revistas e “misto” (geralmente são os panfletos).

A separação dos papéis geralmente fica a cargo de um cooperado que transforma o bag de papéis em três bags de “encarte”, “branquinho” e “misto”. É importante salientar que não existe um consenso entre os cooperados para classificar os papéis nestes três tipos.

Durante a coleta nas ruas os eletroeletrônicos também são separados nos caminhões e eles não vão para a esteira de separação, eles são destinados à um cooperado específico que possui uma espécie de oficina no galpão. Nesta oficina que consiste em uma bancada com ferramentas de trabalho, este cooperado retira os metais dos eletroeletrônicos, classifica-os e os separa.

A figura 4 a seguir, ilustra o fluxograma do processo de separação dos materiais na esteira:

FIGURA 4 – Separação dos materiais na esteira.



Fonte: Elaboração própria.

4.3.3 Prensagem dos materiais

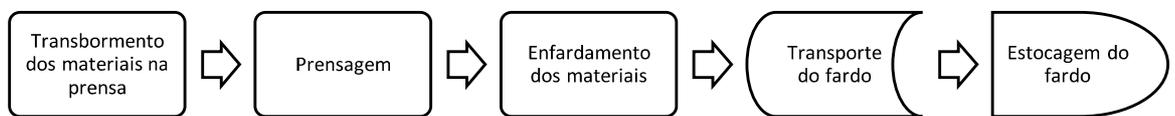
Os materiais que foram separados em bags devem ser prensados para que sejam vendidos em fardos. A prensagem é realizada através de uma prensa hidráulica, a cooperativa possui cinco prensas hidráulicas, mas dificilmente as cinco prensas operam simultaneamente, pois não há volume suficiente que necessite que todas as prensas trabalhem, então, geralmente trabalham de duas a três prensas, sendo que cada prensa é operada por um cooperado.

O bag que deve ser prensado é transbordado em uma bandeja que alimenta a prensa, mas como a bandeja não comporta todo o material, ele deve ser transbordado aos poucos a medida que o material vai sendo prensado.

Quando o fardo atinge uma altura limite, ele é amarrado com uma corda plástica e transportado até um canto do barracão onde é armazenado de acordo com o material, até que o cliente venha buscar os fardos.

A figura 5 a seguir faz uma representação simplificada do fluxograma do processo.

FIGURA 5 – PRENSAGEM DOS MATERIAIS



Fonte: Elaboração própria.

4.3.4 A venda dos materiais

Os materiais separados e enfardados pela cooperativa são vendidos para atravessadores, que são empresas que compram um determinado tipo de material para vender as empresas recicladoras. A cooperativa não consegue vender diretamente para as indústrias de reciclagem devido ao alto volume de material exigida pela mesma e pelo longo tempo que a cooperativa deve esperar para receber pelo pagamento.

Para a cooperativa vender os materiais diretamente para as empresas de reciclagem, sem precisarem recorrer aos atravessadores, ela teria que armazenar um alto volume de cada tipo de material, o que implicaria em uma queda inicial do capital de giro do empreendimento e exigiria um espaço físico maior para o estoque destes materiais.

Além da espera para estocar o volume de material necessário para ser vendido, as indústrias de reciclagem também não pagam no ato da entrega do material, geralmente trabalham com um pagamento que demora trinta dias, o que prejudicaria ainda mais o capital de giro da cooperativa.

Então, a cooperativa vende cada tipo de material para um atravessador específico, e mantém com estes clientes uma parceria, evitando assim, trocar os clientes que compram cada tipo de material.

5 ANÁLISE DA PRÁTICA DA AUTOGESTÃO NA COOPERATIVA ATRAVÉS DO ESTUDO ETNOGRÁFICO

A seção 6 compreende a análise da prática da autogestão na organização do trabalho da cooperativa de coleta seletiva através do estudo etnográfico. Nesta seção será apresentado os resultados que foram obtidos durante a estada em campo, em entrevistas e análises de documentos. Os resultados foram divididos em cinco categorias: a experiência etnográfica, a gestão da cooperativa, a politecnia na cooperativa, a troca de funções e o trabalho e educação.

Para fins de conciliar o relato enográfico com a apresentação dos resultados, o texto foi redigido em primeira pessoa para que a experiência vivenciada da prática da autogestão no cotidiano da cooperativa seja retratada do ponto de vista do pesquisador. Os nomes dos cooperados citados no relato etnográfico e no diário de campo foram alterados por nomes fictícios.

5.1 A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Fazer uma etnografia significa adentrar em uma comunidade sem ser convidado, onde o pesquisador precisa se esforçar para fazer parte de um grupo, mas sabe que nunca será aceito como um membro igual os demais, será sempre um estranho tentando se adaptar a uma nova realidade.

Os meus primeiros contatos com a cooperativa foram intermediados pelo gestor e se resumiram a longas entrevistas no escritório e pequenos passeios pela produção da cooperativa. Mas quando eu realmente comecei a trabalhar na cooperativa e assumi o meu papel de pesquisador/trabalhador, eu me apresentei sozinho para a coordenadora da cooperativa e disse que o gestor tinha permitido que eu trabalhasse junto com os cooperados para poder pesquisar como acontece a organização da produção.

O ato de iniciar o meu trabalho como pesquisador/trabalhador, sem o intermédio do gestor para me apresentar aos cooperados, foi uma decisão tomada com o objetivo de diminuir a distância inicial entre eu e os demais membros. Como afirma Cavedon (2008) se o estudioso for apresentado ao grupo por um membro hierarquicamente superior, a aceitação deste estudioso pelo grupo pode ser prejudicada.

Desde o início do meu trabalho em campo, todas as minhas decisões como pesquisador/trabalhador tiveram o objetivo de facilitar a minha aceitação no grupo. Portanto, eu sempre escolhia uma roupa velha para ir trabalhar, porque os outros cooperados também

trabalhavam com roupas velhas, eu também não portava nenhum equipamento de registro e sempre trazia uma marmita para almoçar com o grupo.

Durante toda a observação participante eu me esforçava ao máximo para desempenhar as atividades do mesmo modo que os outros cooperados. Para isso, a cada trabalho que me era designado, eu tentava não demonstrar fraqueza, pois eu carregava constantemente um sentimento que estava sempre sendo provado. Pois como afirma Serva & Júnior (1995), o pesquisador deve se engajar o suficiente como trabalhador, para conseguir ser aceito pelo grupo e deste modo, poder entender as práticas realizadas por eles.

Este sentimento acerca do constante julgamento sobre o meu desempenho me tornava um trabalhador mais esforçado. Contudo, o comportamento de não demonstrar fraqueza diante de nenhuma tarefa para ser aceito pelo grupo, foi um aprendizado obtido através da observação dos cooperados trabalhando, pois eles também nunca demonstravam fraqueza perante o grupo.

Portanto, a minha atitude de não demonstrar fraqueza para ser aceito no grupo se assemelha ao comportamento dos demais membros de também não demonstrar fraqueza. Essa atitude pode ser derivada do formato organizacional da cooperativa, pois pelo fato dos cooperados serem proprietário dos meios de produção e as sobras da cooperativa serem divididas igualmente, há uma fiscalização coletiva sobre o trabalho do outro, portanto os cooperados estão constantemente querendo demonstrar que merecem o dinheiro que estão recebendo.

O meu engajamento como trabalhador constantemente era confrontado com o meu papel como pesquisador, em certo ponto a função de trabalhador completava a pesquisa, mas em algumas ocasiões o papel de trabalhador anulava a função de pesquisador. Este trecho extraído do diário de campo explica melhor a relação entre a função trabalhador e pesquisador:

Pois, o meu papel de trabalhador da cooperativa é me empenhar em toda atividade que realizava para poder ser um membro útil na organização. Já o meu papel como pesquisador é coletar o maior número possível de dados relacionados a autogestão da cooperativa, para isso, eu devo estar presente como trabalhador nas mais diversas atividades, para ter uma vivência ampla e uma visão mais abrangente possível da prática da autogestão.

O papel de trabalhador e pesquisador estão intimamente ligados, quando eu me dedico ao trabalho, torno-me um membro útil para a organização, mudando a visão dos outros membros sobre mim, passando a ser reconhecido como trabalhador e não mais pesquisador. Quando eu sou visto como trabalhador, os outros cooperados começam a se comportar mais naturalmente na minha presença, eliminando o viés que o objeto de estudo muda na presença do pesquisador. Portanto, o meu engajamento como trabalhador torna a minha coleta de dados como pesquisador mais fiel a realidade.

Mas em contrapartida, quando eu me dedico muito ao trabalho como cooperado, eu acabo me esquecendo que sou pesquisador, quando eu estou concentrado em

determinada atividade, eu deixo de coletar os dados relacionados a prática da autogestão, pois estou concentrado na atividade que estou realizando (Diário de campo: 17/10/2016)

Desta forma, a experiência etnográfica consistiu em oscilar entre a postura de pesquisador e a de trabalhador, ora vivenciando o cotidiano da autogestão na cooperativa, ora se perdendo em tarefas rotineiras que me faziam refletir sobre a ineficiência da minha coleta de dados.

5.2 A GESTÃO DA COOPERATIVA

As três primeiras visitas à cooperativa se restringiram a entrevistas por pauta com o gestor da cooperativa, cujo nome fictício é Igor. As entrevistas tiveram o caráter de longas conversas no escritório da cooperativa, que foram gravadas e posteriormente os pontos principais foram transcritos.

As entrevistas com o Igor me possibilitaram ter uma visão da cooperativa através do olhar dele, que no momento era o único ponto de vista que eu conhecia. Logo que eu iniciei a primeira entrevista já percebi que havia um distanciamento entre a administração e a produção da cooperativa.

Na época que foram realizadas as primeiras entrevistas, o gestor da cooperativa era estudante bolsista de uma faculdade e trabalhava na administração da cooperativa em troca da bolsa na faculdade.

A administração da cooperativa era realizada somente por ele, quando eu levantei a questão sobre o futuro da cooperativa quando a sua bolsa terminasse, ele disse que já foram feitas algumas tentativas para que outros cooperados participassem das tarefas administrativas, mas a maioria não se sentia capacitado para tal função, fato que já foi relatado nos estudos de (Barbieri & Rufino, 2007; Mascarenhas, 2007; Chiariello & Eid, 2013, 2014 e 2015)

Em um curto momento da cooperativa, alguns cooperados já participaram das funções administrativas por iniciativa do gestor em incentivá-los, mas logo que conseguiram uma oportunidade de emprego assalariado, decidiram deixar a cooperativa, deixando o gestor frustrado por ter gasto tanto tempo para treiná-los.

O tempo que permaneci no escritório realizando as entrevistas me permitiu vivenciar um pouco do cotidiano do gestor e percebi que o seu cargo estava um grau acima dos cooperados na hierarquia da cooperativa, pois quando os cooperados se dirigiam até o escritório, eles sempre pediam a permissão do gestor para usar o telefone, para pegar uma luva de proteção ou remédio, ou para esclarecer alguma dúvida sobre o pagamento.

O gestor deixou claro que ele não influenciava nas tarefas operacionais da cooperativa, pois os cooperados tinham o conhecimento e a capacidade de cuidar da produção da cooperativa e poucas vezes que ele tentou mudar algum equipamento ou estoque de lugar, os cooperados explicaram porque não deveria ser realizada tal mudança, deixando claro que eles detinham um conhecimento operacional superior ao dele.

Quando acabou a bolsa do Igor na faculdade, automaticamente ele perdeu a obrigatoriedade de trabalhar na administração da cooperativa. Mas para que a cooperativa não ficasse defasada administrativamente, ele resolveu se tornar um cooperado e ser remunerado igualmente aos demais, recebendo o mesmo valor da hora trabalhada, mas fazendo uma jornada de trabalho menor, somente o suficiente para cumprir as tarefas administrativas.

Para auxiliá-lo nas tarefas administrativas ele começou a receber a ajuda de uma cooperada, cujo nome fictício é Aniele, que trabalhava na coleta da cooperativa, mas pelo gestor perceber que ela tinha capacidade de participar da administração, ele recrutou-a.

Durante o período de tempo que estive presente em campo, presenciei a inclusão da cooperada nas tarefas administrativas. A mudança de função na cooperativa também mudou a roupa que ela começou a usar para trabalhar, pois todos os cooperados que trabalham na produção utilizam roupas mais velhas, pois ao trabalhar com material reciclável a roupa suja muito, quando a cooperada começou a trabalhar no escritório, ela começou a utilizar umas roupas mais novas.

Pelo fato do gestor ficar na cooperativa somente o tempo necessário para realizar as tarefas administrativas, a cooperada, que o auxiliava, permanecia na função administrativa apenas enquanto o gestor estava na cooperativa, no restante do tempo ela deveria ajudar na produção da cooperativa.

Mas quando a cooperada começou a participar das tarefas administrativas, ao voltar para as tarefas operacionais de produção da cooperativa, ela não estava se dedicando tanto ao trabalho o quanto ela se dedicava antes. Enquanto eu realizava uma entrevista com o Marcel, que na época era um cooperado voluntário, mas influente entre os cooperados, ele reclamou para mim e para a coordenadora dizendo: “Eu já falei para a Aniele que enquanto ela não estiver no escritório, ela tem que ajudar no galpão, mas olha lá! Ela está só enrolando mexendo no celular, ela tinha que estar varrendo toda aquela sujeira”.

O histórico da criação da cooperativa explica o distanciamento entre a gestão e a produção da cooperativa, desde a unificação das três cooperativas em um único galpão, quando surgiu a Central de Reciclagem de Sorocaba, os cooperados não foram obrigados a se preocupar com a gestão da cooperativa, pois a cooperativa ganhou um gestor para se encarregar da tarefa.

O gestor pelo fato de trabalhar na cooperativa em troca de uma bolsa, não representava um gasto para a cooperativa, e conseqüentemente não influenciava na renda de cada membro. Quando o gestor terminou a faculdade, a cooperativa perdeu o seu administrador, e a solução mais cabível no momento era pagar pelos seus serviços, mas pelo fator do gestor se tornar um cooperado e ter a mesma remuneração dos demais membros, embora cumpra uma carga horária menor, não influenciou muito a retirada mensal de cada membro, portanto, continuou tornando-se cômodo deixar a administração da cooperativa a cargo de somente uma pessoa.

A cooperativa, ao concentrar as tarefas administrativas a cargo de somente um cooperado especializado para tal tarefa (o gestor) que recebia o auxílio de uma cooperada, a Aniele, que cumpre o papel de auxiliar administrativo, contribui para o distanciamento entre a gestão e a produção na cooperativa e desta forma, mantém a cultura do assalariamento produzida pelo histórico dos trabalhadores em empresas heterogestionárias.

O gestor, relatou em uma das entrevistas, que alguns cooperados estavam reclamando pelo baixo valor da retirada de um determinado mês e comentou: “eles ficam reclamando do dinheiro que receberam, mas eu já disse que tudo está anotado direitinho, está vendo essa lista? Nela está marcado todo mundo que venho na reunião onde eu expliquei como funciona a contabilidade da cooperativa, dá para você ver que não venho quase ninguém, todos sabem reclamar, mas quando é para vir na reunião para entender as coisas, não vem ninguém”.

Os cooperados ao reclamarem pelo baixo valor das retiradas representam duas situações. Se estão reclamando porque a cooperativa está pagando pouco, significa que quem reclama carrega a cultura do assalariamento, onde se vê como um empregado e não sócio, e desta forma, não compreende que a retirada mensal está diretamente relacionada a divisão das sobras da cooperativa.

Mas se o cooperado reclama da baixa retirada porque está suspeitando que o gestor está desviando algum dinheiro da cooperativa, então o mesmo devia exercer a sua função de cooperado e dono da cooperativa e investigar a contabilidade da empresa que é aberta para todos os membros. Entretanto a maioria dos cooperados não confiam na sua capacidade de avaliar a contabilidade da empresa, e por carregar uma cultura do trabalho assalariado, recorrem as reclamações e conspirações pelos cantos da cooperativo, sobre o baixo “pagamento” e pelo suposto roubo que estão sofrendo.

5.3 A POLITECNIA NA COOPERATIVA

A análise do emprego da politecnia na cooperativa foi dividida entre a politecnia na gestão, na coordenação da produção e na produção da cooperativa.

5.3.1 A politecnia na gestão

O distanciamento entre a gestão e a produção da cooperativa representa, em partes, a separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, conseqüentemente a inibição da politecnia.

Uma das atividades administrativas é o relacionamento com os clientes e a venda de materiais para os mesmos. Os clientes da cooperativa são os atravessadores, empresas que compram os materiais de cooperativas de reciclagem para vender às indústrias recicladoras.

Se o gestor da cooperativa decide, eventualmente, mudar de cliente para a venda de um determinado material, este novo cliente pode exigir uma nova especificação para a compra. Esta nova especificação implicará em uma mudança na separação do material pelos cooperados para atender a nova exigência.

As decisões do gestor, embora busquem conservar os mesmos clientes, se baseiam em índices econômicos, se ele achar vantajoso trocar de cliente, ele tomará essa decisão sem consultar os demais cooperados, já que as vendas fazem parte do seu escopo de atividades administrativas, e ele executa estas atividades sem a participação dos demais cooperados.

Portanto, a decisão do gestor de trocar de cliente causa uma mudança na organização do trabalho na cooperativa, e se configura como uma inibição da politecnia na organização, pois há uma cisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, sendo a decisão estratégica do gestor em trocar de cliente o trabalho intelectual, e a mudança operacional para atender a demanda do novo cliente o trabalho manual.

Uma outra separação entre trabalho manual e intelectual acontece dentro do próprio setor administrativo, pois a cooperada que era encarregada em auxiliar o gestor respondia aos seus comandos, logo é o gestor que definia as atividades que a cooperada devia executar. Neste contexto, o gestor é responsável pela concepção do trabalho e cabia a sua auxiliar a execução do trabalho.

5.3.2 A politecnia na coordenação da produção

Na cooperativa estudada existe um cargo de coordenadora da produção, a coordenadora é responsável pelo gerenciamento dos cooperados dentro do galpão da cooperativa. Quando eu

inicie o meu trabalho em campo, o gestor me pediu para que eu me dirigisse até a coordenadora para que ela decidisse onde eu deveria trabalhar.

Uma das funções da coordenadora é alocar os cooperados em seus postos de trabalho, os cooperados não trocam muito de função e não há uma política de rodízio de função, mas na cooperativa há um alto índice de contratação e saída de trabalhadores que somado ao alto índice de absenteísmo exige que a coordenadora diariamente precise remanejar os cooperados.

A existência da função de coordenação remete a hierarquia das empresas heterogestionária onde o comando é exercido de cima para baixo, desta forma a cooperativa estudada devido ao desconhecimento dos seus membros sobre as formas de gerenciamento autogestionárias, tende a reproduzir as práticas de gerenciamento já existentes que utilizam mecanismos centralizadores, uma observação que converge com o estudo de Barbieri e Rufino (2007).

A coordenadora da produção, com relação à função de remanejar os cooperados nos postos de trabalho, cumpre o papel de centralizar a decisão em somente um trabalhador. A estratégia da centralização das decisões na função do coordenador, reproduzindo o sistema hierárquico das organizações heterogestionárias, foi uma saída encontrada para que a organização continue mantendo a sua eficiência econômica, por considerar que a função de coordenação permite uma resposta mais rápida ao problema da alocação de trabalhadores.

A cooperativa, por estar inserida dentro da lógica do mercado capitalista, deve operar com eficiência econômica para atender as exigências do mercado e gerar renda para os seus cooperados. Portanto, como já foi assinalado por Barbieri e Rufino (2007), Lima (2010) e Chiariello e Eid (2014) a cooperativa tenta manter uma lógica interna solidária e coletiva dentro da hegemonia do mercado capitalista.

Desta forma, a cooperativa ao empregar a função de coordenadora de produção estabelece uma cisão entre a concepção e a execução do trabalho, pois ao delegar para a coordenadora a tarefa de realocar os cooperados, a organização aliena os demais cooperados com relação a responsabilidade de buscarem uma solução em conjunto. Contribuindo assim, para a manutenção da subordinação do trabalhador, típica das organizações heterogestionárias.

Em um determinado dia que eu fui trabalhar na cooperativa, a coordenadora me alocou na função de separar o bag de papéis em três bags de “encarte”, “branquinho” e “misto”. Quando cheguei no local destinado para a separação, notei que havia uma cooperada realizando este trabalho que geralmente ocupava um posto de separação na esteira, durante o trabalho eu indaguei porque ela havia mudado de posto de trabalho e ela respondeu “A gente não escolhe

onde trabalhar, a gente trabalha onde precisa, onde a coordenadora manda a gente ir” (Diário de campo: 27/10/2015).

A fala desta cooperada reflete a naturalização da submissão que foi construída no imaginário social capitalista que faz parte de todo o trabalhador em diversos graus de influência. O imaginário social capitalista, além de naturalizar a submissão e produzir a alienação, também naturaliza o exercício do poder, quando se encontra um ambiente favorável.

Neste mesmo dia de trabalho, em um determinado momento eu estava trabalhando na separação dos papéis com a cooperada designada para o serviço e a coordenadora. A coordenadora ao reclamar de uma outra cooperada que com frequência ia embora antes do horário disse: “Eu não vou ficar segurando uma cooperado que não tem responsabilidade com a cooperativa” (Diário de campo: 27/10).

A coordenadora ao dizer que não vai ficar “segurando” uma cooperada, que aos olhos dela não merece estar na cooperativa, mostra o poder que o cargo de coordenador impute ao cooperado. Este trabalhador que ocupa o cargo de coordenador sente que tem o poder de demitir um cooperado que de alguma forma não lhe agrada, contrariando de todas as formas a natureza solidária e associativa de uma cooperativa, onde a igualdade entre os membros deve prevalecer, não permitindo que um cooperado tenha o poder de desligar ninguém da organização sem o consentimento dos demais.

5.3.3 A politecna na produção da cooperativa

Os cooperados dominam todas as etapas do processo produtivo de coleta, triagem e prensagem dos materiais, e por terem um conhecimento tácito derivado do contato cotidiano com a produção, detêm uma sabedoria sobre o processo superior ao do gestor da cooperativa e desta forma, possuem total autonomia para alterarem o arranjo produtivo da cooperativa.

A triagem dos materiais é realizada através de uma esteira elevada onde cada buraco da esteira é destinado um tipo de material, nos primeiros buracos são separadas as sacolas, pois muitos materiais coletados vêm em sacolas amarradas, então no início da esteira as sacolas são rasgadas e coletadas.

Em todos os demais buracos de separação da esteira, a ordem dos materiais que são separados foi escolhida de acordo com o critério de maior volume de material. Portanto, a configuração da ordem de separação da esteira foi resultado de um longo processo de aprendizagem em uma busca de uma maior eficiência na separação. Este processo de aprendizagem é contínuo e ainda está em construção.

O sistema de triagem e separação dos materiais é composto por três esteiras, a primeira fica no solo onde é transbordado o bag que deve ser separado, a segunda esteira é inclinada para transportar os materiais até a terceira esteira, que fica elevada do chão e é onde os materiais são separados nos respectivos buracos. A figura 6 a seguir mostra o início da esteira:

FIGURA 6 – Início da esteira



Fonte: Fotografada pelo próprio autor

Os materiais quando são transportados pela esteira inclinada sofrem uma queda de um metro para chegarem na terceira esteira onde acontece a separação. Este desnível entre a segunda e a terceira esteira pode quebrar os materiais recicláveis de vidro. Para evitar que isto ocorra, os cooperados estabeleceram um posto de trabalho, no solo, no início da esteira onde um membro é responsável pela separação dos vidros

A esteira também recebeu adaptações para que respondesse melhor as exigências dos cooperados, embora já tenha sido projetada para a separação de materiais recicláveis. No final da esteira, os materiais que não são considerados recicláveis e portanto são descartados como lixo, caem em um bag. Mas pelo fato do final da esteira não conter uma canaleta que direcionasse os materiais descartados para o bag, os lixos mais leves caíam no chão devido a ação do vento.

Os cooperados em uma ação conjunta com o cooperado Marcel compraram chapas de metal, com o dinheiro da cooperativa, e construíram uma canaleta para que os materiais não fossem mais desviados pelo vento. Nesta canaleta eles também desenvolveram um sistema para bloquear a queda do material quando o bag cheio era trocado pelo vazio. A figura 7 a seguir mostra a canaleta de metal que foi inserida.

FIGURA 7 – Canaleta de metal no final da esteira



Fonte: Fotografada pelo próprio autor

Os cooperados também fizeram canaletas em plástico para direcionar a queda dos materiais nos seus respectivos bags como mostra a figura 8 a seguir:

FIGURA 8 – Canaletas plásticas nos buracos da esteira.



Fonte: Fotografada pelo próprio autor

A configuração de separação dos materiais na esteira, a decisão de ter um cooperado no início da esteira para coletar os vidros e as adaptações na esteira para atender melhor a demanda da produção são exemplos do emprego do conhecimento tácito dos cooperados para melhorar a eficiência na triagem dos materiais.

Os cooperados que fizeram parte das mudanças estruturais da produção são os mesmos que executam as tarefas que foram melhoradas. Portanto, as mudanças partiram dos problemas

enfrentados no cotidiano dos trabalhadores, que teriam que ser resolvidos por eles mesmos de acordo com a disponibilidade de seus recursos.

Este processo de diagnóstico do problema e a proposição de uma solução, ao ser realizado pelo mesmo grupo de cooperados, representa uma união entre a concepção e a execução do trabalho, portanto a prática da politecnia. Assim sendo, a autonomia do cooperado promovida pelo conhecimento tácito de todo o processo produtivo que está inserido, o permitiu articular todo o conhecimento e recurso disponível para melhorar o próprio processo de trabalho.

Em um dos dias que eu trabalhei na esteira de separação e triagem, eu fiquei responsável por separar as garrafas de pet verde em um buraco e os jornais em outro buraco. Mas as garrafas de pet que vinham fechadas com a tampa deveriam ser furadas com uma faca antes de serem separadas no buraco, durante o trabalho eu senti muita dificuldade em furar as garrafas acompanhando o ritmo da esteira, pois para que a garrafa fosse furada era necessário dar um golpe certo com a faca, e pelo fato da minha faca não estar muito afiada e por eu não estar adaptado a aquele trabalho, às vezes era necessário cinco tentativas para furar uma garrafa, mas como a esteira não parava, eu estava sofrendo para não cometer nenhum erro.

Diante da dificuldade que eu enfrentava, em um determinado momento eu perguntei para uma cooperada ao lado, que também estava furando as garrafas pets de outra cor, porque nós deveríamos furar as garrafas e ela respondeu que quando a garrafa era separada com a tampa e não era furada, depois da prensagem dos materiais, os fardos ficam no sol esperando o comprador buscá-lo, se a garrafa não está furada e fica no sol, ela infla devido ao calor e corre o risco do fardo arrebentar. (Diário de campo: 29/09/2015)

O conhecimento da cooperada acerca do processo produtivo que está inserida foi construído pela necessidade dos cooperados praticarem a autogestão cotidiana da produção, pois o gestor era responsável somente pela administração e venda dos materiais. Pelo fato dos cooperados saberem que a retirada no final do mês está diretamente relacionada a eficiência produtiva, eles buscam diariamente a melhoria do processo produtivo.

Portanto, a propriedade coletiva dos meios de produção, que permite os funcionários relacionarem a eficiência produtiva à divisão igualitária das sobras, motiva os cooperados a articularem seus saberes para buscarem a melhoria contínua do processo. Esta busca constante em aperfeiçoar o processo torna-se uma prática cotidiana da autogestão, por conscientizar os cooperados que eles são os responsáveis pelo próprio sucesso, e deste modo, devem se articular coletivamente, pois o bem individual está intimamente ligado ao bem comum.

5.4 A TROCA DE FUNÇÕES

A cooperativa estudada não possui uma política que estimula o rodízio de tarefas. Através de uma entrevista (realizada com a coordenadora da cooperativa), uma conversa durante o almoço com as cooperadas e a própria observação da dinâmica de rotatividade de funções durante a estada em campo foi constatado que a coordenadora e os cooperados evitam, ao máximo, a troca de postos de trabalho.

Os principais motivos que fazem com que algum cooperado tenha que mudar de função são: saída de um cooperado da organização, ausência de um cooperado em um determinado dia, o descontentamento do cooperado com a função que está desempenhando e a ineficiência do cooperado na função que está desempenhando.

Quando algum cooperado se desliga da cooperativa ou falta em um determinado dia é papel da coordenadora de produção, caso esta função seja prioritária para a organização, realocar outro cooperado para a função que possui o trabalhador ausente.

A coordenadora realoca os cooperados seguindo uma lógica de priorização de funções, se a função que está faltando o trabalhador é importante para a produção, a coordenação preenche com um cooperado de outra função, mas caso a função não seja prioritária, ela fica inativa durante o tempo que for necessário.

Através da entrevista que eu realizei com a coordenadora, ela explicou a lógica que utiliza para priorizar as funções:

A gente tem que dar prioridade para a rua né, porque quando o material tá no galpão o nosso dinheiro tá garantido, mas o material vem da rua, então não pode faltar gente pra pegar esse material, se precisar eu tiro gente da esteira e da prensa para por na rua, porque a esteira pode funcionar com menos cooperados, porque um cobre o buraco do outro, mas a rua não (coordenadora Cida, Diário de campo: 27/10/2016).

Um outro motivo relatado que gera a troca de função na cooperativa é através do pedido de um cooperado, para o coordenador, para mudar de função, pois não se adaptou a ela. Durante uma conversa durante o almoço, uma cooperada relatou que estava se cortando muito em um buraco na esteira e pediu para a coordenadora trocá-la de posição na esteira (Diário de campo: 07/04/2016).

Já a troca de função devido a ineficiência do trabalhador, o cooperado Marcel relatou que um certo cooperado ficou muito insatisfeito quando foi pedido para ele deixar a função de prensista para trabalhar no final da esteira, trocando o bag dos materiais que não são considerados recicláveis e são rejeitados (Diário de campo: 07/04/2016).

A troca aconteceu porque este prensista tinha um desempenho muito inferior aos outros prensistas e apesar da cooperativa ter cinco prensas, a produção necessitava apenas de duas prensas em pleno funcionamento para suprir a demanda de material separado, então o cooperado que tinha o pior desempenho foi remanejado para outra função.

A saída da cooperada Daniele do escritório para voltar a trabalhar na produção também foi um caso relatado pelo gestor como uma troca de função devido a ineficiência da Daniele no cargo de auxiliar de escritório. O gestor Igor relatou que a cooperada não teve o desempenho que ele esperava depois de seis meses trabalhando como auxiliar de escritório, ele também disse que o fato da cooperada sair da produção para trabalhar no escritório mudou o seu comportamento, ela passou a demonstrar que estava acima dos demais cooperados, então ela foi remanejada para a produção, mas ficou muito insatisfeita por ter que voltar a trabalhar no galpão da produção (Diário de campo: 07/10/2016).

Os casos da cooperada que pediu para trocar de buraco na esteira porque estava se cortando, do prensista que ficou insatisfeito por ter sido tirado da prensa e da auxiliar de escritório que também ficou insatisfeita por ter que voltar a trabalhar no galpão revela a desigualdade que possui as funções na cooperativa com relação a carga de trabalho imposta aos cooperados.

A melhor condição de trabalho é no escritório, pois o cooperado não entra em contato com o material reciclável, o ambiente do escritório é mais limpo e fresco, o escritório possui um banheiro limpo e a tarefa não é repetitiva e também não é controlada, pois o trabalho se alterna entre fazer a folha de pagamento e se relacionar com clientes e visitantes.

O trabalho de operador de empilhadeira e a separação de materiais “finos” vem em segundo lugar com relação as condições de trabalho, pois são tarefas que também não são repetitivas, não são controladas e não exigem muito esforço físico.

O trabalho de prensista exige um pouco mais de esforço físico pois é preciso transbordar o bag na bancada da prensa, também é um pouco repetitivo operar sempre a mesma prensa, embora o material a ser prensado sempre mude. Entretanto, o trabalho não é controlado, pois o prensista é responsável por controlar o próprio ritmo de trabalho.

Já o trabalho na coleta dos materiais da rua é mais precário, pois exige um esforço físico para andar o dia inteiro coletando material pela rua e, em alguns momentos, o trabalho é controlado pela velocidade do caminhão que percorre a rua, embora seja dinâmico, pois cada dia da semana é uma rota diferente, em um bairro diferente da cidade.

Contudo, o trabalho mais precarizado na cooperativa é separar os materiais na esteira, pois o cooperado está em contato direto com o material, há um odor muito forte presente durante

todo o dia de trabalho e o mais importante, trabalhar separando sempre o mesmo material, torna-se o trabalho extremamente repetitivo e controlado, pois a separação acontece na velocidade da esteira.

Eu trabalhei em diversos buracos da esteira e percebi que quanto mais perto era o buraco do início da esteira, mais precarizado tornava-se o trabalho. O início da esteira possui um mal cheiro mais forte, pois todos os materiais passam pelo começo da esteira, mas conforme os buracos são mais afastados do início, o volume de material é menor, então o mau cheiro também é menor.

Quando eu trabalhei no início da esteira eu tinha que rasgar todas as sacolas que estavam amarradas com materiais dentro, para que o restante da esteira conseguisse separar os materiais. Este era o pior trabalho na esteira, pois são muitas sacolas para abrir e pelo fato que não é possível saber o que tem dentro, acontecia muitas surpresas desagradáveis, então essa era a função que mais mudava de cooperados, porque ninguém queria realiza-la (Diário de campo: 21/09/2015).

Devido a inexistência de uma política de rodízio de funções e a desigualdade na carga de trabalho envolvida em cada função, quando um cooperado é designado para uma nova função, ele não sabe por quanto tempo terá que assumir o novo posto de trabalho, e se este trabalho for pior que o último que ele desempenhava, ele ficará insatisfeito pela nova condição do trabalho.

A designação de funções na cooperativa está relacionada a capacidade física e técnica do cooperado que irá assumir o posto de trabalho. O trabalho no escritório auxiliando o gestor da cooperativa, ou eventualmente assumindo o seu papel, necessita que o cooperado sinta-se capaz de calcular o valor da hora trabalhada a partir das sobras da cooperativa. Como a maioria possui baixa escolaridade, poucos cooperados já trabalharam no escritório.

Para ser prensista o cooperado tem que querer aprender a operar a prensa e precisa ter uma certa força física para transbordar o bag na bancada da prensa. Já para trabalhar na coleta dos materiais na rua, é preciso uma condição física que possibilite o trabalhador a andar rápido durante o dia inteiro.

O trabalho de empilhadeira, o cooperado precisa ter o curso que o qualifique, já o trabalho de separar os metais “finos” é necessário um conhecimento tácito sobre a composição de cada material.

Na esteira, para trabalhar trocando os bags que foram separados é preciso ter força para arrastá-los até o estoque, entretanto para trabalhar na esteira separando os materiais, o cooperado precisa somente saber quais são os materiais que ele precisa separar.

Portanto, infere-se que as melhores condições de trabalho na cooperativa são designadas aos cooperados que possuem um conhecimento técnico, enquanto que os trabalhos intermediários, com relação as condições de trabalho, são ocupados pelos trabalhadores que possuem força física para desempenhá-los, já o trabalho precarizado na esteira é ocupado pelos cooperados que não possuem conhecimento técnico e força física para cumprir outra função, então precisam se submeter a um trabalho repetitivo e controlado pela velocidade da esteira.

Logo, a inexistência de um rodízio de funções em conjunto com a desigualdade das condições de trabalho em cada função gera uma especialização de funções dentro da cooperativa, pois cada cooperado não deseja ser transferido para outra função que possua uma condição de trabalho pior, esta especialização de funções, como adverte Chiariello e Eid (2013) pode sustentar uma estrutura organizacional formada por relações assimétricas de poder, semelhandando-se as empresas capitalistas.

A especialização de funções cria uma estagnação dos cooperado nos postos de trabalho, criando vínculos entre os cooperados que trabalham juntos, mas também, criando uma separação da organização em diversos grupos informais.

Os cooperados que trabalham na coleta geralmente compõem a mesma equipe com o mesmo motorista e possuem uma rota que foi aprimorada durante anos, portanto os cooperados que trabalham no mesmo caminhão criaram um vínculo entre eles e entre os moradores das casas que participam da rota de coleta.

Na esteira de triagem os cooperados, geralmente, ocupam a mesma posição durante muito tempo, durante um almoço com os cooperados uma cooperada relatou que estava há cinco meses no mesmo buraco (Diário de campo: 21/09/2015).

A permanência na mesma posição na esteira cria vínculos entre os cooperados que trabalham ao lado, formando diversos grupos informais ao longo da esteira. Durante o almoço é possível perceber que os cooperados que trabalham próximos na esteira, almoçam juntos, do mesmo modo que os cooperados que compõe o mesmo caminhão, também costumam almoçar juntos. Durante o almoço, os cooperados do mesmo grupo acabam dividindo o suco ou a pimenta que alguém acaba trazendo.

A inexistência de uma política de rodízio de funções, que gera a manutenção dos membros em uma mesmo trabalho durante muito tempo, cria diversos grupos informais formados por cooperados que trabalham em postos de trabalho próximos. Estes grupos informais criam vínculos duradouros e laços de solidariedade entre eles, mas esta solidariedade, muitas vezes, fica restrita entre os participantes do mesmo grupo.

Mas a manutenção dos grupos informais ocasionadas pela inexistência do rodízio de funções, apesar de criar laços de solidariedade entre os membros que o compõe, acaba impedindo os cooperados de adquirir uma vivência laboral em outros postos de trabalho. A experiência de trabalhar em outras funções é importante para que o cooperado sinta as dificuldades de cada trabalho e deste modo, se sensibilize com o esforço que os outros membros exercem em suas funções.

Durante um certo dia trabalhando na esteira, eu percebi que o último buraco da esteira estava sendo utilizado como buraco de recuperação, mas esta prática era evitada pelos cooperados, pois eles sabiam que destinar um buraco para a recuperação significava retrabalho, pois o bag com os materiais daquele buraco voltaria para o início da esteira. (Diário de campo: 28/09/2015)

Mas os cooperados que trabalham no final da esteira estavam adotando o bag de recuperação como forma de manifestação contra os cooperados que trabalham no início da esteira rasgando e separando as sacolas. Na visão dos trabalhadores do final da esteira, quem estava na função de rasgar e separar as sacolas não estava se empenhando como deveria, pois, estava passando muita sacola que deveria ser coletada, em virtude disso, os cooperados decidiram não se esforçar para evitar que precisasse do bag de recuperação.

Este desentendimento entre os cooperados que trabalham na esteira é fruto da falta de sensibilização sobre a dificuldade inerente no trabalho dos outros membros. A tarefa de rasgar e separar as sacolas é considerada por mim a tarefa mais difícil da esteira, pois é a função que apresenta a maior rotatividade entre os membros devido a velocidade que é requisitada para não deixar passar nenhuma sacola e também, pelo fato que o cooperado que é responsável em abri-las é o mais sujeito a encontrar materiais que não são recicláveis, como: fraudas descartáveis, restos de comida, rejeitos hospitalares e objetos perfurantes.

A atitude dos cooperados que trabalham no final da esteira de julgar o baixo desempenho dos outros cooperados da esteira está relacionado a falta de sensibilidade sobre a dificuldade do trabalho do outro. Esta falta de sensibilidade relacionada a inexistência de uma política de rodízio de funções gera um enfraquecimento da união entre os cooperados e favorece a divisão do coletivo em diversos grupos informais.

O enfraquecimento do coletivo de cooperados não permite que eles enxerguem a cooperativa como uma organização de trabalhadores unidos a favor da geração de renda, pelo contrário, os grupos informais geram uma desconfiança mútua, tratando os cooperados que estão fora do grupo como não engajados com a cooperativa, e portanto, responsáveis pela queda na retirada mensal.

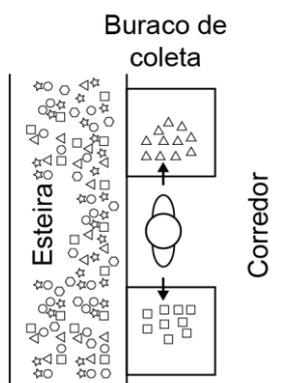
5.5 TRABALHO E EDUCAÇÃO

Quando eu trabalhei na esteira de separação dos materiais, o primeiro fato que me chamou a atenção eram os baldes que estavam espalhados por todo o corredor da esteira onde ficavam os cooperados. Estes baldes têm a mesma função que os buracos na esteira, servem para armazenar os materiais que foram separados.

Durante as primeiras entrevistas com o gestor, ele mencionou que ele já tinha pedido para as cooperadas pararem de usar o balde, pois eles impediam a passagem dos cooperados no corredor da esteira, mas o pedido não foi atendido. O gestor me disse que os cooperados já utilizavam estes baldes para separar os materiais antes da unificação das cooperativas, quando ainda os materiais eram separados em uma bancada e distribuídos em baldes. Segundo ele, as cooperadas carregaram a cultura de utilizar os baldes para a nova cooperativa, e mesmo que a esteira tenha os buracos de separação, os baldes continuaram a ser usados em conjunto com os buracos da esteira.

Quando eu comecei a trabalhar na esteira eu notei que os baldes tinham uma função de aumentar a quantidade de compartimentos de separação da esteira. Se a esteira fosse utilizada do modo que foi projetada, cada cooperado conseguiria separar apenas dois tipos de materiais, pois há somente dois buracos ao alcance do cooperado, um de cada lado. Conforme a figura 9 abaixo:

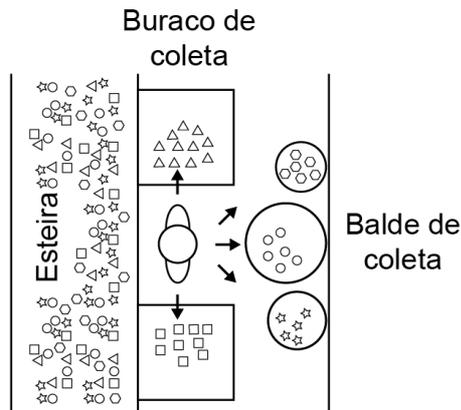
FIGURA 9 – Separação sem os baldes.



Fonte: Elaboração própria.

Mas ao utilizar os baldes de separação, cada cooperado consegue separar no mínimo cinco tipos de materiais diferentes, pois atrás de cada cooperado, cabem diversos baldes e algumas sacolas de separação, conforme mostra a figura 10 a seguir:

FIGURA 10 – Separação com os baldes.



Fonte: Elaboração própria.

Mas o gestor não via utilidade no balde, pois a esteira continha buracos suficientes para separar todos os tipos de materiais, então se cada cooperado separasse dois materiais, um para cada buraco ao seu lado, todos os materiais seriam selecionados e não precisaria do balde.

Entretanto, quando você passa alguns dias trabalhando na esteira, você percebe que o balde tem uma função de amortecer a irregularidade de aparecimento de cada tipo de material, em virtude da característica do local onde o material foi coletado.

Por exemplo, se o bag tinha material coletado de uma escola, é provável que este bag tenha uma concentração maior de papel e copo descartável. Quando este bag for transbordado na esteira, sobrecarregará os cooperados responsáveis pela separação do papel e do copo descartável e provavelmente a esteira vai ter que parar para que estes dois cooperados consigam separar todos os materiais.

Mas através da utilização dos baldes e sacolas, outros cooperados também conseguem separar o papel e o copo descartável e, deste modo não sobrecarrega somente um cooperado.

Durante um dia de trabalho na esteira, tinha uma cooperada que além de separar os materiais da sua função, quando ela podia, ela separava os meus materiais também. Depois de poucas horas trabalhando nessa função, eu também me senti na obrigação de retribuir o favor e comecei a ajuda-la separando os seus materiais (diário de campo 29/09/2015).

Depois de alguns dias trabalhando na esteira e utilizando os baldes e sacolas para separar outros materiais além dos respectivos buracos ao meu lado, eu percebi que a cooperação na separação dos materiais através dos baldes e sacolas melhoram as condições de trabalho na esteira, pois o trabalho torna-se mais constante, pois o cooperado não fica ocioso quando não

tem o seu material para separar e também não fica sobrecarregado quando aparece uma quantidade grande de material.

Quando a cooperada começou a me ajudar separando o meu material, logo que eu consegui, eu também comecei a ajudá-la. A minha decisão de cooperar separando os materiais de outros cooperados não surgiu a partir de um treinamento, mas a partir da obrigação em retribuir uma ajuda.

A cooperação entre os membros está presente em diversas etapas do processo produtivo e no cotidiano da cooperativa. Os prensistas também cooperam entre eles para transbordar o bag de material na prensa, pois cada cooperado que é prensista opera uma prensa sozinho, mas para transbordar um bag na bancada da prensa sem ajuda é uma tarefa muito penosa, então cada prensista ajuda o outro a transbordar o bag na prensa (Diário de campo: 07/04/2016).

A cooperação entre os membros da cooperativa se configura como um instrumento pedagógico que ensina que a colaboração no trabalho diminui a carga de trabalho individual. Quando eu recebia algum auxílio na realização das minhas tarefas, o meu trabalho era facilitado e eu me sentia agradecido, mas também percebia que eu tinha adquirido uma dívida e para pagar eu tinha que retribuir a ajuda. Desta forma, a minha socialização no grupo aconteceu durante o processo de trabalho, onde eu era ajudado e sentia a necessidade de também ajudar.

Portanto, a socialização de um novo membro na cooperativa acontece durante o processo de trabalho, e o auxílio que este membro recebe durante o seu trabalho e a sua necessidade de retribuir, torna-se um processo educativo voltado para a ajuda mútua.

Durante toda a observação participante eu evitei demonstrar fraqueza perante alguma atividade e percebi que este comportamento é derivado do comportamento dos outros membros que também não querem demonstrar fraqueza ou incapacidade.

Este comportamento pode ser explicado pelo formato organizacional da cooperativa. Pois, como já mencionado, a divisão igualitária das sobras promove uma fiscalização coletiva sobre o trabalho e o desempenho de todos, então quando o cooperado entra na cooperativa, ele aprende que está sempre sendo julgado pelo seu esforço e desempenho, então ele tenta mostrar que é merecedor de uma vaga na organização.

A fiscalização coletiva configura-se como um instrumento de controle do trabalho, pois, apesar da cooperativa ter uma coordenadora de produção, a função de coordenação não exerce um monitoramento sobre o engajamento de cada trabalhador, cabendo ao coletivo esta tarefa. O controle do trabalho através da fiscalização coletiva também foi apontado na pesquisa de Galvão (2008).

A fiscalização coletiva está presente em todas as etapas do processo de produção, as cooperadas na esteira observam os materiais que não estão sendo coletados por outra cooperada, já na rua os cooperados avaliam a velocidade que o outro está percorrendo para coletar as sacolas laranjas.

No galpão a fiscalização coletiva fica evidente pelo fato dos cooperados não pararem o trabalho em nenhum momento, os prensistas poderiam fazer uma pausa entre cada fardo produzido, já o cooperado que troca os bags da esteira poderia descansar a cada troca de bag, mas os cooperados sabem que estão sendo vigiados pelo coletivo, então sempre estão à procura de uma atividade para não serem julgados por serem ineficientes.

O comportamento de não ficar parado durante o trabalho também me afetou durante toda a observação participante. Pelo fato de eu não ocupar um posto de trabalho fixo, a cada dia de trabalho eu tinha que me envolver em alguma atividade, na maioria das vezes a coordenadora designava o que eu tinha que fazer, outras vezes eu buscava auxiliar algum cooperado por conta própria. Mas todos os dias que trabalhei eu me esforcei para não ficar parado em momento algum.

Os comportamentos de cooperar com o trabalho de outros membros, não demonstrar fraqueza diante de nenhuma atividade e estar sempre fazendo algo para não ficar parado, foram adquiridos pelos demais cooperados e por mim, ao fazer parte da cooperativa. Portanto, a cooperativa revela-se como um espaço pedagógico, pois transforma o trabalhador através do contato cotidiano com um trabalho apoiado sob os valores da cooperação e solidariedade, como já foi apontado por Frantz (2001) e Santos e Deluiz (2009).

Um outro comportamento presente entre alguns cooperados é a responsabilidade pelo sucesso do empreendimento. Esta responsabilidade é reproduzida na fala de uma cooperada quando disse “eu não engoli até agora aquela quantia de material vendido que eles apresentaram para nós” (Diário de campo: 07/10/2016).

O motivo do desabafo era o baixo valor pago pela hora trabalhada nos últimos meses, o que levou alguns cooperados a suspeitarem da idoneidade do gestor da cooperativa. A atitude da cooperada ao desabafar com os outros cooperados tinha o objetivo de movimentar uma articulação entre eles para que, de alguma forma, fosse possível investigar se os cooperados estavam sendo lesados pela administração.

Esta articulação para defender o interesse dos cooperados representa uma consequência da formação política que a cooperativa possibilita. Esta formação política pode ter sido influenciada pelos cursos fornecidos pela cooperativa, mas teve uma influência principal da

própria autonomia dos cooperados, que por serem responsáveis pela produção da cooperativa, acabam ampliando esta reponsabilidade para a fiscalização das atividades administrativas.

A formação política é consequência da ligação que os cooperados fazem entre as sobras da cooperativa e o valor pago pela hora trabalhada, como salientou Tiriba (2008, p. 74) “a propriedade e a posse dos meios de produção trazem para os trabalhadores a possibilidade de articular saberes que a organização capitalista do trabalho fragmentou”. Ao perceberem que a renda mensal está diretamente relacionada à produção da cooperativa, eles se sentem responsáveis por aumentar a produtividade da organização. Esta responsabilidade é desdobrada na fiscalização coletiva do desempenho de cada um e na articulação política para melhorar o sistema de produção ou inspecionar o trabalho da administração.

Mas esta formação política fica restrita ao âmbito da organização, pois durante a estada em campo eu não vivenciei entre os cooperados uma articulação entre eles para aumentar as sobras da cooperativa através da organização em rede com mais cooperativas ou a obtenção do direito de ser remunerado pela prefeitura pelos materiais coletados.

Quando foi perguntado ao gestor sobre os cursos que já foram oferecidos aos cooperados, foi verificado que os cursos disponibilizados eram para a segurança do trabalho, higiene pessoal, empilhadeira e informática. Contudo, devido aos cursos serem ofertados aos sábados, há uma baixa frequência presencial dos cooperados.

Verifica-se que os cursos oferecidos aos cooperados estão relacionados aos saberes técnicos, não havendo uma preocupação com a formação humana dos trabalhadores através da oferta de cursos dedicados aos saberes mais amplos, como já foi assinalado por Galvão (2008).

Entretanto o gestor da cooperativa e o Marcel (que durante a realização da pesquisa passou de um cooperado voluntário para um cooperado fixo) possuem um conhecimento que ultrapassa o âmbito da organização. Igor (o gestor) defende a manutenção do vínculo com os sucateiros, pois ele conhece a incapacidade da cooperativa de vender direto para a indústria, já o Marcel, prefere que a prefeitura continue ajudando com o aluguel do galpão e o fornecimento dos caminhões, ao invés de remunerar a cooperativa pelo serviço prestado.

Com relação ao estabelecimento de uma parceria entre as duas cooperativas da cidade para a formação de uma rede que possa possibilita a venda direta para a indústria, ambos os cooperados (Igor e Marcel) não consideram esta opção e encaram a outra cooperativa da cidade como rival, porque não concordam com os métodos que a ONG que auxilia esta outra cooperativa utiliza para poder ser remunerada pelo serviço prestado.

Portanto, verifica-se que a diferença entre a formação escolar do Igor e do Marcel com relação aos demais cooperados não só limita os outros cooperados a participarem da

administração, como também, impede-os de terem uma visão para além da organização, uma visão que faça os compreender o papel da cooperativa na cadeia de reciclagem pós-consumo, impossibilitando-os de avançarem nesta cadeia de reciclagem e limitando as suas ações somente no âmbito do sistema produtivo da cooperativa.

Deste modo, a propriedade dos meios de produção aliada a divisão igualitária das sobras estimula a articulação dos saberes entre os cooperados, possibilitando uma formação autônoma, política, cooperativa e solidária. Entretanto, devido a cooperativa estar inserida em um atual contexto de acumulação flexível, estes novos saberes acabam limitados dentro do âmbito organizacional. Pois, a baixa escolaridade dos membros da organização aliada a um projeto societário que estimula somente a formação dos saberes técnicos, limita os cooperados a ter uma visão para além da organização, e deste modo, impede-os de conseguirem serem atores de uma mudança social que resgata o objetivo da autogestão como emancipação da classe trabalhadora.

6 RESULTADOS OBTIDOS

A partir da pesquisa etnográfica na cooperativa de coleta seletiva, onde o pesquisador trabalhou junto com os cooperados em diversas etapas do processo produtivo, foi possível verificar qual é a relação entre as práticas da organização do trabalho na cooperativa e o desenvolvimento da autogestão. Desta forma, a pesquisa permitiu estabelecer uma discussão sobre a influência da organização do trabalho na consolidação ou retrocesso da autogestão.

Verificou-se que a forma como a cooperativa é criada impacta o desenvolvimento da autogestão. No caso estudado, a cooperativa quando foi criada, iniciou as atividades tendo um funcionário que era encarregado em realizar as atividades administrativas. Este funcionário, considerado o gestor da cooperativa, não era remunerado pela cooperativa, então desde a criação da organização, os cooperados se acostumaram a ter uma pessoa externa responsável pela administração.

A presença de um administrador, que não era cooperado, durante a criação da cooperativa repercutiu no restante da sua história. Atualmente a cooperativa apresenta uma separação entre a administração e a produção da cooperativa, o gestor tornou-se um cooperado e realiza sozinho as atividades administrativas. Apesar de terem ocorrido algumas tentativas de inclusão de outros membros na administração, a cooperativa não apresenta uma política consolidada que favoreça o rodízio do cargo administrativo.

A separação entre a administração e a produção também inibe o estabelecimento da politecnia na cooperativa. Pois, o fato do gestor ter autonomia para decidir sozinho a respeito das questões administrativas, a sua decisão pode interferir sobre o processo produtivo, impactando a execução do trabalho dos demais cooperados, representando desta forma, uma cisão entre a concepção e a execução do trabalho.

A politecnia também é dificultada pela presença do cargo de coordenadora de produção. O cargo cumpre a função, principalmente, de realocar os cooperados em seus postos de trabalho. A cooperativa ao concentrar a responsabilidade somente à coordenadora de produção, permite uma tomada de decisão mais rápida. Entretanto, também contribui para a distribuição assimétrica de poder dentro da organização, alienando os demais cooperados sobre a necessidade de encontrarem uma solução conjunta sobre o problema cotidiano de realocação de trabalhadores e separando, desta forma, o trabalho manual e o trabalho intelectual.

Contudo, a propriedade coletiva dos meios de produção e a divisão igualitária das sobras da cooperativa incentivam a politecnia na organização. Os cooperados ao relacionarem a eficiência produtiva com as sobras da cooperativa e, conseqüentemente, com a retirada mensal de cada um, se tornam responsáveis pela melhoria do processo produtivo, pois esta melhoria, impacta diretamente na renda individual.

A responsabilização pela eficiência do processo produtivo faz com que os cooperados, constantemente, realizem melhorias no processo. Estas melhorias são arquitetadas pelos próprios cooperados que executam o trabalho, representando desta forma a união entre a concepção e a execução do trabalho.

A inexistência de uma política de rodízio de funções, além de separar a administração da produção da cooperativa, também colabora para a formação da especialização de funções dentro da produção. Pois, pelo fato dos cooperados não saberem por quanto tempo terão que ocupar tal função, eles buscam se fixar nos postos de trabalho que ofereçam as melhores condições de trabalho.

A falta de uma política de rodízio de funções, também, não permite a vivência e a sensibilização das condições de trabalho em outras atividades, gerando a formação de grupos informais entre os cooperados que trabalham próximos e a fragmentação do coletivo de associados. Pois, os grupos informais julgam o desempenho dos cooperados externos ao grupo, sem terem consciência das dificuldades que os outros trabalhadores enfrentam.

A propriedade coletiva dos meios de produção e a divisão igualitária das sobras também estabelece a fiscalização coletiva como forma de controle do trabalho. O fato dos cooperados relacionarem o desempenho da produção da cooperativa com a retirada mensal de cada

membro, gera um ambiente de vigília e julgamento sobre o desempenho de todos. A fiscalização coletiva faz com que os cooperados se esforcem para não demonstrar fraqueza perante as adversidades e também não fiquem ociosos em nenhum momento.

Entretanto, a propriedade coletiva e a divisão igualitária também criam um ambiente cooperativo de trabalho, demonstrando que a cooperação entre os membros na execução das atividades cria melhores condições de trabalho para todos.

Portanto, a cooperativa em estudo, através da propriedade coletiva e a divisão igualitária das sobras, configura-se como um espaço pedagógico formador de valores cooperativos e solidários, e também gerador de um trabalhador mais autônomo. Contudo, esta transformação do trabalhador encontra-se limitada, pois devido ao imaginário social capitalista que permeia os cooperados, a baixa formação escolar e os cursos oferecido na cooperativa, que visam somente a formação técnica, não permite que os cooperados se tornem um ser humano integral, cientes do projeto societário que fazem parte, e que os tornaram desassalariados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do movimento cooperativista, considerando os ideais de Robert Owen e as experiências deixadas pela cooperativa de Rochdale, percebe-se que os trabalhadores se uniram para enfrentar a tendência de acumulação do capital a partir da exploração do trabalhador.

Em um contexto mais recente, a Corporação Cooperativa de Mondragon (MCC) mostra na história que vem escrevendo, que o desejo de lutar contra a hegemonia do capital, a partir da união dos trabalhadores, continua vivo e factível.

Mas a MCC também mostra, a partir do seu crescimento através internacionalização da produção empregando mão de obra assalariada, que toda organização cooperativa está submetida aos ditames do mercado e desta forma sofre uma pressão para alcançar uma eficiência econômica sem sacrificar o seu aspecto solidário interno.

A partir da instituição da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), torna-se prioridade as prefeituras integrarem as cooperativas na responsabilidade compartilhada do ciclo de vida do produto. Portanto, existe uma tendência no crescimento da criação, induzida pelo setor público, de cooperativas de coleta seletiva no Brasil.

O presente trabalho relatou um estudo etnográfico em uma cooperativa que foi criada pela prefeitura para ser responsável pela coleta seletiva de uma parcela da cidade. Logo, a criação da cooperativa não foi obra da união dos trabalhadores e tão pouco, os cooperados que fizeram parte da sua criação, possuíam um ideal de transformação do modelo social vigente.

Porém, este estudo observou que o trabalhador ao se tornar um cooperado, por estar imerso cotidianamente em uma organização autogestionária, sofre as mudanças deste ambiente e se torna um trabalhador mais autônomo, por se sentir responsável pela eficiência produtiva da cooperativa, e mais solidário, por perceber que a cooperação melhora as condições de trabalho.

Contudo, é preciso uma reflexão. Nas cooperativas de coleta seletiva, especialmente, o trabalho é precário e a remuneração beira o salário mínimo, estes dois fatores corroboram para a alta taxa de saída de cooperados que encontram condições melhores de trabalho em outras empresas.

Embora a cooperativa seja capaz de desconstruir o imaginário social capitalista ao transformar o trabalhador em cooperado, este mesmo cooperado, ao começar a trabalhar em outra empresa heterogestionária, mesmo que tenha adquirido outros valores na sua experiência em uma cooperativa, ficará limitado a heterogestão da empresa.

Portanto, a autogestão mesmo tendo um potencial de transformar o trabalhador em um ser humano integral, este potencial fica limitado as paredes da cooperativa. Para o trabalhador desempregado as cooperativas de coleta seletiva tornam-se uma opção de renda, mas devido a incapacidade destas cooperativas de mudar o modelo social hegemônico, elas acabam colaborando com a sustentação deste modelo social. Pois fornecem uma forma de trabalho onde os cooperados, perante as leis trabalhistas, se configuram como trabalhadores autônomos que se unem coletivamente para se auto explorarem em uma cadeia reversa pós consumo que remunera muito mal as cooperativas em comparação as indústrias recicladoras.

8 REFERÊNCIAS

- AQUINO, I. F.; CASTILHO JR, A. B.; PIRES, T. S. L. A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 15-24, jan.-mar. 2009.
- BARBIERI, L.; RUFINO, S. A gestão da autogestão nas cooperativas. In: VÁRIOS AUTORES. A Gestão Da Autogestão Na Economia Solidária: Contribuições Iniciais. Porto Alegre: Calábria; São Paulo: ITCP-USP. p. 17-25. 2007
- BORTOLI, M. A. Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos. *Rev. Katál. Florianópolis* v. 12 n. 1 p. 105-114 jan./jun. 2009
- BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=636>> Acessado em: 10/11/2015.
- CANÇADO, A. C. Para a apreensão de um conceito de cooperativa popular. In ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29. 2005, Brasília. Anais... Brasília, 2005. 1 CD-ROM.
- CATTANI, A. D. Emancipação Social. In: HESPANHA, P. Dicionário internacional da outra economia. 1ª ed. São Paulo: Almedina, 2009. p. 91-98
- CAVEDON, N. R. Antropologia para administradores. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 182 p.
- CHIARIELLO, C. L.; EID, F. Revisando Conceitos: Polivalência, Politecnicidade E Cooperação No Debate Sobre Organização Do Trabalho, REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 4, n. 1, jul/dez. 2011.
- CHIARIELLO, C. L.; EID, F. A Politecnicidade Na Dinâmica De Gestão E Execução Do Trabalho Associado Em Cooperativas Populares Do MST. *ORG & DEMO*, Marília, v. 14, n. 1, p. 49-70, Jan./Jun., 2013.
- CHIARIELLO, C. L.; EID, F. Organização Do Processo De Trabalho Em Uma Cooperativa Popular Autogestionária. *Gestão E Sociedade* · Belo Horizonte · Volume 8 · Número 19 · P. 541-565, 2014.
- CHIARIELLO, C. L.; EID, F. Politecnicidade e trabalho associado em cooperativas populares: estudo de caso em um cooperativa no rs. *Redes*, St. Cruz Sul, v. 20, nº 2, p. 179 - 201, maio./ago. 2015.
- CHIESA, C. D.; CAVEDON, N. R. Elementos Anarquistas no Cotidiano de Uma Organização Contemporânea: o Caso da Casa da Cultura Digital de Porto Alegre. *Revista Gestão.Org*, v. 13, n. 1, p 11-23, 2015.

DEMAJOROVIC, J.; LIMA, M. Cadeia de Reciclagem: Um olhar para os catadores. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. 155 p.

DEMAJOROVIC, J.; CAIRES, E. F.; GONÇALVES, L. N. S.; SILVA, M. J. C. Integrando empresas e cooperativas de catadores em fluxos reversos de resíduos sólidos pós-consumo: o caso Vira-Lata. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 12, Edição Especial, artigo 7, p.513–532, Ago. 2014.

FISCHER, M. C.; TIRIBA, L. Saberes do Trabalho Associado. In: HESPANHA, P. Dicionário internacional da outra economia. 1ª ed. São Paulo: Almedina, 2009. p. 91-98

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso Pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. Nº 10, Jan/Fev/Mar/Abr, 1999.

FRANTZ, W. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 6, p. 242-264, jul/dez 2001

GAIGER, L. I. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. Revista Brasileira De Ciências Sociais - Vol. 28 Nº 82, 2013.

GAIGER, L. I. A economia solidária na contramarcha da pobreza. Sociologia, problemas e práticas, N.º 79, Pp. 43-63, 2015.

GALVÃO, M. N. As Relações Pedagógicas nas Empresas Autogeridas: educação por meio do trabalho cooperativo. O público e o privado, n. 11, Janeiro/Junho 2008

GIL, A. C. Entrevistas. In: GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 109-119.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. RAE, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Ed. 17ª. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 349 p.

JACOB, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. Estudos avançados, 25 (71), 2011

LAVILEE, J.; GAIGER, L. I. Economia Solidária. In: HESPANHA, P. Dicionário internacional da outra economia. 1ª ed. São Paulo: Almedina, 2009. p. 91-98

LECHAT, N. MP; BARCELOS, E. S. Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários. Revista katálysis, v. 11, n. 1, p. 96-104, 2008.

LIMA, J. C. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. 2010, p. 158-198

LIMA, J. C.; SOUZA, A. R. Trabalho, Solidariedade Social E Economia Solidária. Lua Nova, São Paulo, 93: 139-168, 2014

MARX, K. Manuscritos Econômicos-Filosóficos. 1ª ed. São Paulo, SP: Martim Claret Ltda, 2006. 198 p.

MARX, K. O Capital. Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. 1ª ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2013. 856 p.

MASCARENHAS, T. S. Os conhecimentos de gestão e seus mitos. In: VÁRIOS AUTORES. A Gestão Da Autogestão Na Economia Solidária: Contribuições Iniciais. Porto Alegre: Calábria; São Paulo: ITCP-USP, 2007. p. 26-34.

MAZZEI, B. B. CRUBELLATE, J. M. Autogestão em empreendimentos econômicos solidários: um estudo comparativo de casos em cooperativas de reciclagem de lixo de Maringá- PR. Rev. Int. Org. vol. 1, no. 1, jul./dez. 2011.

MEDINA, M. Scavenger cooperatives in Asia and Latin America. Resources, Conservation and Recycling, n. 31 p. 51–69, ano 2000.

MONDADORE, A. P. C. Mondragon é aqui? Cooperativismo e internacionalização. 2013. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

MORAES, J. “Alice no país das maravilhas”: práticas organizacionais em uma empresa recuperada por trabalhadores. o&s - Salvador, v.16 - n.50, p. 429-445 - Julho/Setembro – 2009.

MOTHÉ, D. Autogestão. In: HESPANHA, P. Dicionário internacional da outra economia. 1ª ed. São Paulo: Almedina, 2009. p. 91-98

MOTTA, F. C. P. Burocracia e autogestão: a proposta de Proudhon. 1ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981. 219 p.

MOTTA, F. C. P. Administração e participação: reflexões para a educação. Educação e Pesquisa, v. 29, n. 2, p. 369-373, 2003.

NASCIMENTO, C. A autogestão e o “novo cooperativismo”. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE AUTOGESTÃO. 2003, Joenville, SC.

PAULA, A. P. P. A; CALBINO, D.; TOLEDO, D.; TARABAL, F.; MASCARENHAS, F.; BARRETO, F. Economia Solidária e a questão do imaginário: em busca de novas perspectivas. o&s, Salvador, v.18, n.57, p. 323-333, Abril/Junho – 2011.

PINHEIRO, D. C.; PAULA, A. P. P. Autogestão e Práticas Organizacionais Transformadoras: Contribuições a Partir de um Caso Empírico. Editora Unijuí, ano 14, n. 33, p. 233-266, jan./mar. 2016.

RIBEIRO, H.; BESEN, G. R. Panorama da coleta seletiva no Brasil: desafios e perspectivas a partir de três estudos de caso. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. v.2, n.4, Artigo 1, ago 2007.

SANTOS, A. M. M.; DELUIZ, N. Economia popular e educação: percursos de uma cooperativa de reciclagem de lixo no Rio de Janeiro. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 329-353, jul./out. 2009

SANTOS, J. G. A logística reversa como ferramenta para a sustentabilidade: um estudo sobre a importância das cooperativas de reciclagem na gestão dos resíduos sólidos urbanos. REUNA, Belo Horizonte - MG, Brasil, v.17, n.2, p. 81-96, Abr. - Jun. 2012.

SAVIANI, D. Sobre a concepção de politecnicidade. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1989. 50 p.

SERVA, M.; JÚNIOR, P. J. Observação Participante e Pesquisa Em Administração: Uma Postura Antropológica. *Revista de Administração de Empresas São Paulo*, v. 35, n.1, p. 64-79 Mai./Jun. 1995.

SINGER, P. Uma utopia militante: Repensando o socialismo. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 182 p.

SINGER, P. Organização e Desemprego: Diagnósticos e Alternativas. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1999. 139 p.

SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. 1ª Ed. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.

SOUZA, M. T. S.; PAULA, M. B.; SOUZA-PINTO, H. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. *RAE*, São Paulo, v. 52, n. 2, 246-262, mar /abr. 2012.

TAUILE, J. R. Trabalho, autogestão e desenvolvimento: escritos escolhidos 1981-2005. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2009. 386 p.

TIRIBA, L. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 69-94, jan./jun. 2008.

9 APÊNDICE A: DIÁRIO DO ESTUDO ETNOGRÁFICO

Diário de campo: 21/09/2015

Início do trabalho: 9:30;

Os cooperados ficaram curiosos para saber qual era o meu objetivo de trabalhar na cooperativa, então expliquei que queria trabalhar para poder ver de que forma eles se organizavam. A cooperada que me recepcionou se surpreendeu por eu me propor a trabalhar sem remuneração.

Então eu fui trabalhar na esteira de separação, uma cooperada logo se preocupou por eu estar sem luva, então eu pedi uma luva para a cooperada que me recepcionou. Os cooperados que trabalharam ao meu lado me ajudaram a distinguir quais materiais eu deveria coletar.

Eu deveria ficar responsável por coletar dois materiais para despejá-los nos buracos que estavam na minha direita e minha esquerda. Mas logo percebi que a tarefa que era realizada era mais complexa, pois eu deveria abrir as sacolas que não foram abertas antes, deveria despejar o saco plástico colorido no buraco da esquerda e as embalagens coloridas de “HPDE” (geralmente embalagens de produto de limpeza) no buraco da direita, as embalagens brancas de “HPDE” em um balde localizado atrás de mim e as sacolas transparentes em outro balde perto de mim.

Eu tive dificuldades iniciais para distinguir o que era embalagem de HPDE, de PP (polipropileno), de PS (poliestireno) e de PET (polietileno tereftalato), mas os cooperados foram muitos prestativos em me ajudar.

Todas as garrafas PET são furadas com uma faca no início da esteira, eu perguntei o motivo e uma delas disse que é para facilitar a prensagem do fardo, outra cooperada disse que é para não estufar quando o fardo prensado estiver debaixo do sol. Quando eu perguntei quem teve essa ideia, nenhuma das duas soube responder.

Percebi que um dos fatores que tornavam o trabalho precário é o mau cheiro que vinha de algumas sacolas que não eram de materiais recicláveis, mas sacolas com restos de alimentos ou com o lixo do banheiro, que de alguma forma foram parar na esteira de reciclagem.

Horário de almoço: 12h às 13h

O almoço foi realizado junto aos cooperados em uma área que tinha mesas e cadeiras. Perto ao galpão existem duas áreas com mesas e cadeiras que estão separadas, então eu só consegui socializar com os cooperados que estavam na mesma área que eu.

Durante o almoço os cooperados continuavam curiosos para saber quem eu era, porque eu estava trabalhando lá e por quanto tempo eu continuaria na cooperativa. Durante a conversa uma cooperada relatou que estava 5 meses no mesmo buraco, eu então indaguei sobre o rodizio de funções e elas me disseram que não há muita troca entre quem trabalha na esteira e quem trabalha na rua fazendo a coleta.

Volta ao trabalho: 13:00 às 14:30

Voltei ao mesmo posto que eu estava no período da manhã. Por eu estar mais familiarizado com o trabalho, eu consegui conversar com os cooperados sobre outras coisas da vida.

O calor no galpão estava muito intenso, principalmente na esteira por estar localizada acima do solo, mais perto do telhado. Os cooperados reclamavam muito do calor, uma cooperada chegou a passar mal. Mas embora houvesse muita reclamação, eu não presenciei nenhuma postura proativa para resolver o problema do calor intenso.

Diário de campo: 22/09/2015

Início do trabalho: 9:30

No segundo dia eu trabalhei novamente na esteira, mas desta vez no final da esteira. A minha função era coletar papel e despejar na direita e todos os outros materiais que eram recicláveis mas não foram coletados e despejar na minha esquerda, que se localizava o bag de recuperação.

Mas novamente eu percebi que a função era mais complexa, pois o bag de recuperação era utilizado somente para despejar “PP” e atrás de mim estava 5 baldes que eu deveria despejar papelão, tetra pack, “HPDE branco” e “HPDE colorido” e sucata e ao meu lado ainda tinha 3 sacolas que eu deveria despejar lata de alumínio, “PS” e sacola de plásticos.

Eu percebi que eles evitavam usar o bag de recuperação, pois este bag significa retrabalho, então os materiais que não eram coletados quando chegavam no fim da esteira eram coletados e já separados.

Durante as conversas na esteira, eu percebi que só tinham mulheres trabalhando na esteira e a maioria eram idosas ou gestantes, que não conseguiam trabalhar na rua. Por ter muita idosa na esteira e não poderem ir para a rua, o rodizio de funções é muito pequeno entre a esteira e a rua, ficando limitado entre os buracos da esteira.

Horário de almoço: 12h às 13h

Durante o almoço uma cooperada comentou com outra sobre uma terceira que “fica parada na esteira” e também disse: “é difícil a pessoa ficar ganhando em cima da gente”. Este fato revela que os cooperados têm a percepção que todos devem trabalhar.

Volta ao trabalho: 13h às 14:30

Novamente o calor estava castigando e apesar de todos estarem sofrendo, eu não percebi nenhuma conversa sobre alguma ideia para melhorar a situação. As cooperadas se empenham para não deixar passar nenhum material sem ser recolhido, elas utilizam uma vassoura para resgatar qualquer material que passa por elas.

Diário de campo: 28/09/2015

Eu trabalhei novamente no final da esteira, logo que eu comecei a trabalhar eu percebi que os últimos buracos da esteira voltaram a ser bag de recuperação, quando eu perguntei para as cooperadas o porquê da mudança, no começo elas ficaram um pouco apreensivas e disseram que era complicado explicar, mas durante o dia uma cooperada disse “é que a esteira está em guerra” foi quando eu percebi que estava acontecendo um desentendimento entre as cooperadas do começo e do final da esteira.

O motivo do desentendimento é que as cooperadas do final da esteira evitavam fazer um bag de recuperação, pois este bag significa retrabalho. O que elas faziam era se esforçar para separar todo material que chegava ao fim em pequenos sacos e baldes, assim, não sobrava nenhum material para a recuperação.

Mas para as cooperadas do final da esteira, as cooperadas do início da esteira não estavam separando direito as sacolinhas, então, elas também decidiram não se esforçar para evitar o bag de recuperação.

O importante deste ocorrido, é que devido às cooperadas não fazerem o rodízio de postos da esteira, elas não se sensibilizam pelo esforço empreendido dos outros cooperados que separam outros materiais na esteira, e acabam criando grupos informais com as cooperadas que trabalham ao lado.

Então, as cooperadas do final da esteira pararam de se esforçar porque estavam pensando que as cooperadas do início da esteira não estavam se empenhando como deveriam. Mas pode ser que as cooperadas do início da esteira estavam se esforçando ao máximo, mas como é difícil separar todas as sacolinhas eventualmente algumas acabavam passando, e isto poderia ser percebido pelas cooperadas do final da esteira se houvesse rodízio de postos.

Diário de campo: 29/09/2015

Neste dia eu fui para a cooperativa com o intuito de não trabalhar na esteira, eu queria trabalhar embaixo da esteira trocando os bags, mas logo que eu cheguei na cooperativa estava acontecendo uma pequena reunião entre a Aniele “coordenadora de produção” e outras cooperadas porque uma moça que trabalha na esteira tinha acabado de ir embora.

Esta moça foi embora porque a amiga dela tinha brigado com a Aniele há uns dias atrás e não trabalhava mais na cooperativa. Então ela também deixou a cooperativa.

Diante deste ocorrido, eu tive que trabalhar novamente na esteira, desta vez a minha função era separar PET verde e jornal. No começo o trabalho foi difícil, pois eu tinha que rasgar com uma faca todas as garrafas que estavam tampadas para facilitar a prensagem dos bags. Mas a faca que eu utilizava não estava boa para rasgar, uma cooperada que trabalhava na minha frente, quando percebeu a minha dificuldade em furar as garrafas ofereceu em trocar a faca dela pela minha, e eu aceitei.

Durante o serviço, esta cooperada (o nome era Maria) que me emprestou a faca além de separar os materiais dela, também me ajudava a furar as minhas garrafas. Logo que eu me adaptei a nova função, eu também comecei a ajudar a separar os materiais dela.

Eu percebi que ela estava me ajudando a separar os meus materiais porque era uma cultura da cooperativa ajudar a separar os materiais das cooperadas ao lado quando é possível. Pois quando um cooperado te ajuda, você se sente na obrigação de ajudá-lo quando possível, criando uma cultura de cooperação, que remete a teoria da dádiva.

Um outro fato importante que foi observado é que quando vem na esteira muito de um determinado material, fica difícil para a cooperada responsável separar este material, mesmo com as cooperadas ao lado ajudando, então uma das cooperadas para a esteira. O que eu aprendi, e que nenhuma cooperada tinha me ensinado, é que todas as cooperadas tem autonomia para parar a esteira quando precisarem, pois existem muitos botões para parar durante toda a esteira.

É importante ressaltar que quando a esteira para muitas vezes durante o turno, muitas cooperadas reclamam, pois elas sabem que esteira parada significa pausa na produção, mas elas não percebem que a cooperada que parou a esteira foi porque realmente precisou, novamente este problema surge devido à falta de rodizio dos postos de trabalho.

Diário de campo: 15/10/2015

Neste dia eu perguntei para a Aniele se era possível eu trabalhar em outra função, então ela me deixou responsável por separar os papéis em “branquinho”, “encarte” e “misto”.

A tarefa de separar os papéis é separada da esteira, ela é necessária, pois durante a coleta dos materiais na rua, os cooperados vão separando na caçamba do caminhão um bag só com

revista, jornal e papéis em geral e este bag não vai para a esteira, ele é separado em um canto do barracão.

Quando eu comecei a exercer esta função a Aniele é que estava desempenhando este papel, mas depois de um tempo eu fiquei sozinho nesta função pois ela teve que dirigir a empilhadeira.

Eu me identifiquei com esta função logo no início por três motivos. O primeiro e mais importante é que eu não precisava trabalhar no ritmo da esteira, eu trabalhava no meu ritmo, embora me esforçasse para conseguir separar o mais rápido possível, pois a cultura da cooperativa é de constante vigília com os outros cooperados, então todos se esforçam para não serem taxados de “corpo mole”.

O segundo motivo é que separando os papéis eu não ficava sujeito aos maus odores e ao forte calor da esteira.

O terceiro motivo é que no bag de papéis tinha muitos livros bons que estavam sendo descartados, então eu peguei para mim alguns livros, o que é uma cultura da cooperativa “garimpar” os materiais.

Trabalhando em um canto do galpão foi possível observar a movimentação do chão do galpão, o que eu não conseguia ver em cima da esteira. E observando a manutenção eu percebi que a Aniele não tinha uma função fixa, ela dirigia a empilhadeira, ela resolvia algum problema dos cooperados, ela recebia os receptores dos materiais e também separava os papéis. Diante desta polivalência dela, ela não precisava realizar a mesma tarefa o dia todo, o que torna o trabalho menos monótono.

Diário de campo: 27/10/2015

Logo que eu cheguei à cooperativa neste dia eu tomei a iniciativa de novamente trabalhar separando os papéis para poder observar melhor a movimentação dos cooperados pelo galpão.

Desta vez eu trabalhei na separação dos papéis com uma outra cooperada. Durante o trabalho eu perguntei para ela se foi ela que escolheu trabalhar nesta função e ela respondeu:

“A gente não escolhe onde trabalhar, a gente trabalha onde precisa, onde a Aniele manda a gente ir”.

Esta fala da cooperada revela o baixo grau de autonomia dos cooperados com relação a escolha dos seus postos, delegando esta função a Aniele, o que significa uma alienação ao trabalho.

Em um momento do trabalho, a Aniele começou a ajudar nós dois na separação dos papéis e começou a reclamar de uma cooperada que estava indo embora antes do horário com frequência. Então a Aniele disse o seguinte:

“Eu não vou ficar segurando uma cooperado que não tem responsabilidade com a cooperativa”.

Esta fala dela revela que ela sente que tem o poder de tirar a cooperada da cooperativa, o que revela uma postura de um dono de uma empresa capitalista e não uma cooperada.

Diário de campo 11/11/2015

Quando eu cheguei ao trabalho, como de costume eu procurei a “coordenadora” Aniele para saber qual tarefa eu iria desempenhar. Mas logo percebi que ela tinha faltado aquele dia, então no início eu fiquei perdido pois não sabia com quem conversar para saber o que fazer. Os cooperados que estavam trabalhando no solo perceberam que eu estava perdido, mas não tomaram iniciativa de delegar alguma tarefa.

Logo eu percebi que o bag com papéis que devem ser separado em “branquinho”, jornal e “encarte” estava sem ninguém, então eu tomei a iniciativa de trabalhar neste bag.

Não se passaram 15min que eu trabalhava no bag que uma cooperada na esteira que já me conhecia me perguntou se eu não podia ficar na esteira, pois estava faltando uma pessoa para separar papelão e latinha. Então eu assumi a minha posição na esteira.

Durante o trabalho eu perguntei a cooperada ao meu lado como que eles faziam quando a Aniele faltava e ela me respondeu “bom, eu já sei onde eu devo ficar, então não faz diferença quando ela falta”. Isso mostra que os cooperados por não fazerem rodízio de função, cada cooperado já sabe o que precisa fazer.

Durante o trabalho uma cooperada estava reclamando que estava passando muita sacolinha, uma reclamação que eu já tinha presenciado outras vezes no final da esteira, as duas cooperadas que estavam falando sobre este assunto concordaram que era culpa de uma cooperada que estava no início da esteira e não trabalha bem. Um fato importante a ressaltar que não é uma tarefa fácil separar as sacolinhas no início da esteira, e se tivesse um rodízio de funções e esta cooperada que estava reclamando ficasse encarregada de separar as sacolinhas, talvez ela se sensibilizasse quanto a dificuldade da tarefa e percebesse que o problema não estava na outra cooperada e sim na tarefa.

Quando eu estava indo embora, me encontrei com o Marcel que estava chegando, logo presenciei uma cooperada pedindo a ajuda dele pois a borracha de um dos lados da esteira estava solta e ele disse que ia arrumar.

Eu conversei com ele a respeito do calor no galpão, ele disse que se a cooperativa tivesse mudado para um outro galpão como previsto, o calor ia ser menor pois o outro galpão tinha o dobro de altura, mas essa mudança não deu certo.

O Marcel me contou que do mesmo jeito que a prefeitura não efetivou a mudança, ela também queria tomar de volta um dos caminhões da cooperativa, mas o Marcel fez um ofício para um político e para outros contatos e conseguiu impedir que a prefeitura pegasse o caminhão. Este fato é importante, pois mostra a função estratégica que o Marcel tem na cooperativa e também traz à tona o enorme gap que existe entre os cooperados e as decisões estratégicas, pois eles não estavam nem sabendo disso.

Diário de campo: 09/03/2016

Antes de eu retornar a cooperativa, eu já tinha conversado com o Igor e ele me disse que a Aniele, que era a coordenadora não estava mais na cooperativa, e que a nova coordenadora era a Cida.

Quando eu cheguei a cooperativa, logo eu encontrei o Marcel, ele é funcionário de uma ONG e auxilia as cooperativas da região em assuntos políticos e administrativos. Ele estava suado porque estava ajudando os cooperados em algum trabalho, isso me impressionou porque eu pensava que o seu trabalho era só administrativo. Eu até brinquei com ele: “ta pegando no pesado né” e ele disse “é alguém tem que trabalhar”.

Ele então me apresentou para a Cida e disse que eu estava fazendo uma pesquisa na cooperativa e queria trabalhar com eles para ver como eles trabalham. Então eu e a Cida fomos para o escritório para pegar uma luva para que eu pudesse trabalhar. No escritório eu presenciei uma conversa entre a Cida e uma outra cooperada chamada Daniele, que durante aquele dia eu descobri que ela estava trabalhando no escritório fazendo holerite, o que foi uma surpresa para mim, pois durante a minha primeira experiência em campo nenhum cooperado trabalhava no escritório, somente o Igor.

A conversa entre a Cida e a Daniele era sobre o Marcel, que iria trabalhar integralmente na cooperativa, pois a outra cooperativa que ele auxiliava em outra cidade tinha fechado, elas comentaram que era muito bom ter o Marcel sempre na cooperativa, mas em contrapartida os cooperados tinham que se empenhar para manter a cooperativa em ordem, principalmente com relação a limpeza, que naquele dia ele já tinha chamado a atenção sobre a sujeira do chão do galpão.

Eu e a Cida então nos dirigimos ao galpão para ela designar alguma tarefa para mim, durante o trajeto eu comentei que eu já tinha trabalhado em diversas funções na cooperativa

durante outubro à dezembro de 2015, mas eu não tinha conhecido ela, então ela me disse que trabalhava na coleta da rua e tinha voltado para o galpão para assumir a função de coordenadora.

Eu dei a ideia de ajudar a Daniele (que trabalha no escritório) a limpar o galpão, pois o Marcel já tinha reclamado da sujeira, a Cida gostou da ideia e logo eu peguei um rastelo e um bag e comecei a limpar.

Depois de um tempo eu percebi que eu estava sozinho na função de limpeza e quando eu percebi que eu já tinha limpado bastante o galpão, eu fui para a parte de fora, onde fica os bags que só tinha lixo e comecei a limpar o local. Quando a Cida se aproximou novamente de mim para ver como eu estava trabalhando eu comecei a conversar com ela e ela me disse que já estava a cinco anos na cooperativa, mas agora estava na função de coordenadora, ela também me disse que depois que a Aniele saiu, um outro rapaz assumiu a função de coordenador, mas segundo ela, ele não aguentou e saiu, então ela assumiu a função.

A Cida então me pediu para eu ajudar um outro cooperado a separar umas sacolas que eram usadas para colocar vidro, eu tinha que separar as sacolas que não estavam boas, depois de um tempo que eu estava nessa função, novamente eu percebi que tinha ficado sozinho na atividade. Durante a realização do trabalho eu fui observando a dinâmica do galpão e percebi que a Cida por ser coordenadora não tinha uma função fixa, então ela passava por muitos postos auxiliando os cooperados, mas mudava muito rapidamente de função. Essa atitude era igual à que a Aniele, antiga coordenadora tinha.

Depois de um tempo a Cida me pediu para trocar novamente de função, eu tinha que levar os bags, em torno de quinze, do meio do galpão para perto da esteira de triagem com o auxílio de um carro de mão que transporta palete. No começo eu me assustei um pouco com a tarefa pois eram muitos bags pesados e eles estava diretamente no chão, então eu tinha que exercer um grande esforço para colocá-lo e tirá-lo do carrinho, mas depois de um tempo eu comecei a desempenhar melhor a atividade, mas antes de eu terminar por completo eu parei para a almoçar.

Durante a função de transportar os bags a Cida perguntou se eu queria trabalhar na coleta na rua depois do almoço, pois tinha um caminhão que estava faltando cooperados, eu aceitei, pois eu precisa conhecer o trabalho e os cooperados que faziam a coleta na rua, porque na minha primeira pesquisa de campo eu só tinha trabalhado no galpão.

Durante o almoço eu reencontrei minhas antigas companheiras de trabalho da esteira, nós almoçamos juntos e elas dividiram comigo um suco, pois perceberam que eu só tinha levado água para beber. Nós conversamos sobre os cachorros que apareceram na cooperativa e um gatinho filhote que na época que eu tinha trabalhado estava mal, pois a sua mãe não cuidava

muito bem dele e ele ainda tinha um problema na pata, infelizmente eu descobri que o filhote e mãe tinha morrido por causa de uma virose.

Elas me perguntaram se eu estava trabalhando com o Marcel em outra cooperativa durante o tempo que eu tinha me ausentado e eu disse que não.

Eu então me despedi delas e disse que ia ficar na frente da cooperativa para tomar um ar pois onde nós estávamos estava muito quente. Na frente da cooperativa eu aproveitei para me aproximar dos cooperados que trabalham na coleta da rua e tentar descobrir quem era o Wilson, o motorista do caminhão que eu ia trabalhar.

Durante a espera para sair os caminhões da coleta eu fiquei conversando com uma cooperada que pediu a minha ajuda para tentar resolver um problema com uma cobrança indevida do banco sobre o dinheiro dela.

Cerca de uma e vinte da tarde o caminhão que eu ia trabalhar saiu para a coleta, a nossa equipe era composta por duas jovens cooperadas, eu e o motorista. Eu fui na frente com o motorista conversando e as duas jovens foram na cabine de trás que foi especialmente projetada para levar os cooperados da coleta seletiva.

Durante o trajeto de aproximadamente trinta minutos até o bairro que seria realizado a coleta, eu e o motorista fomos conversando. Ele me perguntou se eu era novo na cooperativa, eu disse que já tinha trabalhado no galpão em diversas funções, mas na rua seria o meu primeiro dia, eu preferi omitir que era um estudante de faculdade que estava fazendo uma pesquisa na cooperativa, então durante toda a tarde de trabalho o motorista pensou que eu era um cooperado convencional, já as duas moças sabiam que eu era pesquisador.

Quando chegamos ao bairro, eu e as moças fomos para a carroceria do caminhão, que era fechada e tinha duas portas. O trabalho consistia em esvaziar os sacos laranjas que ficavam nas frentes das casas que participam da coleta e colocar os materiais dos sacos laranjas em grandes sacos de lixo que eram levados ao caminhão para ser despejados nos bags.

Os sacos laranjas são fornecidos pela cooperativa para os moradores que participam da coleta. Quando eu iniciei o trabalho, as vezes eu levava os sacos laranjas diretamente para o caminhão para ser esvaziado, se o caminhão estava perto, mas quando devolvia para as casas, eu não importava se eu estava devolvendo o mesmo saco para a mesma casa, pois eu pensava que todos os sacos eram iguais. Mas então eu tomei uma advertência do motorista, que me disse que em algumas casas os moradores lavam seus sacos, já outros moradores deixam o saco sujo, então eu não podia devolver os sacos trocados.

Excepcionalmente neste dia, o motorista estava ajudando na coleta dos materiais nas ruas, porque normalmente são dois cooperados que trabalham na rua coletando os materiais e

dois ficam em cima do caminhão despejando os materiais e arrumando os bags. Mas neste dia, nós estamos em três cooperados, então o motorista estava ajudando para que o trabalho não demandasse muito tempo e todos chegassem na tarde no galpão.

O motorista não é um associado da cooperativa, ele é funcionário de uma empresa do ramo da construção civil. Esta empresa ganhou uma licitação há cinco anos para fornecer cinco caminhões especializados em coleta seletiva e cinco motoristas para estes caminhões. Então este motorista já estava há cinco anos trabalhando para a cooperativa.

Desta forma, eu e o motorista ficamos coletando os materiais nas ruas e as duas cooperadas ficavam dentro do baú do caminhão. No começo da coleta, toda vez que o caminhão parava, eu pulava dele para ser mais rápido, mas com o passar da tarde, meu ritmo foi ficando mais lento e eu simplesmente descia.

O motorista andava uma rua com o caminhão e então ele parava e me ajudava, mas as vezes não compensava ele sair do caminhão, então em diversas ruas eu tinha que coletar os materiais sozinho na rua, por isso, eu estava sempre correndo.

Já no caminhão, era impressionante a força e a habilidade das duas moças, quando o caminhão estava parado ela despejava as sacolas de materiais nos bags, subiam em cima dos bags para amassar os materiais para caber mais e separavam os vidros e os papelões em bags específicos. Quando o caminhão estava em movimento com as portas abertas, elas continuavam a organizar os materiais, eu achei perigoso ficar andando no baú do caminhão com as portas abertas, então eu não me movia lá dentro.

A cooperativa tem todas as rotas definidas e divididas por dia, então os moradores já deixam as sacolas laranjas nos dias certos e os cooperados sempre fazem a mesma rota, isso revela uma pouca rotatividade dos cooperados quanto as rotas e aos caminhões.

Mas em contrapartida os cooperados criam vínculos com os moradores, por exemplo neste dia que eu trabalhei, uma moradora fez um bolo especialmente para nós, que comemos no fim do dia, antes de chegar no galpão.

O trabalho de coleta na rua foi pesado, a cooperada que já estava cinco anos nesta mesma rota falava a todo momento “aqui a sofrência é garantida!” com um tom irônico sobre a exaustão de todos.

Apesar do trabalho ser difícil, todos se esforçavam ao máximo pois a eficiência do trabalho estava diretamente relacionado ao horário que o caminhão ia chegar no galpão.

Quando terminamos a rota, paramos para comer o bolo que ganhamos e então nos dirigimos para o galpão para descarregar os bags. Chegamos no galpão 17 horas da tarde e a maioria dos cooperados já tinham ido embora, só tinha mais um caminhão descarregando ao

mesmo tempo de nós, então descarregamos da forma mais rápida possível, eu me despedi e terminei o meu turno de trabalho.

Diário de campo: 07/04/2016

Eu cheguei na cooperativa por volta de 9:40 da manhã, logo que cheguei eu encontrei o Marcel, que é uma pessoa influente na cooperativa, e o abordei perguntando qual se eu poderia fazer uma entrevista com ele, pois eu queria saber mais sobre a sua função na cooperativa. Ele aceitou me conceber a entrevista, mas não autorizou que eu gravasse a entrevista em áudio.

A entrevista teve o formato de uma conversa informal, onde eu como pesquisador tentei na medida do possível ir conduzindo a conversa para obter as informações que precisava, sem, no entanto, constranger o entrevistado.

A escolha por realizar uma entrevista não estruturada se deve ao fato do entrevistado não estar sempre presente na cooperativa, então quando eu o encontrei tive que entrevistá-lo sem ter as perguntas formuladas. Outro motivo é o fato que eu sentia que alguns cooperados e gestores não se sentiam à vontade para dar uma entrevista estruturada que seguia uma ordem pré-definida de perguntas, porque encaravam a entrevista como um tempo perdido para eles, que só beneficiava o pesquisador. Então eu resolvi utilizar a entrevista não estruturada, que se aproximava de uma conversa para obter as informações que precisava, pois sentia que os entrevistados encaravam a conversa como uma interação prazerosa, onde eles forneciam as informações sem se sentirem forçados.

O primeiro ponto abordado na entrevista foi a função do Marcel na cooperativa, onde ele respondeu que atuava como cooperado voluntário. O cooperado voluntário é entendido como um trabalhador que ajuda a cooperativa, mas não cumpre uma jornada definida e não é remunerado pelo seu trabalho.

O Marcel disse que trabalha como cooperado voluntário porque ele está envolvido com a cooperativa desde antes da unificação em Central de Reciclagem de Sorocaba. O envolvimento dele com a coleta seletiva começou quando ele trabalhava em uma empresa multinacional que tinha um setor dedicado a reciclagem de materiais. Quando ele saiu desta empresa ele começou a trabalhar para uma ONG que captava recursos privados para realizar projetos sócio-ambientais, atualmente ele trabalha para outra ONG que tem a mesma função da antiga ONG que ele trabalhava, pois foi fundada por um dos fundadores da antiga ONG que resolver sair. A sua função como cooperado voluntário é realizar a manutenção dos equipamentos da cooperativa, ele deixou claro que ele só cobra pelo material que utiliza, não cobrando a sua mão-de-obra.

Embora ele tenha dito que é um cooperado voluntário responsável pela manutenção dos equipamentos da cooperativa, no dia-a-dia é visível que ele é muito mais que isso. Ele está envolvido com o processo produtivo mais do que o gestor administrativo, é o Marcel que passa alguns comandos para a coordenadora do barracão e para outros cooperados sobre o que deve ser mudado no processo de trabalho para melhor atender as exigências dos clientes.

Durante a entrevista o Marcel deixou claro que ele encara a operação da Central de Reciclagem como uma atividade ineficiente para a reciclagem do lixo. Ele defendeu a sua opinião explicando que somando o total de resíduos que as duas redes (Central e Cata-Vida) conseguem coleta e reciclar em Sorocaba não chega a 2% do total de resíduos da cidade. Ele também falou que a prefeitura da cidade de Sorocaba gasta em torno de R\$90.000,00 reais entre aluguel, energia, água e terceirização dos caminhões e motoristas na Central de Reciclagem. Entretanto o faturamento da Central corresponde, em torno de, R\$ 85.000,00 reais que são divididos entre os cooperados, então a cooperativa se fosse uma empresa não iria sobreviver, pois o seu gasto é superior ao seu ganho, e a prefeitura gasta R\$ 90.000,00 para que a Central recicle em torno de 0,8% do total de resíduos da cidade.

Durante a entrevista com o Marcel um cliente que comprava um determinado tipo de material na cooperativa estava utilizando a empilhadeira da cooperativa para encher a caçamba do seu caminhão com os fardos do material que estava comprando, durante o seu trabalho ele acabou batendo com a empilhadeira em um cano de água que acabou quebrando, logo a entrevista foi interrompida para que o Marcel pudesse concertar o cano. Enquanto ele concertava o cano e conversava comigo, o caminhão da coleta chegou no barracão e duas cooperadas que desceram do caminhão estavam discutindo sobre algo que tinha acontecido durante a coleta na rua.

A coordenadora Cida, depois que a discussão terminou, interveio conversando com as duas cooperadas separadamente, e o Marcel logo que concertou o cano também foi conversar com uma cooperada.

Enquanto o Marcel conversava com a cooperada eu olhei para o relógio e vi que era 11:30 da manhã, como a cooperativa ia parar meio dia para o horário de almoço, eu percebi que não ia dar tempo de eu ocupar nenhum posto de trabalho antes do almoço, então eu aproveitei os trinta minutos que restavam para tirar fotos da cooperativa para obter alguns registros de imagem.

Até este dia eu tinha tirado poucas fotos da cooperativa e ainda não tinha fotografado nenhum cooperado, o motivo de eu ter fotografado muito pouco foi pelo fato de eu não me sentir muito à vontade de tirar fotos para que os cooperados não me olhassem como um

pesquisador, um ser distante da realidade deles, tão distante que precisava tirar fotos como se estivesse em um passeio. Deste modo, até aquele dia, eu me contive em fazer os registros visuais da cooperativa.

Mas depois de tantos dias que trabalhei juntos aos cooperados e por eu ter trabalhado em praticamente todas as etapas do processo produtivo e desta forma, ter conhecido muitos cooperados por ter me esforçado junto com eles em diversas atividades, eu me senti confiante em começar a fotografar a cooperativa durante aqueles trinta minutos que me restava.

Inicialmente eu comecei a tirar fotos do galpão, dos bags que estavam separados e dos que ainda precisavam ser triados. Quando eu fui para o final da esteira, eu comecei a conversar com um cooperado que era prensista e já me conhecia e neste dia ele estava responsável por trocar o bag de lixo, que é o bag dos materiais que não são recicláveis e por isso são descartados no final da esteira.

Depois que o Marcel me viu conversando com este cooperado, ele me contou que o cooperado em questão tinha ameaçado processar a cooperativa, pois foi pedido para ele mudar de posto de trabalho, pois ele não estava tendo um rendimento satisfatório na prensa e desta forma queriam que ele trabalhasse em outro setor.

O cooperado foi muito relutante em mudar de atividade e isso mostra como certas atividades como a prensa são mais desejadas que outras, pois representa um certo grau superior de hierarquia, aos olhos de alguns cooperados. Mas o mais importante é que a prensa, por exemplo, o cooperado trabalha em seu ritmo e não no ritmo de uma máquina, como o trabalho na esteira.

Depois eu fui para o setor de triagem dos papéis, que fica em um canto da cooperativa onde os papéis são separados em três tipos (arquivo, encarte e misto). Neste setor estava uma cooperada que eu adquiri uma certa amizade e ela me falou para eu subir na esteira para tirar fotos das “meninas” trabalhando.

Deste modo, eu subi na esteira e as cooperadas gostaram que eu as fotografasse, fui passando por todos os buracos da esteira e fotografando quem permitia, eu fotografava e tinha que mostrar as fotos para elas verem como saiu, as vezes tinha que repetir porque algumas não gostaram de como saíram na foto. O processo de fotografar foi importante para eu interagir com algumas cooperadas que eu ainda não tinha conversado e para reencontrar outras que eu não via há um tempo. É interessante salientar, que muitas fotos ficaram desfocadas porque mesmo durante o curto espaço de tempo que eu levava para fotografar, elas não paravam de separar os materiais, pois não queriam que nenhum material passasse por elas.

Quando chegou a hora do almoço eu fui almoçar com os cooperados e durante o almoço eu perguntei para os cooperados que estavam comendo perto de mim como funcionava o rodízio dos postos de trabalho, de quem partia a iniciativa ou o comando para troca de atividade.

A partir das respostas dos cooperados eu percebi que o rodízio de atividade parte de diferentes iniciativas. Quando um cooperado não está gostando da atividade que está realizando ele pede para o coordenado para trocar de atividade, por exemplo uma cooperada relatou que estava se cortando muito no buraco que estava, então uma outra cooperada trocou de buraco com ela. Um outro motivo é a quando falta um cooperado em algum posto de trabalho, um outro cooperado precisar assumir a função, sendo que a prioridade da cooperativa quanto ao preenchimento dos postos de trabalho é primeiramente o caminhão de coleta, depois a esteira e por último a prensa. Porque como uma coopera relatou “se não tiver caminhão na rua, não tem material para separar”.

Depois do almoço, eu perguntei para a coordenadora Cida em qual função eu poderia trabalhar, contei para ela em quais funções eu já atuei e disse que só na prensa eu ainda não tinha trabalhado, mas eu não contei isso para ela com o intuito de trabalhar na prensagem, pois como é um maquinário mais sofisticado, eu pensava que não poderia trabalhar nele, devido a responsabilidade que assumiria em correr o risco de quebra-lo, me machucar ou simplesmente por não ter capacidade de operacionaliza-la.

Mas para a minha surpresa, quando eu contei que não tinha ainda trabalhado na prensa, ela disse que ia chamar um cooperado que trabalhava na prensa para me ensinar. Pois, como a cooperativa possuía cinco prensas e somente três prensas estavam sendo usadas, eu assumi a quarta prensa.

O prensista então me explicou que primeiramente era preciso virar o bag de material em cima da bancada que alimenta a prensa. Mas a bancada tinha em torno de um metro de altura e como o bag era pesado, era difícil virá-lo na bancada. O prensista disse que virava o bag sozinho, mas outros prensistas precisavam de ajuda para isso, então toda vez que era preciso eu virar o bag, ele me ajudava.

Eu estava trabalhando em prensar os bags de garrafa pet, segundo o prensista era necessário prensar quatro bags de garrafa pet para gerar um fardo do mesmo material. Então eu arrastei quatro bags para perto da prensa, mas como a bancada só cabia um pet por vez, toda vez que eu ia virar um novo bag, eu pedia ajuda para ele.

Quando eu comecei a trabalhar na prensa o fardo já estava praticamente finalizado, então ele me ensinou a amarrar o fardo com a corda plástica e eu iniciei a prensagem de um fardo novo.

Então nós viramos o bag na prensa, ele me ensinou qual botão levantava e abaixava a prensa e logo me deixou trabalhando sozinho. Desta forma meu trabalho era arrastar os materiais da bancada para a prensa com ajuda de uma madeira, prensar os materiais, subir a prensa e arrastar mais materiais até acabar o bag. Depois eu pedia a ajuda do outro prensista para transbordar o outro bag e eu repetia todo o processo até chegar no limite do tamanho do fardo.

Eu percebi toda vez que eu apertava o botão para prensar, que a prensa hidráulica chegava em um limite na prensagem e eu corria o risco de estragar a prensa ao força-la a prensar mais que o limite que suportava, desta forma eu precisava ficar atento ao limite da prensa para não estragar o maquinário. Eu fiquei surpreso pela responsabilidade que me foi dada ao me deixar trabalhar com um maquinário tão caro e com pouquíssimo treinamento, mas no final, acabou dando tudo certo e eu conseguir prensar um fardo inteiro.

Após prensar o fardo, eu pedi novamente a ajuda dele para poder fechar o fardo, então ele colocou uma capa protetora (um pedaço de bag) na parte superior do fardo e passou a corda plástica. São necessárias quatro cordas para amarrar o fardo, ele passou a primeira corda e deu o nó e deixou para eu passar as outras três e amarrar.

Quando eu terminei de amarrar o fardo, chegou a hora da pausa para o café da tarde, que acontece as 14:30 da tarde, com isso eu percebi que eu demorei uma hora e meia para prensar um fardo e aproveitei a pausa para o café para poder ir embora da cooperativa.

Diário de campo: 07/10/2016

Neste dia, eu retornei à cooperativa após um tempo afastado. Eu me afastei da cooperativa para poder redigir a minha dissertação para a qualificação de mestrado.

Quando eu cheguei na cooperativa por volta das 9:20 da manhã, eu notei que o Igor estava trabalhando no escritório, então eu aproveitei para ir conversar com ele e me atualizar sobre possíveis mudanças que aconteceram na cooperativa.

Logo que iniciamos nossa conversa, eu percebi que a Daniele não estava no escritório o ajudando. Quando eu perguntei sobre ela, ele disse que fazia dois dias que ela não trabalhava mais no escritório e deu uma longa explicação do motivo de ela ter sido transferida novamente para o galpão da produção.

O Igor começou a explicação dizendo que “a Daniele começou a se sentir mais que os outros cooperados, você percebia até pela mudança da roupa que ela começou a usar”. Ele disse que o problema não era ela ter mudado de roupa, e sim, não ter uma segunda roupa mais velha para usar quando precisasse da sua ajuda no galpão.

Junior relatou que “um dia que faltou muitos cooperados, eu e o Marcel tivemos que ajudar no galpão, e eu sempre deixo uma roupa no carro para essas ocasiões, já a Daniele não ajudou nesse dia porque não tinha outra roupa e não queria sujar a que ela estava usando, difícil né? Ela ficou vendo a gente trabalhar e não ajudou”.

Outro fato relatado é que ele e o Marcel sempre mantiveram o escritório limpo sem precisar da ajuda de outros cooperados, mas quando ela começou a trabalhar no escritório, ela convocava uma senhora que era cooperada para faxinar no escritório, sendo que ela mesmo poderia fazer isso.

Mais um motivo descrito é que a Daniele apesar de já estar seis meses trabalhando no escritório, ela ainda não tinha desenvolvido uma autonomia para realizar as atividades necessárias sem que fosse preciso que o Igor pedisse para ela fazer. Ele contou que todo mês era preciso conferir e imprimir os holerites dos cooperados, e a Daniele apesar de saber fazer e saber que era preciso fazer todo mês, ela não fazia até ele pedir para ela fazer.

Todo o caso foi relatado apenas pelo Igor e deste modo teve apenas um ponto de vista, o meu desejo é saber a versão da Daniele também, mas durante a minha etapa em campo eu não realizei nenhum trabalho que me aproximasse dela, então até o presente momento, não me sinto seguro para perguntar a ela sobre a sua saída do escritório.

O Igor quando tomou a decisão de tirar a Daniele das tarefas administrativas, fez sem consultar nenhum cooperado, pois por ele ser o único responsável pela administração, tem o poder de vincular e desvincular qualquer cooperado da administração, revelando a hierarquia presente na organização.

Durante a conversa com o Igor eu descobri que o Marcel é aposentado já há alguns anos e que ele não estava mais trabalhando na ONG, agora ele se tornou um cooperado remunerado, não mais voluntário. Ele também se tornou presidente de uma das cooperativas, sendo o Igor o presidente da outra cooperativa.

O cargo de presidente não tem função efetiva na organização, este cargo só cumpre as exigências jurídicas, tanto que o presidente anterior ao Marcel era um ex-cooperado, que só continuava ligado à cooperativa para assinar os papéis necessários.

Com o retorno do Marcel como cooperado remunerado, a administração recebeu um reforço, o que tranquiliza o Igor quanto a necessidade de trazer outro cooperado para a administração. Entretanto, a saída da Daniele logo após a chegada do Marcel, põe em dúvida o real motivo da mudança, pois a Daniele tornou-se dispensável na administração.

Porém, o Igor disse que continua desejando que outros cooperados participem da administração, ou até mesmo, não descarta a possibilidade da Daniele voltar a ocupar o posto.

Em torno das 10 da manhã, eu terminei a conversa com o Igor e desci no galpão para trabalhar. Logo que eu cheguei no galpão eu procurei o Marcel para conversar. Ele estava dirigindo uma empilhadeira e quando parou o seu serviço, ele me contou que aquela empilhadeira a cooperativa tinha ganho de uma associação de fabricantes que vendem seus produtos em embalagens plásticas.

Esta associação escolheu a Central de Reciclagem de Sorocaba para doar alguns equipamentos e deste modo, contribuir com a logística reversa de seus produtos. A cooperativa ganhou uma empilhadeira, uma prensa, dois conjuntos de lona e rolos para fazer a manutenção da esteira e mil bags novos.

Logo após a conversa com o Marcel, eu não sabia o que fazer na cooperativa, pois geralmente eu me dirigia a coordenadora Cida e ela me indicava uma função. Então eu fui até ela e a cumprimentei, mas ela estava ocupada auxiliando na alimentação da esteira através do transbordo de bags, então eu não me senti à vontade para perguntar onde eu poderia ajudar, então continuei andando pelo galpão.

Ao andar pelo galpão, eu percebi que o local onde os cooperados estavam arrastando os bags ficou cheio de material no chão, pois a maioria dos bags utilizados na cooperativa estão rasgando, então ao movimentá-los, os materiais caem. Então, para eu não ficar perdido no galpão, eu resolvi varrer aquele local e avisei a Cida que iria fazer isso.

Eu fui procurar uma vassoura e algum balde que funcionasse como pá de lixo para poder encher um bag com os materiais do chão, um cooperado me ajudou a achar um balde para a função, então eu fiquei varrendo o chão.

Durante esta atividade eu fiquei dividido entre o meu papel como trabalhador e o meu papel de pesquisador, este dilema que eu senti enquanto varria me acompanhou durante toda a minha pesquisa de campo. Pois, o meu papel de trabalhador da cooperativa é me empenhar em toda atividade que realizava para poder ser um membro útil na organização. Já o meu papel como pesquisador é coletar o maior número possível de dados relacionados a autogestão da cooperativa, para isso, eu devo estar presente como trabalhador nas mais diversas atividades, para ter uma vivência ampla e uma visão mais abrangente possível da prática da autogestão.

O papel de trabalhador e pesquisador estão intimamente ligados, quando eu me dedico ao trabalho, torno-me um membro útil para a organização, mudando a visão dos outros membros sobre mim, passando a ser reconhecido como trabalhador e não mais pesquisador. Quando eu sou visto como trabalhador, os outros cooperados começam a se comportar mais naturalmente na minha presença, eliminando o viés que o objeto de estudo muda na presença

do pesquisador. Portanto, o meu engajamento como trabalhador torna a minha coleta de dados como pesquisador mais fiel a realidade.

Mas em contrapartida, quando eu me dedico muito ao trabalho como cooperado, eu acabo me esquecendo que sou pesquisador, quando eu estou concentrado em determinada atividade, eu deixo de coletar os dados relacionados a prática da autogestão, pois estou concentrado na atividade que estou realizando.

Portanto, enquanto eu varria o chão, eu me perguntava o quanto aquela atividade estava agregando na minha pesquisa, pois eu estava isolado dos demais cooperados. Em contrapartida, eu comecei a varrer o chão para não ficar parado sem fazer nada, pois eu e todos os cooperados sentimos a pressão da constante vigilância em estar sempre fazendo algo útil para a organização.

Ao terminar de varrer, eu fiquei perdido novamente sem saber o que fazer, como eu estava varrendo próximo ao final da esteira, onde cai o lixo que não é reciclável, eu fui conversar com o cooperado Caio, responsável pela troca do bag de lixo.

Quando o bag de lixo encheu, eu me ofereci para arrastar o bag até o local onde o lixo fica depositado, e continuei a conversar com ele, quando o segundo bag encheu, ele me pediu para arrastar novamente, e eu fiquei feliz por ter ganhado uma função.

O final da esteira fica próximo as prensas, então eu comecei a ajudar os prensistas a transbordar os bags na bancada da prensa, pois eu já tinha trabalhado como prensista e sabia o quanto era difícil levantar um bag sozinho na prensa. Mas como o intervalo de transbordo dos bags era grande, quando eu estava ocioso, o Caio que ficava no final da esteira me pediu para organizar os bags vazios que estavam perto dos bags de lixo.

Eu tinha que colocar um bag dentro do outro, pois os bags estavam todos espalhados, mas eu não estava gostando da atividade, pois os bags vazios estavam pertos dos bags de lixo e aquele era o local mais sujo e fedido da cooperativa. Mas como eu fui designado para a função, se eu não aceitasse, eu ia parecer fraco perante os outros cooperados, e todos os cooperados, inclusive eu, tentamos não demonstrar fraqueza.

Mas depois de um curto período de tempo na atividade, por sorte, o Marcel me recrutou para encher a caçamba com papelão. Eu fiquei entusiasmado, pois eu nunca tinha participado desta atividade.

O trabalho consistia no Marcel dirigir uma empilhadeira que tinha uma plataforma que podia elevar dois bags e duas pessoas. Então dois cooperados colocavam dois bags na plataforma e eram elevados junto com os bags acima da caçamba, eu tinha que ficar dentro da caçamba, que já estava com papelão até a sua metade, para distribuir melhor os papelões que eram transbordados dos bags e amassá-los com os pés.

Eu estava apreensivo realizando este trabalho, pois conforme a caçamba ia enchendo, eu comecei a ficar cada vez mais alto com relação ao chão e ao mesmo tempo que a borda da caçamba que me protegia da queda estava cada vez menos exposta. Quando a caçamba começou a ficar muito cheia, o Hélio, um dos cooperados que estava transbordando os bags da plataforma pulou para me ajudar a amassar o papelão, restando apenas um cooperado na plataforma para virar os bags.

O Hélio é o cooperado que entende dos metais e tem uma espécie de oficina onde ele separa os metais que vem nos materiais. Durante o trabalhando enchendo a caçamba, ele coordenava onde a empilhadeira deveria transbordar o bag, e como nós dois trabalhamos juntos amassando o papelão em cima da caçamba, eu acabei me aproximando mais dele.

Quando a caçamba ficou cheia, eu realmente estava preocupado e concentrado para não cair de cima dela, pois o papelão é escorregadio. Mas logo que os papelão que era jogado do bag começou a cair para fora dela, nós terminamos o trabalho.

Logo depois deste trabalho eu fui almoçar com os cooperados, como eu estava alguns meses afastado da cooperativa, muitos cooperados vieram falar comigo e me perguntaram onde eu estava este tempo todo. Desta vez para almoçar eu levei um suco em pó para fazer e poder dividir com os demais cooperados, pois em outros momentos eles já dividiram o suco comigo.

Durante o almoço eu presenciei os cooperados comentando que eles estão suspeitando que estão sendo roubados, pois a hora caiu para o valor de 6 reais e pouco. Isso representa uma grande queda na retirada, pois a hora valia 8 reais quando eu trabalhava na cooperativa há alguns meses atrás.

Uma cooperada durante o almoço disse “eu não engoli até agora aquela quantia de material vendido que eles apresentaram para nós”. Eu estava almoçando com eles e percebi que ela não ficou constrangida em falar isso na minha presença, já eu no papel de pesquisador e trabalhador, assim como eles, não sei ao certo se a suspeita sobre o roubo realmente é verdade.

Quando eu voltei do almoço, eu comecei a pensar o que eu ia fazer e percebi que os prensistas tinham que parar a atividade toda vez que precisavam trazer mais bag próximo a esteira, então eu me ofereci para levar os bags até as duas prensas onde fica um cooperado em cada.

Para transportar os bags, eu utilizava um carrinho hidráulico movido a força humana. Eu tinha que ir até o estoque de bags já separados que ficava em uma cobertura do lado de fora do galpão, então eu puxava o bag até em cima da plataforma do carrinho, levantava a plataforma do carrinho, puxava ele até a prensa, abaixava a plataforma e puxava o bag para fora do carrinho.

A cooperativa possui três carrinhos para transportar os bags, são três modelos diferentes, eu comecei usando um, mas a plataforma dele não estava abaixando direito, então logo que tive oportunidade troquei de carrinho. Mas este outro carrinho estava com a roda meio ruim e estava difícil de move-lo, então, quando tive outra oportunidade, eu troquei novamente de carrinho e percebi que este último era o melhor da cooperativa.

Eu fiz em torno de umas vinte viagens para levar todos os bags de tetrapack que eles estavam prensando, entre as viagens eu também ajudava os prensistas a transbordar os bags na esteira, com isso, eu me aproximei mais ainda dos dois prensistas.

Quando chegou o horário para a pausa de 15 min do café eu ia embora, mas um dos prensistas, que eu sempre almoçava perto dele, mas nunca nos tínhamos conversado, chegou para conversar comigo e mostrar a sua bicicleta motorizada que estava com problema. Ele me explicou qual era o problema e pediu a minha opinião, pois ele não queria levar na oficina para economizar dinheiro, eu não consegui ajudar ele, mas nós ficamos conversando sobre a moto. Então o horário do café terminou e eu não fui embora.

Quando todos voltaram ao trabalho, eu resolvi terminar de arrastar os bags de tetrapack que faltavam, quando eu terminei e fiquei sem função, eu resolvi ir embora.

Diário de campo: 17/10/2016

Eu cheguei na cooperativa um pouco antes da 10 da manhã, logo que eu cheguei eu notei que o carro do Igor não estava lá, mas eu fui no escritório para conferir e percebi que o escritório estava fechado e ele realmente não estava na cooperativa, então eu desci no galpão para trabalhar.

Quando eu cheguei no galpão, mais uma vez eu não sabia o que fazer, então eu fui cumprimentar o Caio que fica no final da esteira e ele me pediu para pegar uns materiais que estavam na entrada do galpão e levar até o início da esteira. Na entrada do galpão tem um local específico para que a população deixe o material reciclável, então eu levei estes materiais até o início da esteira.

No início da esteira, eu encontrei a coordenadora Cida que estava trabalhando com mais duas cooperadas. Eu cumprimentei-as e deixei o material com elas. Quando eu estava voltando, eu percebi que um carro parou e deixou mais material na entrada do galpão, então eu levei estes materiais para a esteira também.

Quando eu terminei esta atividade, eu novamente não sabia o que iria fazer, mas assim que percebi que o final da esteira tinha enchido mais um bag de lixo, sem eu pedir a permissão

do Caio (que trabalha nesta atividade) eu peguei o bag cheio e levei até o local fora do galpão onde fica o lixo.

Então eu voltei para o final da esteira e ajudei o prensista Cláudio a transbordar um bag na prensa e já perguntei para ele se queria que eu levasse os bags com material até a prensa, ele aceitou. Deste modo, eu levei os bags que tinha embalagens de PEAD branco para a prensa.

Em seguida eu me dirigi até o outro prensista, que tem uma bicicleta motorizada, mas eu ainda não sei o nome dele, e perguntei se ele queria que eu levasse os bags para ele prensar. Ele aceitou e eu levei um bag de plástico misto para ele.

Logo em seguida, o Marcel convocou eu e o Hélio para ajudar a encher a caçamba de papelão. Nós tínhamos que colocar o bag na plataforma da empilhadeira e depois que o Marcel elevasse a plataforma com a gente e os bags, nós tínhamos que transbordar o bag do alto da plataforma na caçamba.

Eu já tinha realizado esse trabalho na última visita de campo, mas desta vez eu fiquei na plataforma e não dentro da caçamba, que estava vazia. Quando eu iniciei o trabalho, o Marcel me alertou para eu posicionar o bag um pouco para dentro da plataforma, para não correr o risco de quando transbordá-lo, ele cair da plataforma e me derrubar junto. Desta forma, a minha maior preocupação era não errar no transbordo do bag e cair dentro da caçamba que, por estar vazia, não tinha nenhum material para amortecer a queda.

Quando algum bag estava amarrado, Hélio utilizava a sua faca para cortar a amarração enquanto nós éramos elevados até acima da caçamba, e a maior dificuldade era quando eu pegava algum bag que tomou chuva, pois o papelão molhado praticamente dobrava de peso e ficava muito difícil colocá-lo na plataforma e mais perigoso ao tombá-lo.

Depois de algum tempo realizando este trabalho a caçamba chegou na metade da sua capacidade e o Hélio pulou da plataforma para dentro da caçamba sem avisar ninguém. Neste momento eu percebi que seria o único responsável por encher a caçamba, já que o Hélio ia ficar dentro dela amassando os papelões.

Sem hesitar, eu continuei o trabalho sem me mostrar abalado, embora eu estivesse preocupado em ter que continuar sozinho, principalmente quando precisasse cortar um bag amarrado, já que até aquele momento eu não tinha cortado nenhum.

Agora eu tinha que carregar dois bags na plataforma e transbordá-los na caçamba, enquanto o Hélio ficava dentro dela arrumando os papelões que eu despejava. Quando eu peguei o primeiro bag amarrado, eu cortei-o com a faca do Hélio antes de colocá-lo na plataforma, embora eu soubesse que o trabalho se tornava mais rápido se eu cortasse enquanto eu estava sendo levantado pela empilhadeira.

Eu cortei o bag no chão porque era mais seguro, pois enquanto a plataforma é levantada, ela balança e se torna mais difícil se movimentar dentro dela. Mas depois de algum tempo, para eu provar para o Marcel e o Hélio que eu era um trabalhador eficiente, eu comecei a cortar o bag dentro da plataforma em movimento e a cada viagem da empilhadeira, eu tentava fazer a minha parte mais rápida.

Mesmo estando cada vez mais cansado e com calor, pois o verão já tinha chegado no galpão, em nenhum momento eu demonstrei fraqueza ou medo. Ao analisar a minha postura de trabalhador/pesquisador eu percebo que a necessidade de estar sempre me mostrando um cooperado eficiente surge da minha vontade de ser aprovado pelo grupo.

A minha vontade de ser aprovado pelo grupo parte da minha postura como pesquisador, mas que se desdobra no meu eu trabalhador. Pelo fato de eu ser um pesquisador, cumprir um horário bem mais flexível que os demais cooperados e ir à cooperativa uma ou duas vezes por semana, mesmo que eu me esforce como trabalhador, sempre serei um membro estranho ao grupo. Portanto, eu me dedico ao trabalho e tento não demonstrar fraqueza para diminuir essa distância entre pesquisador e o objeto de estudo, para isso tenho que me dedicar ao trabalho do mesmo modo que os demais cooperados.

Quando eu vi que o volume de bags de papelão já estava acabando, eu fiquei aliviado, pois estava cansado e molhado de suor. Mas antes que eu pudesse ficar feliz, a empilhadeira me transportou para um outro local, um pouco mais afastado da caçamba e eu me deparei com muito mais bags de papelão, praticamente a mesma quantidade que eu já tinha transbordado na caçamba, foi aí que eu percebi que o plano era encher a caçamba inteira.

Neste momento eu me assustei, mas continuei o meu trabalho como se estivesse tudo normal. Eu vi o volume do bag diminuir a cada viagem e o nível da caçamba subir até que chegasse no limite, os papelões começaram a cair dela e o Hélio em cima da caçamba disse para o Marcel que já bastava. Foi então que eu me deparei, do alto da plataforma, uma caçamba que no começo estava vazia, abarrotada de material, e perceber que 80% daquele papelão eu transbordei sozinho, fiquei orgulhoso do meu trabalho.

Neste dia eu estava usando uma camiseta branca de algodão, que de tanto suor tinha dobrado de peso e mudado de cor, ficou cinza devido a sujeira do bag. Já estava chegando a hora do almoço e eu estava indo até o bebedouro, quando o Marcel falou para eu ir até o banheiro de escritório limpar meu rosto e pegar uma camiseta da cooperativa.

A camiseta da cooperativa representou um prêmio para mim, como se eu finalmente fosse aprovado pelo grupo. Então eu peguei a chave do escritório com o Marcel e fui buscar a minha camiseta.

Quando eu cheguei no banheiro do escritório eu fiquei feliz de usar um banheiro limpo. Pois o banheiro que eu sempre usava no galpão, era um banheiro muito sujo, e pelo fato de ser o banheiro dos homens, nunca era limpo. Eu ficava desanimado toda vez que precisava usar aquele banheiro tão fedido.

Enquanto eu estava no banheiro do escritório, eu percebi o privilégio que o pessoal que trabalhava no escritório tinha. Aquela banheiro limpo me fez pensar se a Daniele voltou para o galpão por causa do seu baixo desempenho ou porque o Marcel e o Igor não queriam a presença dos cooperados na administração.

Depois que eu coloquei a minha camiseta da cooperativa, eu percebi que já ia chegar a pausa para o almoço, então eu resolvi tirar umas fotos da cooperativa até o horário de meio dia.

Logo que eu almocei, eu fui na calçada na frente da cooperativa descansar um pouco e me refrescar, porque onde os cooperados almoçam é coberto com telha de eterniti, então fica muito quente. Um pouco antes da 1 hr eu ouvi o apito da Cida (coordenadora) para que nós voltemos ao trabalho, quando eu ouvi o apito eu comentei com uma cooperada ao meu lado em tom de ironia que o meu relógio estava atrasado então ela me respondeu “não é não fio, a Cida sempre apita antes de uma hora”.

Quando eu voltei do almoço, eu transportei mais uns bags para os cooperados da prensa. Em um momento, que eu estava ocioso vendo o Hélio encher uma caçamba de sucata, a Cida me pediu para arrastar um balde de sucata para um outro local, depois de um tempo uma outra cooperada me pediu para ajudá-la a transportar um bag que estava pesado.

Depois que os cooperados começaram a me pedir ajuda eu percebi que eu estava assumindo um posto de ajudante geral dos cooperados, na realidade eles sempre precisam de ajuda, mas antes eles não tinham coragem de pedir ajuda para mim, agora eles estão começando a tomar esta liberdade.

Quando chegou a hora da pausa para o café da tarde eu passei para me despedir do Marcel antes de ir embora e nós começamos a conversar. Ele começou a me contar a história da vida dele, como ele se tornou um mecânico. Durante a nossa conversa eu percebi que ele está confiando mais em mim, devido principalmente ao trabalho que eu realizei enchendo a caçamba nos últimos dois dias. Quando nós terminamos a conversa, eu fui embora da cooperativa.

Diário de Campo: 27/10/2016

Eu cheguei na cooperativa por volta das 9:30 da manhã e fui direto para o escritório para cumprimentar o Igor. Eu perguntei para ele se poderia me responder umas perguntas que eu enviaria pelo WhatsApp.

Logo que eu iniciei a minha pesquisa na cooperativa, a primeira atividade que eu fiz foi entrevistar o Igor para eu coletar as primeiras informações sobre a organização e, principalmente, para me aproximar dele e com isso, conseguir a permissão para realizar o meu estudo etnográfico.

Mas depois que ele se tornou membro da cooperativa e começou a passar o período da manhã realizando as atividades administrativas, apesar de eu conversar com ele e conseguir algumas informações através da entrevista informal, ficou mais difícil eu realizar uma entrevista formal e mais demorada.

Então eu sugeri enviar as perguntas que faltavam pelo aplicativo de celular WhatsApp, para que ele lesse e me respondesse por áudio no mesmo aplicativo, deste modo, não tomaria muito tempo para ele. O Igor aceitou a minha proposta prontamente, pois ele percebeu que deste modo ele me ajudaria sem atrapalhar o seu trabalho.

Depois da pequena conversa com o Igor eu fui para o galpão da cooperativa. Neste dia, eu fui para a cooperativa com o objetivo de trabalhar novamente na coleta dos materiais na rua, pois eu já tinha ficado muito tempo no galpão e pouco tempo na coleta na rua.

Quando eu cheguei na cooperativa, como de costume, eu fui cumprimentar o Caio que fica no final da esteira. Por ele ser bem receptível comigo e pelo fato do trabalho dele de trocar os bags oferecer um pouco de ociosidade a ele, eu percebi que sempre que eu chego eu vou direto a ele por eu me sentir mais seguro no seu posto de trabalho.

Eu fiquei ajudando ele e os prensistas enquanto encontrava uma oportunidade para conversar com a Cida (coordenadora) sobre a minha vontade de trabalhar na coleta na rua. Em um determinado momento eu fui levar um bag com material para o início da esteira e aproveitei para cumprimentar a Cida e perguntar a ela sobre a possibilidade de eu ir para a coleta na rua.

Ela me disse que não teria problema nenhum e que me encaixaria em algum caminhão assim que eles chegassem no turno da manhã da coleta. Após a minha conversa com ela, eu voltei para o final da esteira e o Caio, ao perceber que eu estava ocioso, me pediu para ir colocar um bag dentro do outro.

Esta atividade consistiu em guardar os bags que estavam em um canto do lado de fora do galpão dentro de um bag. Quando ele me pediu para fazer este trabalho, eu aceitei mesmo não querendo fazer o serviço.

Eu não queria fazer este trabalho pois os bags estavam muito sujos e molhados, por estarem ao relento e ter chovido no dia anterior. Eu também não gostei da atividade por me deixar isolado no lado de fora da cooperativa e sem ninguém trabalhando perto de mim.

Mas mesmo contrariado, eu continuei a realizar o trabalho. Eu tinha que tentar colocar o máximo possível de bag dentro de somente um bag e depois movimentá-lo para outro canto. Como era início do dia de trabalho para mim, eu ainda estava limpo e toda vez que eu pegava um bag molhado para guarda-lo eu me sujava mais e começava a ficar mais aborrecido com o trabalho.

Enquanto eu realizava a atividade, eu ficava me perguntando sobre o propósito daquele trabalho. Pois aqueles bags, na minha visão, não precisavam ser guardados dentro de um só, se posteriormente eles seriam novamente utilizados. Além de que, eu nunca tinha visto os bags guardados dentro de um só, eu sempre via eles amontoados em um canto soltos.

Outro fator que me enfurecia é que na minha visão o Caio só me mandou fazer aquela atividade por me ver ocioso, e não porque aquela atividade era necessária para a cooperativa. Mas ao escrever esse diário, me veio à mente, que esta atividade poderia fazer parte das atividades que ele desempenha, então ele aproveitou a oportunidade de se livrar daquele trabalho ao delega-lo para mim.

De qualquer forma eu continuei o trabalho e em um determinado momento o Marcel foi falar comigo e me disse que a Cida tinha falado que eu queria fazer a coleta na rua. Ele me disse que não teria nenhum problema e era só eu escolher o caminhão que queria ir, então eu respondi que poderia ser qualquer caminhão, menos o caminhão que eu já tinha trabalhado a última vez.

Depois que eu terminei de guardar os bags eu voltei para dentro do galpão e me ofereci para levar uns bags até a prensa, quando eu terminei de levar os bags o prensista Cláudio (prensista) perguntou se eu não queria ficar prensando em uma prensa que estava cheio de material e não tinha trabalhador nela, eu aceitei prontamente.

Eu comecei a prensar e percebi que o fardo prensado já tinha passado do limite da prensa que um outro prensista tinha me ensinado há um tempo atrás. Ao notar isso, eu perguntei ao Cláudio quanto material eu deveria prensar, ele me disse que ainda cabia dois bags, eu achei muito material, mas não falei nada e continuei prensando.

Enquanto eu prensava, eu percebi que devido ao fardo já estar com muito material, toda vez que eu empurrava o material na prensa, metade do material voltava, e isso estava dificultando o meu trabalho. Então eu aproveitei que o Cláudio não estava por perto e resolvi perguntar ao outro prensista o quanto de material ainda cabia no fardo.

O outro prensista então me perguntou “O que o Cláudio falou para você?” Eu respondi que ele disse que ainda cabia dois bags e ele então me disse “Não adianta ficar fazendo fardo além do limite, porque você fica empurrando o material e ele fica voltando para trás, é melhor fazer dois fardos de 80kg do que um fardo de 120kg, quando o fardo fica grande, fica mais demorado porque o material começa a voltar”.

Quando ele me respondeu isso, eu fiquei aliviado, pois ele falou exatamente o que eu estava pensando. Ao mesmo tempo, eu percebi que ele disse isso como forma de desabafo e por não concordar com o tamanho de fardo que o Cláudio faz. No momento da nossa conversa o Cláudio chegou e eu perguntei para ele se cabia mais material e ele me disse “oxe, ainda cabe mais um bag, quer ver?”. Então ele começou a empurrar mais material para dentro da prensa, enquanto que o outro prensista que não concordava com ele não disse nada na sua frente.

Mas depois de duas prensadas o Cláudio percebeu que não cabia mais material na prensa e disse “agora não cabe mais”. Quando ele aceitou que não cabia mais, eu comemorei por dentro, pois embora ninguém ter falado nada, ficou no ar uma sensação que o Cláudio estava errado quanto a capacidade da prensa.

É importante ressaltar deste acontecimento que os dois prensistas que atualmente trabalham na cooperativa possuem autonomia no trabalho deles. Pois, o Igor que trabalha na administração não interfere na produção, o Marcel que voltou para cooperativa (apesar de informalmente estar acima dos demais cooperados na hierarquia) é responsável por comandar a empilhadeira e a Cida (coordenadora) só interfere no trabalho dos prensistas se eventualmente precisar transferi-los para a esteira.

Portanto, eles têm autonomia para decidir o tamanho de fardo que irão fazer, apesar de um antigo prensista ter me ensinado o limite da prensa. Desta forma, cada prensista faz o fardo de um tamanho diferente e utiliza uma lógica própria para definir o tamanho do fardo. Contanto que eles presem todo o material separado, ninguém interfere no trabalho.

Quando o Cláudio disse que não cabia mais material, eu o ajudei a amarrar o fardo e transportá-lo até outro local. Neste momento um caminhão de coleta já tinha chegado no galpão e o Marcel me chamou para me apresentar ao pessoal que trabalha no caminhão, pois eu iria trabalhar com eles no turno da tarde de coleta.

Neste caminhão trabalhava o caminhoneiro, que era funcionário de uma empresa terceirizada, e quatro cooperados, sendo três mulheres e um homem. O Marcel explicou a eles que eu era estudante e estava trabalhando junto aos cooperados para aprender como eles trabalham na cooperativa. Era 11:30 da manhã e eu perguntei a uma das cooperadas do caminhão que horas eles iriam sair, ela me respondeu que ia sair 12:30, então eu fui almoçar.

Depois que eu terminei de almoçar, eu fui até a calçada na frente da cooperativa, pois lá o ar é mais fresco, enquanto eu estava descansando e esperando para sair na coleta eu percebi que a Cida (coordenadora) estava perto de mim, também descansando, e aproveitei para realizar uma entrevista com ela.

Embora eu não tivesse nenhuma pergunta anotada, eu sabia quais informações eu queria obter através da entrevista. Desta forma, eu a abordei perguntando se eu poderia fazer umas perguntas com relação ao trabalho dela como coordenadora e ela aceitou.

Eu comecei a entrevista, perguntando o que mudou na vida dela como cooperada, depois que ela assumiu a função de coordenadora e ela me respondeu que “ah, basicamente só aumentou a minha responsabilidade com o galpão, porque antes eu ficava na rua (coleta), agora eu tenho que tomar conta do galpão”.

Eu perguntei como que ela se transformou em coordenadora e ela respondeu que “como o outro menino saiu, eles precisavam de alguém para assumir o papel, então o Igor pediu para mim”.

Segue a seguir o restante da entrevista com a transcrição da minha fala (entrevistador) e a fala da Cida (entrevistada).

Entrevistador: “Com que frequência acontece reunião na cooperativa e o que é decidido nestas reuniões?”

Cida: “Geralmente a gente faz reunião para decidir se tira ou coloca alguém, a gente também faz reunião para eleger diretor, tesoureiro, coordenador...”

Entrevistador: “Mas no seu caso, não teve reunião para te eleger né?”

Cida: “No começo não, mas depois a gente fez uma reunião para ver se todo mundo concordava em eu continuar na coordenação”

Entrevistador: “Eu sei que um dos seus papéis é mudar os cooperados de lugar, quando falta alguém, como você faz isso?”

Cida: “Segunda feira e dia de pagamento é o mais difícil para mim, porque falta mais gente, o resto dos dias falta pouca gente, mas também as vezes alguém pede para trocar de lugar.”

Entrevistador: “E como você faz para trocar a pessoa de lugar?”

Cida: “A gente tem que dar prioridade para a rua né, porque quando o material tá no galpão o nosso dinheiro tá garantido, mas o material vem da rua, então não pode faltar gente pra pegar esse material, se precisar eu tiro gente da esteira e da prensa para por na rua, porque a esteira pode funcionar com menos cooperados, porque um cobre o buraco do outro, mas a rua não”

Entrevistador: “Mas as pessoas não trocam muito de lugar né?”

Cida: “Você reparou que na esteira só fica as senhoras né? Elas não trocam de lugar”

Entrevistador: “Eu lembro que no começo da esteira de separação, onde se rasgava as sacolinhas era o maior problema, ninguém parava lá, então a antiga coordenadora sempre tinha que ficar colocando um novo cooperado para ficar naquele posto, como você está lidando com o começo da esteira?”

Cida: “Agora não tem mais esse problema, porque eu coloquei mais uma cooperada na esteira do chão, daí ela fica rasgando as sacolas antes de subir para a esteira de separação e não fica mais pesado para quem está no início da esteira”

É importante analisar, nesta entrevista, que as reuniões da cooperativa, que acontecem com pouca frequência, servem somente para eleger novos cargos e para tirar alguém da organização.

No tempo que eu passei realizando o trabalho de campo e durante as entrevistas com a coordenadora, e as conversas com o Marcel e com o Igor, não chegou ao meu conhecimento de nenhuma reunião para decidir sobre algum investimento da cooperativa. Por exemplo, quando foi preciso gastar 20 mil reais para concertar uma empilhadeira, o Igor tomou a decisão sozinho.

Pelo fato do Igor concentrar todas as decisões administrativas, sem deixar que os cooperados tomem ciência e participem destas decisões, ele aliena os demais cooperados quanto aos problemas enfrentados pela organização e alimenta o clima de desconfiança sobre a o seu trabalho.

Outro ponto importante que deve ser ressaltado é a melhoria organizacional que a coordenadora realizou ao colocar mais uma cooperada na entrada da esteira para melhorar o trabalho de quem fica no início da esteira de separação. Essa melhoria foi alcançada porque a coordenadora é uma cooperada como os demais, que somente possui uma responsabilidade a mais. Portanto, ela enxergou a melhoria por estar densamente envolvida no processo de produção.

Após a entrevista com a Cida, eu entrei no caminhão para ir para a coleta na rua. Eu fui na cabine da frente junto com mais uma cooperada e o motorista, enquanto que na cabine de trás foram mais três cooperados, duas moças e um rapaz.

Quando nós chegamos ao bairro onde seria realizada a coleta eu, o rapaz e a cooperada mais velha ficamos responsáveis por recolher os materiais das casas, enquanto que as duas moças ficaram dentro do caminhão organizando os materiais e separando o papelão e o vidro, já o motorista apenas dirigia o caminhão pela rota.

Como eu já tinha trabalhado na coleta na rua, eu já sabia o que fazer e não precisei de ajuda para realizar o trabalho. Mas desta vez a rotina foi um pouco diferente, pois na outra vez nós estávamos em três cooperados e o motorista terceirizado se sentiu forçado a trabalhar também para não atrasar a realização da rota. Já desta vez, como eu representava um cooperado a mais, a rota foi realizada mais rapidamente, e eu percebi que geralmente os motoristas não ajudam na coleta, somente dirigem.

Inicialmente nós realizamos a coleta em um determinado bairro, depois nos dirigimos até dois condomínios e terminamos a coleta em uma escola. Por eu estar ajudando na coleta e pelo fato da escola e de um condomínio ter pouco material naquele dia, a rota foi realizada mais rápida que o normal e os cooperados ficaram indecisos sobre o que fazer para não chegar mais cedo no galpão.

Quando o último ponto da rota, que era a escola terminou, os cooperados e o motorista se reuniram na frente da escola para decidir o que fazer. Eles tinham três opções, voltar mais cedo no galpão e ficar na esteira de separação para cumprir horário, ir para outro ponto de coleta do dia seguinte para adiantar a coleta ou simplesmente ficar descansando em algum lugar para não chegar mais cedo no galpão.

Durante a reunião um cooperado disse “eu não quero chegar mais cedo no galpão, porque eu não quero ficar na esteira”, outro cooperado disse “então vamos adiantar algum lugar”, outro se pronunciou “mas qual lugar?”, mas pelo fato deles não conseguirem chegar em um consenso em qual bairro eles poderiam ir para adiantar a rota um cooperado chegou a dizer “a gente pode ficar naquela praça descansado”.

A dúvida em decidir sobre qual bairro ou condomínio eles poderiam adiantar decorre sobre a dificuldade em conciliar a distância do ponto de coleta com relação a escola que nós estávamos e a questão que dependendo do ponto que fosse escolhido, a rota do outro dia também seria muito adiantada e ficaria mais curta, e o problema de chegar mais cedo no galpão ia acontecer novamente.

Depois de algum tempo em que os quatro cooperados e motorista ficaram conversando sobre o que fazer, eles chegaram em um consenso e decidiram ir até um condomínio para adiantar a coleta. Quando nós chegamos no condomínio, um segurança do condomínio logo falou, em um tom de revolta, antes de pararmos o caminhão “ué não era para vocês virem sexta feira?” e o motorista respondeu “é que a gente não decidiu direito a rota ainda, mas se o material não tiver pronto, não tem problema, a gente volta na sexta”, mas o zelador do condomínio autorizou-nos a realizar a coleta.

O zelador me levou até o local onde eles guardavam o material reciclável e explicou que seis dos containers que estavam lá tinha material reciclável e mais alguns sacos de lixo. Eu me assustei com a quantidade, porque equivalia a todo o restante que a gente tinha coletado naquela dia, então eu comecei a levar os containers até o caminhão, o motorista começou a me ajudar porque ele percebeu que era muito material e se não ajudasse nós acabaríamos chegando tarde no galpão.

Nós ficamos muito tempo transportando os containers, esvaziando-os, separando o papelão e o vidro, amarrando os bags e empilhando-os no caminhão, mas finalizamos o trabalho e chegamos sem atraso no galpão.

Quando chegamos no galpão eu ajudei a descarregar o caminhão e fiquei observando o Marcel a manobrar a empilhadeira. O Marcel estava levantando um cooperado e dois bags com o auxílio de uma plataforma que ficava na ponta da empilhadeira. Deste modo, eles descarregavam os bags do caminhão e empilhavam em um canto do galpão. Depois que terminamos de descarregar, já era 17 hrs e todos fomos embora da cooperativa.